

Semiótica

Semiótica

Ana Paula Pinheiro da Silveira
Antonio Lemes Guerra Junior

© 2018 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente
Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação
Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico
Alberto S. Santana
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Danielly Nunes Andrade Noé
Grasiele Aparecida Lourenço
Isabel Cristina Chagas Barbin
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica
Claudia Dourado De Salces

Editorial
Adilson Braga Fontes
André Augusto de Andrade Ramos
Leticia Bento Pieroni
Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587s Silveira, Ana Paula Pinheiro da
Semiótica / Ana Paula Pinheiro da Silveira, Antonio Lemes Guerra Junior. – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.
140 p.

ISBN 978-85-522-0320-9

1. Semiótica. I. Guerra Junior, Antonio Lemes. II. Título.

CDD 302.2

2018
Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 — Londrina — PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: http://www.kroton.com.br/

Sumário

Unidade 1 | Fundamentos Semióticos 7

Seção 1 - Teorias semióticas 10
1.1 | O conceito de Semiótica 10
1.2 | A Semiótica Peirceana 13
1.3 | A Semiótica da Cultura 16
1.4 | A Semiótica Greimasiana 17

Seção 2 - Princípios da Semiótica Greimasiana 21
2.1 | Origens da Semiótica Greimasiana 21
2.2 | Influências estruturalistas 23
2.3 | Abrangência da Semiótica Greimasiana 25

Seção 3 - O texto sob uma perspectiva semiótica 27
3.1 | A dualidade definidora do texto 28
3.2 | Análise interna e análise externa do texto 30
3.3 | Os planos do texto 33
3.4 | Metodologia de análise semiótica do texto 32

Unidade 2 | Análise semiótica de textos 41

Seção 1 - O percurso gerativo de sentido: nível fundamental 44
1.1 | Essência do percurso gerativo de sentido 44
1.2 | Aspectos teóricos ligados ao nível fundamental 46
1.3 | Aplicação prática dos conceitos 47

Seção 2 - O percurso gerativo de sentido: nível narrativo 52
2.1 | Aspectos teóricos ligados ao nível narrativo 52
2.2 | Aplicação prática dos conceitos 55

Seção 3 - O percurso gerativo de sentido: nível discursivo 59
3.1 | Aspectos teóricos ligados ao nível discursivo 59
3.2 | Aplicação prática dos conceitos 61

Unidade 3 | Semióticas sincréticas 71

Seção 1 - O semissimbolismo 75
1.1 | Planos de Conteúdo e Expressão e suas relações com o conceito de signo, símbolo e semissimbolismo 75

Seção 2 - A Semiótica e as múltiplas linguagens 83
2.1 | Percepção do mundo: uma experiência sensorial e sinestésica 83
2.2 | Multimodalidade vs. sincretismo 85

Seção 3 - Princípios de semiótica plástica 90
3.1 | Metodologia para a leitura de um texto visual 90

Unidade 4 | Semiótica e ensino 105

Seção 1 - A presença da Semiótica na formação do professor 108
1.1 | As teorias do texto na formação do professor 108
1.2 | A Semiótica nos cursos de Letras 111

Seção 2 - A Semiótica nas aulas de Língua Portuguesa 116
2.1 | As relações entre a Semiótica e o ensino de leitura 116
2.2 | Diferentes linguagens, diferentes textos, mas uma mesma teoria 117

Seção 3 - Proposta de abordagem semiótica em atividades de leitura e escrita 122
3.1 | Conhecendo novos modos de leitura 122
3.2 | Tornando-se um leitor autônomo 125
3.3 | Aplicando os conceitos na produção de textos 126

Apresentação

Olá!

Seja muito bem-vindo à disciplina de Semiótica.

Você já deve ter percebido, ao longo do curso, que o universo dos estudos da linguagem é fascinante, não é? Sob inúmeras perspectivas teóricas, diferentes objetos de estudo (língua, linguagem, texto, discurso etc.) são explorados com o objetivo de se chegar ao modo como se organizam, àquilo que representam, que significam.

Nesta disciplina, que integra esse vasto campo do conhecimento, você, aluno, vivencia um importante momento de sua trajetória acadêmica: o desvendar de um novo olhar para o texto, para a busca de seu(s) sentido(s). E é para essa direção que este livro aponta, permitindo-lhe percorrer uma trajetória de aprendizagem que se desdobra em quatro etapas, recobertas por conteúdos necessários para uma compreensão introdutória, embora não superficial, da teoria.

Na primeira dessas etapas, a Unidade 1, "Fundamentos semióticos", são construídas as bases para a sua incursão nos domínios semióticos, com reflexões introdutórias as quais têm o intuito de mostrar a você as concepções que subjazem todo o material. Assim, parte-se de um resgate das especificidades de três importantes vertentes semióticas (a Semiótica Peirceana, a Semiótica da Cultura e a Semiótica Greimasiana), evidenciando o quão multifacetados podem ser os aparatos teóricos sobre os quais se deposita a essência do nome "semiótica". Esse tom inaugural da Unidade coloca, no centro das discussões, a Semiótica Greimasiana, de modo que você assimile os princípios basilares dessa corrente, tomada como uma "teoria do texto" e adotada como fio condutor do material.

Com um nível maior de aprofundamento, a Unidade 2, "Análise semiótica de textos", permite que você conheça o Percurso Gerativo de Sentido, concebido pela Semiótica Greimasiana como uma metodologia específica para a análise de textos segundo os seus princípios. Aqui, você aprenderá como "mergulhar" no texto, transitando por seus diferentes níveis – o fundamental, o narrativo e o discursivo – e conhecendo conceitos essenciais, como as oposições semânticas, os sujeitos e os objetos de valor, os temas e as figuras, entre tantos outros.

Na sequência, já na Unidade 3, "Semióticas sincréticas", é aberto espaço para outras manifestações textuais, além das verbais, de modo a evidenciar a possibilidade de se expandir o conjunto de objetos observáveis pela Semiótica. Você verá, assim, como se desenham os caminhos significativos dos textos sincréticos ou daqueles integralmente visuais, com ênfase em sua plasticidade significativa – suas cores, suas formas e seu posicionamento nos espaços de sua composição.

Por fim, como nosso propósito maior, nesta disciplina, é instrumentalizar você, futuro professor, para uma produtiva atuação em sala de aula, na Unidade 4, "Semiótica e ensino", você poderá constatar a aplicabilidade pedagógica da Semiótica nas aulas de Língua Portuguesa, em especial no que tange à abordagem da leitura. Será possível, desse modo, refletir sobre o modo como os textos contemporâneos convocam novas linguagens e exigem um repensar da prática docente, processo no qual podem ser inseridas contribuições semióticas.

Preparado para o início dessa jornada?

Bons estudos!

Fundamentos semióticos

Ana Paula Pinheiro da Silveira

Objetivos de aprendizagem

Nesta unidade, *Fundamentos semióticos*, você estará envolvido em uma série de conteúdos e reflexões, direcionados para o alcance dos seguintes objetivos:

- Conhecer o conceito de "semiótica".
- Situar a Semiótica enquanto uma ciência da linguagem.
- Explorar as especificidades de diferentes vertentes semióticas.
- Delimitar os domínios da Semiótica de linha francesa.
- Compreender o conceito de "texto" sob uma perspectiva semiótica.
- Identificar o plano de conteúdo e o plano de expressão de um texto.

Seção 1 | Teorias semióticas

Nesta seção, vamos explorar o multifacetado conceito de "semiótica", partindo de reflexões basilares, importantes para que se compreenda esse campo de estudos como uma ciência. Além disso, aprofundando essas reflexões, você poderá conhecer um pouco sobre algumas das principais vertentes semióticas, como as de linha americana, russa e francesa.

Seção 2 | Princípios da Semiótica Greimasiana

Nesta seção, você terá a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre a Semiótica Greimasiana, de linha francesa, base para os estudos desta disciplina. Serão resgatadas as origens dessa corrente, bem como serão delineados os elementos conceituais mais relevantes sobre o modo como ela se posiciona nos estudos sobre a significação.

Seção 3 | O texto sob uma perspectiva semiótica

Nesta seção, concebendo a Semiótica Greimasiana como uma Teoria Semiótica do Texto, será apresentada a concepção semiótica de "texto", evidenciando os aspectos ligados ao seu plano de conteúdo e ao seu plano de expressão –, de modo a estabelecer as bases para a análise de textos com base nessa vertente, assunto que você verificará de modo mais completo na unidade.

Introdução à unidade

O que é "semiótica"? Você já ouviu esse termo antes? O que isso tem a ver com os estudos da linguagem? Qual a aplicabilidade dessa teoria na leitura e compreensão de textos?

Esses são questionamentos comuns para qualquer um, inclusive você, que se depara com um nome assim, "diferente", e dentro de um contexto tão amplo e diversificado como é a área da linguagem.

Para o auxiliar no alcance de respostas para indagações como as apresentadas, esta unidade – *Fundamentos semióticos* – constitui a primeira etapa de sua incursão nos domínios da Semiótica. Trata-se dos primeiros passos, necessários para que se compreenda o que é essa teoria, quais as suas faces, o que ela busca, como ela concebe o texto e a produção dos sentidos. Aliás, nas próximas páginas, incluindo as das demais unidades, você terá contato com inúmeras reflexões, capazes de promover verdadeiras transformações no modo como você vê a construção dos sentidos nos diversos textos com os quais tem contato.

Todas essas reflexões preliminares aparecem diluídas, a seguir, nas seguintes seções: (i) *Teorias semióticas*, com a introdução ao estudo do conceito e a abordagem das correntes semióticas de maior destaque, como a Semiótica Peirceana, a Semiótica da Cultura e a Semiótica Greimasiana; (ii) *Princípios da Semiótica Greimasiana*, com discussões voltadas, especificamente, à Semiótica Greimasiana, de linha francesa, de modo a aprofundar os conceitos relativos a essa vertente; e (iii) *O texto sob uma perspectiva semiótica*, com o delineamento do conceito de "texto" com base em uma fundamentação semiótica.

Esperamos que você aproveite ao máximo todas as informações.

Vamos lá?

Para que você atinja esses objetivos, a unidade está organizada nas seguintes seções:

Seção 1

Teorias semióticas

Introdução à seção

A partir de agora, você será introduzido no universo da Semiótica, o que lhe permitirá conhecer os meandros de uma área tão significativa para os estudos da linguagem. Inicialmente, estabeleceremos as bases para a compreensão do conceito de "semiótica", para, na sequência, desvendarmos a essência que recobre os diferentes olhares que guiaram os estudos semióticos até hoje.

Atente-se para as informações trazidas a você e não deixe de, sempre, articular o que está aprendendo com os conhecimentos prévios ligados a outras teorias que lidam com o texto e a significação. O contraste reflexivo é sempre produtivo e pode permitir que você aprenda muito mais!

1.1 O conceito de Semiótica

"O que é semiótica?" Com certeza, ao se deparar pela primeira vez com esse nome, como muitas pessoas, você deve ter se questionado dessa forma. É necessário, portanto, que tomemos essa reflexão como ponto de partida para nossas discussões. Para início de conversa, observemos a tirinha e a citação a seguir:

Figura 1.1 | Estudando semiótica



Fonte: <http://www.nadaver.com/homem-nariz-estudioso/>. Acesso em: 24 jul. 2017.

> Semi-ótica — ótica pela metade? ou Simiótica — estudo dos símios?
> Essas são, via de regra, as primeiras traduções, a nível de brincadeira, que sempre surgem na abordagem da Semiótica. Aí, a gente tenta ser sério e diz: — "O nome Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos". Contudo, pensando esclarecer, confundimos mais as coisas, pois nosso interlocutor, com olhar de surpresa, compreende que se está querendo apenas dar um novo nome para a Astrologia. Confusão instalada, tentamos desenredar, dizendo: — "Não são os signos do zodíaco, mas signo, linguagem. A Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens". Mas, assim, ao invés de melhorar, as coisas só pioram, pois que, então, o interlocutor, desta vez com olhar de cumplicidade — segredo desvendado —, replica: — "Ah! Agora compreendi. Não se estuda só o português, mas todas as línguas". (SANTAELLA, 2007, p. 7)

Recorrendo a uma breve análise da tirinha, percebemos que é feita uma brincadeira com o prefixo "semi", a partir da afirmação de que "semiótica" seria, apenas, um olhar pela metade. O personagem, ao fechar um dos olhos, afirmando que estaria realizando um processo de "semi-ótica", numa construção estereotípica recorrente em desenhos animados, filmes etc., lembra a figura de artistas (pintores, escultores, desenhistas e afins), que observam seus objetos de referência enquadrando-os com apenas um dos olhos, ou seja, fazendo uma "análise".

Na citação de Santaella (2007), também depois de brincadeiras, a autora chega a duas definições básicas para a Semiótica: "ciência dos signos"; e "ciência geral de todas as linguagens". Inicialmente, a ideia de "ciência dos signos" surge com o intuito de tentar esclarecer o conceito, afinal, uma vez que essa teoria lida com sentidos, significados, ela pode ter sua noção, sim, ancorada nos signos (linguísticos ou não). Depois, considerando que a linguagem é um fenômeno multifacetado, que se desdobra em diferentes "linguagens", a autora refere-se ao fato de a Semiótica poder ser aplicada na análise de uma série de objetos, constituídos por esses múltiplos códigos (linguagens).

O intuito de partirmos de reflexões como essas é evidenciar,

mesmo de um modo descontraído, que o termo "semiótica" é recoberto de um caráter polissêmico, uma vez que é empregado por diversos estudiosos, muitas vezes, inclusive, com traços significativos distintos, embora nunca completamente divergentes, já que carregam confluências capazes de situar a teoria no contexto de diferentes abordagens e aplicações.

Para ampliarmos essa discussão, vejamos, no quadro a seguir, algumas noções gerais relacionadas à "semiótica" apresentadas por alguns autores, ligados a diferentes perspectivas teóricas:

Quadro 1.1 | Noções gerais ligadas à "semiótica"

Autores	Conceitos
Greimas e Courtés (2016, p. 448)	"[...] um conjunto significante que se suspeita, a título de hipótese, possua uma organização, uma articulação interna autônoma."
Hjelmslev (2013, p. 115)	"Na prática, uma língua é uma semiótica na qual todas as outras semióticas podem ser traduzidas, tanto todas as outras línguas com todas as estruturas semióticas concebíveis."
Eco (2014, p. 23)	"[...] uma teoria que deve ensejar uma interpretação crítica contínua dos fenômenos de semiose."
Peirce (2015, p. 45)	"Em seu sentido geral, a lógica é, como acredito ter mostrado, apenas um outro nome para semiótica (σημειωτικη), a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos."
Schnaiderman (2010, p. 25)	"A 'consciência semiótica' tende sempre [...] para uma visão globalizadora da cultura."
Kristeva (2012, p. 11-12)	"[...] a semiótica [...] se inscreve como um cálculo lógico." "A semiótica construir-se-á como uma ciência dos discursos."
Hénault (2006, p. 153)	"[...] a real definição da teoria semiótica é a sua história."
Barros (2007, p. 5)	"teoria do texto" "A semiótica insere-se, portanto, no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto."
Fiorin (2008, p. 16)	"[...] Semântica gerativa, sintagmática e geral com a finalidade de aumentar nossa capacidade de interpretar textos."

Fonte: elaborado pela autora.

O que achou dessas noções (“conjunto significante”; “língua”; “interpretação crítica”; “lógica”; “visão da cultura”; “ciência dos discursos”; “teoria do texto”; “semântica geral”)? Elas lhe permitiram alguma reflexão mais pontual acerca do que vem a ser a Semiótica? A compilação apresentada reúne importantes nomes do quadro epistemológico da Semiótica, inclusive no Brasil. As informações apresentadas por eles revelam, sobretudo, os variados direcionamentos dados a uma teoria que, considerando a confluência de ideias, busca o sentido, seja no signo, seja na cultura, seja no texto.

É com base nessa multiplicidade que, a seguir, são apresentados aspectos gerais de três das principais correntes semióticas : a Semiótica Peirceana (de origem americana); a Semiótica da Cultura (de origem russa); e a Semiótica Greimasiana (de linha francesa).

1.2 A Semiótica Peirceana

A chamada Semiótica Peirceana, também conhecida como Semiótica americana, tem como expoente máximo a figura de Charles Sanders Peirce (1839-1914), cuja atuação transitou por áreas como a Filosofia, a Pedagogia, a Linguística e a Matemática.

Figura 1.2 | Charles Sanders Peirce



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=128147>. Acesso em: 31 jul. 2017.

Trata-se de uma vertente semiótica que, conforme Santaella (2016, p. XII), compõe “uma ampla arquitetura filosófica concebida como ciência com um caráter extremamente geral e abstrato”. Isso

[1] As chamadas Semiótica Peirceana e Semiótica da Cultura serão aqui apresentadas em linhas gerais, sendo dedicada maior atenção para a Semiótica Greimasiana, que embasará todas as demais discussões empreendidas no material. Para mais informações a respeito dessas outras vertentes, sugere-se a consulta aos materiais referenciados ou a pesquisa em sites de busca.

justifica, por exemplo, sua relação com a lógica, termo que, conforme observado no Quadro 1.1, é tomado por Peirce como um sinônimo de semiótica. É a essa lógica que o teórico dedicou quase toda a sua vida, entendendo-a como uma "teoria geral, formal e abstrata dos métodos de investigação utilizados nas mais diversas ciências" (SANTAELLA, 2016, p. XII).

Esse caráter generalizante leva à percepção da abrangência da Semiótica Pericеana, com larga aplicabilidade em atividades de análise. Santaella (2016), por exemplo, evidencia a possibilidade de estudos investigativos, nessa base semiótica, voltados para a exploração de: logomarcas, embalagens, peças publicitárias, obras artísticas (pinturas) e literárias, artefatos midiáticos, elementos institucionais, entre outros. Essa ampla gama de objetos de estudo representa aquilo que a própria autora relata a respeito dessa corrente: "A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido" (SANTAELLA, 2007, p. 13).

Para que você tenha uma noção geral de como a teoria está delineada, são importantes algumas reflexões.

Basicamente, o conceito de **signo** está bastante presente na base teórica peirceana, afinal, como o próprio autor salienta, sua Semiótica é uma "doutrina dos signos" (PEIRCE, 2015, p. 45). O signo, por sua vez, também chamado de *representâmen*, é entendido como "aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém", um "objeto perceptível, ou apenas imaginável, ou mesmo inimaginável num certo sentido" (PEIRCE, 2015, p. 46). Aquilo que ele representa é o seu *objeto*, e o efeito gerado na mente de quem o recebe é o seu *interpretante*.

A ideia da **representação** é basilar nesse contexto, englobando, como aponta Santaella (2016), três outros aspectos: a significação (o signo em si); a objetivação (aquilo a que ele se refere ou representa); e a interpretação (os efeitos que o signo desperta). Assim, como salienta a autora, a Semiótica desenvolvida por Peirce "nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados", além de permitir que se estenda o contexto de análise, estabelecendo conexões entre os signos e todas as referências estabelecidas a partir deles (SANTAELLA, 2016, p. 5).

Além disso, podemos fazer referência a algumas categorias delineadas por Peirce para a apreensão dos fenômenos a serem analisados: a **primeiridade**, a **secundidade** e a **terceiridade**. Basicamente, esses conceitos podem ser sintetizados na seguinte reflexão: "[...] o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete)" (SANTAELLA, 2016, p. 7).

Um exemplo bastante didático de Santaella (2016) colabora na compreensão desses preceitos: imagine um grito ecoando em dado ambiente, sendo ouvido por algumas pessoas. O "grito", em si, é um signo, e estamos aí no nível da *primeiridade*, baseada na sua percepção, no seu reconhecimento. Tal grito pode ter sido produzido em uma situação de "dor" ou de "alegria", sendo essa referência aquilo que ele representa, ou seja, o seu objeto, e esse é o nível da *secundidade*. Por fim, ao se ouvir o grito, se alguém corre para ajudar, no caso de um grito de dor, ou se alguém grita junto, compartilhando a alegria, tem-se o efeito interpretativo, no nível da *terceiridade*.

Um outro exemplo, um tanto menos abstrato do que um "grito", pode ser obtido quando, em um suporte qualquer, vê-se o desenho de uma "estrela" (★). O contato inicial com esse signo, no nível da primeiridade, evidencia o reconhecimento de sua existência. Em termos de secundidade, está a sua associação com aquilo que representa – um corpo celeste, com luz própria. Por fim, na terceiridade, está a interpretação desse signo, a qual pode estar ancorada em um contexto específico: um símbolo religioso, que representa a vida, no topo de uma árvore de Natal; o ano de nascimento de uma pessoa, em uma lápide; a fama de uma pessoa, em uma calçada na qual aparecem os nomes de celebridades; o nível de qualidade dos serviços oferecidos por um hotel, em anúncios do estabelecimento; ou, ainda, a pontuação obtida em um jogo de videogame.

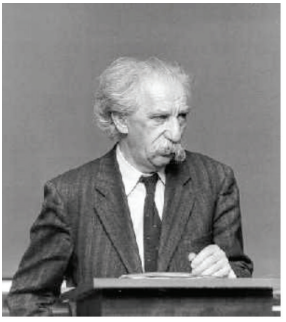
Está aí a base para aqueles que se aventuram em análises semióticas de base peirceana, cujo percurso investigativo é, obviamente, muito mais amplo que isso. De qualquer forma, basicamente, como salienta Santaella (2016, p. 9), "quando a lógica triádica do signo fica clara para nós, estamos no caminho para compreender melhor porque a definição peirceana do signo inclui três teorias: a da significação, a da objetivação e a da interpretação", as quais, em síntese, respectivamente,

referem-se à essência significativa do signo; àquilo que ele representa; e à intepretação que ele provoca naqueles que o reconhecem.

1.3 A Semiótica da Cultura

A Semiótica da Cultura, de origem soviética ou russa, tem como principal representante o semioticista e historiador cultural Iuri Lotman (1922-1993), que atuou junto a outros pesquisadores da extinta União Soviética, os quais compunham a chamada Escola de Tartu e para os quais a "cultura é informação" (LOTMAN, 2010, p. 32) e, portanto, é linguagem.

Figura 1.3 | Iuri Lotman



Fonte: <http://publ.lib.ru/ARCHIVES/L/LOTMAN_Yuriy_Mihaylovich/_Lotman_Yu.M..html>. Acesso em: 31 jul. 2017.

Se você começar a ler materiais que versam sobre essa vertente, vai se deparar com alguns nomes comumente disseminados nos estudos da linguagem, como, por exemplo, Roman Jakobson ou Mikhail Bakhtin , entre outros. Isso porque as origens da Semiótica de ascendência russa confluem-se com uma expressiva quantidade de estudos voltados à comunicação, à linguagem, à literatura, enfim, a teoria nasce em meio a uma profusão de ideias, as quais acabam por incluir, em seu escopo, os elementos culturais.

A visão adotada pelo grupo de "cultura como informação", conforme aponta Lotman (2010, p. 32), "[...] permite examinar tanto etapas

[2] Linguista russo, conhecido por suas contribuições aos estudos voltados à análise estrutural da linguagem, com destaque para os elementos da comunicação e as célebres "funções da linguagem".

[3] Filósofo da linguagem russo, conhecido por seus estudos voltados à visão interacionista da linguagem e aos gêneros discursivos.

isoladas da cultura como todo o conjunto de fatos histórico-culturais na qualidade de uma espécie de texto aberto". Essa concepção – a visão da **cultura como um grande texto** – evidencia a grande rede formada por aquilo que entendemos como cultura: a religião, a moda, a arquitetura, a pintura, a música, a dança, a literatura, o teatro, o jornalismo, as leis, a ciência e tantos outros elementos, tomados como **sistemas modelizantes**, que fazem emergir a cultura.

Esse conceito – de sistemas modelizantes – é muito importante para que você compreenda um pouco mais dos preceitos que regem as reflexões semióticas culturais. Na perspectiva da teoria, a língua seria um sistema modelizante primário, pois é a partir dela que a realidade é significada e que o mundo é recoberto pela cultura. Todos os outros elementos há pouco citados seriam sistemas secundários. De qualquer forma, de acordo com Lotman (2010, p. 33), "qualquer texto cultural (no sentido de 'tipo de cultura') pode ser examinado tanto como uma espécie de texto único, com um código único, quanto um conjunto de textos, com um determinado conjunto de códigos, a eles correspondente". Em síntese: os sistemas confluem-se, e do contato entre eles surgem significações.

As relações entre os códigos culturais e a significação destes, nessa perspectiva semiótica, só são possíveis a partir da existência da chamada **semiosfera**. Basicamente, "a semiosfera seria [...] um ambiente com elementos (códigos culturais) significantes, disponíveis de (sic) serem acessados (combinados), que vai dar condições às representações, sistemas de signos que vão dar suporte à reprodução e manutenção da cultura" (VELHO, 2009, p. 255). Em outras palavras, trata-se de um espaço organizado onde existe a cultura e no qual ela significa, em que entram em contato, em confluência ou, até mesmo, em conflito, os diferentes códigos culturais.

De qualquer forma, ao se lidar com o sentido, é importante registrar que os códigos culturais não têm significação estática. Sobre isso, Lotman (2010, p. 35) registra que os textos culturais têm, como particularidade substancial, uma "mobilidade semântica", o que leva ao fato de que um mesmo elemento da cultura pode se apresentar como uma "informação" diferente, dependendo de quem o avalia. Sua significação dependerá, portanto, da interpretação empreendida, afinal "o valor das coisas é semiótico, [...] é determinado não pelo próprio valor destas, mas pela significação daquilo que ele representa" (LOTMAN, 2010, p. 37).

1.4 A Semiótica Greimasiana

A Semiótica Greimasiana, comumente referenciada como de linha

francesa, narrativa ou, ainda, discursiva, tem como precursor o linguista lituano, de origem russa, Algirdas Julien Greimas (1917-1992). A estirpe francesa que recobre a vertente inaugurada por ele, no entanto, provém de sua atuação na *École des Hautes Études en Sciences Sociale*s (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) de Paris, especialmente no Grupo de Investigações Semiolinguísticas.

Figura 1.4 | Algirdas Julien Greimas



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=22863447>. Acesso em: 31 jul. 2017.

Tomada como uma vertente semiótica que se insere "no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto", assumindo um caráter de "teoria do texto" (BARROS, 2007, p. 5), conforme indicado em uma das acepções constantes do Quadro 1.1, a Semiótica Greimasiana constitui-se como uma das correntes mais disseminadas no Brasil, especialmente quando situamos as análises semióticas no âmbito do texto e da linguagem, uma vez que amplia as possibilidades das práticas de leitura e interpretação textual.

A partir da mobilização de preceitos oriundos dos estudos estruturalistas, como as relações entre significante e significado (de Saussure) e entre expressão e conteúdo (de Hjelmslev), ganha destaque, no seu escopo, a noção de texto enquanto uma estrutura que se desdobra em diferentes níveis, numa trajetória de construção do(s) sentido(s) que parte do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. É essa trajetória que caracteriza, inclusive, a sua metodologia de análise.

Diante disso, considerando a relevância dos estudos semióticos

greimasianos para a constituição deste material, a próxima seção será exclusivamente dedicada à exploração de informações essenciais para a sua compreensão. Acompanhe com muita atenção todas as reflexões.

Para saber mais

Você pôde perceber, nesta seção, que o conceito de Semiótica é multifacetado, mobilizando uma série de reflexões. Para mais um exemplo disso, observe como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* apresenta esse conceito:

> **SEMIÓTICA**
> substantivo feminino
> 1 Rubrica: clínica médica.f
> m.q. semiologia
> 2 Rubrica: ***semiologia***.
> Para Charles S. Peirce (1839-1914), teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não), enfatizando esp. a propriedade de convertibilidade recíproca entre os sistemas significantes que integram.
> 3 Rubrica: semiologia.
> Estudo dos fenômenos culturais considerados como sistemas de significação, tenham ou não a natureza de sistemas de comunicação; semiologia.
> 4 Rubrica: termo militar. Diacronismo: obsoleto.
> Ciência e arte de comandar manobras militares, não com a voz, mas por meio de sinais.
>
> (HOUAISS, 2009)

Além de referências às semióticas Peirceana e da Cultura, sobre as quais falamos um pouco, chama a atenção o uso (obsoleto) do termo vinculado à área militar. A Semiótica é ou não é fascinante? Pesquise mais sobre o assunto.

Além disso, para que você aprofunde, se desejar, os seus estudos sobre essas duas vertentes semióticas – a Peirceana e a da Cultura –, sugerimos a leitura dos artigos "Epistemologia semiótica" (SANTAELLA, 2008) e "A Semiótica da Cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação" (VELHO, 2009). Neles,

são apresentadas noções gerais dessas correntes, de modo que você aprenda um pouco mais sobre elas.

Questão para reflexão

Considere a seguinte ideia: "Caracterizado o campo de abrangência da Semiótica, podemos repetir que ele é vasto, mas não indefinido" (SANTAELLA, 2007, p. 14).

O que você pensa sobre isso? Reflita sobre esse questionamento para, em seguida, conhecer algumas das principais vertentes semióticas.

Atividades de aprendizagem

1. Como você poderia sintetizar, a partir do que foi discutido até aqui, o conceito de "semiótica"?

2. Que relação pode ser estabelecida entre a Semiótica e os Estudos da Linguagem?

Seção 2

Princípios da Semiótica Greimasiana

Introdução à seção

Neste momento, você será levado a um breve resgate histórico das origens de uma das mais importantes vertentes da Semiótica: a Greimasiana, de linha francesa. Assim, será possível entender o modo como ela está organizada teoricamente, quais suas origens, as influências que recebeu, seus precursores, enfim, informações essenciais para que você saiba de onde parte e para onde caminha essa teoria.

Continue se atentando para os conceitos gradativamente apresentados e não deixe de mobilizar, durante a leitura, as informações previamente assimiladas, de modo a organizar suas reflexões e, mais que isso, o seu processo de compreensão da teoria.

2.1 Origens da Semiótica Greimasiana

Enganam-se aqueles que acreditam que a Semiótica Greimasiana tem um início recente. Segundo Hénault (2006, p. 9), "a obra de Greimas e de seus alunos se inscreve em uma evolução de mais de cem anos". Assim, olhar para suas origens traduz-se em investigar "o modo com que foram forjados e encadeados alguns dos grandes conceitos operatórios que mudaram tudo o que se sabia sobre os fenômenos de significação" (HÉNAULT, 2006, p. 9-10).

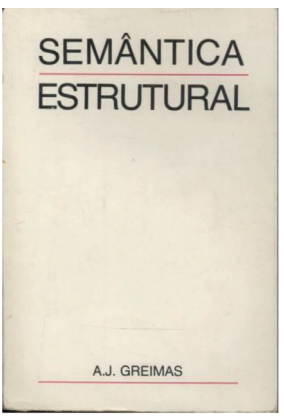
De um modo bastante pontual, para que você tenha acesso a pelos menos aquilo que de mais essencial se pode ressaltar nesse percurso histórico, cabe destacar que o marco fundador dessa vertente teórica está inscrita nos seminários de Greimas ministrados na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais), em Paris, dos quais decorre a publicação, em 1966 (no Brasil, por meio de uma tradução, apenas em 1973), da obra que funda as bases para a Semiótica delineada sob essa perspectiva: *Sémantique structurale* (*Semântica estrutural*).

---

[4] Referência à obra de Louis Hjelmslev. A influência estruturalista é contemplada no item 2.2, a seguir.

Considerado por muitos "complicado", "audacioso" (HÉNAULT, 2006, p. 128), o livro resulta de uma incursão de Greimas no pensamento hjelmsleviano, de base estruturalista, e seu sucesso procede dos exemplos de análises sêmicas (de sentido) trazidos pelo autor, pautados nas evidências de traços semânticos distintivos decorrentes de oposições presentes nos textos (por exemplo: amor x ódio; masculinidade x feminilidade; positivo x negativo; vida x morte; etc.). Porém, de um modo geral, um olhar superficial para essas aplicações teóricas acabaram por gerar um desconhecimento acerca da real amplitude dessa obra, a qual, entre preceitos teóricos e práticos, mostrava-se repleta de outras "ideias-força da semiótica" (HÉNAULT, 2006, p. 130).

Figura 1.5 | Obra inaugural da Semiótica Greimasiana



Fonte: Greimas (1973 [1966]).

Os anos subsequentes à publicação de *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1966) foram produtivos no que tange à disseminação dos postulados teóricos greimasianos. A partir da continuidade de seus seminários e com a publicação de uma série de artigos, foi se solidificando a sua base epistemológica, bem como todo o aparato de conceitos delineados e mobilizados pela teoria, os quais aparecem reunidos, em 1979, por Greimas e Courtés, numa das mais importantes sínteses semióticas, representada por um instrumento alçado à posição de referência: *Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (no Brasil, *Dicionário de semiótica*).

Essa nova publicação, também de enorme relevância na área, consolida os conceitos delineados para a aplicação da teoria. Porém, embora consistente e resultado de uma rigorosa continuidade reflexiva, ela não constitui o ápice de desenvolvimento da Semiótica Greimasiana, uma vez que, a essa época, conforme aponta Hénault (2006), em certa medida, a "forma clássica" da teoria já não mais correspondia ao real avanço das pesquisas.

E, de lá para cá, como você observará ao longo das unidades, muitos foram os caminhos abertos por essa vertente semiótica, ainda em pleno desenvolvimento.

2.2 Influências estruturalistas

No item anterior, foi feita menção à influência dos estudos estruturalistas no delineamento inicial da Semiótica Greimasiana. Mas você sabe o que vem a ser o "estruturalismo"?

Conforme Costa (2008, p. 114), o estruturalismo

> compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura.

Por sua vez, "essa organização dos elementos estrutura-se seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema". Esse olhar do linguista, voltado para o interior da língua, a fim de que se verifique como se dá o seu funcionamento, assemelha-se ao olhar que o semioticista deve ter em direção ao interior do texto, de modo a compreender sua organização interna e como os sentidos, nele,

---

[5] Outros importantes teóricos aparecem como influenciadores da Semiótica Greimasiana, por exemplo, o estruturalista russo Vladimir Propp, um dos mais significativos teóricos da narratologia (estudo das narrativas), o qual dá a base para reflexões ligadas aos papéis actanciais da narrativa semiótica (vide Unidade 2).

[6] Conceito basilar dos estudos da linguagem, contemplado, no Curso de Letras, em disciplinas como Estruturalismo, Introdução aos Estudos Linguísticos, Linguística, entre outras.

[7] Conceitos mais bem discutidos na Seção 3, item 3.3, "Os planos do texto".

são construídos. Daí a influência estruturalista no desenvolvimento da Semiótica Greimasiana.

Nesse contexto, convém empreendermos um breve resgate de como se deu essa influência.

Hénault (2006, p. 150) afirma que "o século XX viu a descoberta e a elaboração de ideias semióticas para as quais não houve precursores. Saussure e Hjelmslev as proclamaram com toda a sua energia". E isso foi o suficiente para torná-los dois importantes nomes no percurso histórico da Semiótica desenvolvida por Greimas. De um modo sintético, os motivos podem ser conferidos por você a seguir:

- **Ferdinand Saussure**: Considerado por muitos o "pai da linguística", figura como o autor das ideias compiladas, em 1916, na célebre obra *Cours de linguistique générale* (no Brasil, Curso de Linguística Geral), que "é, para a linguística, um discurso fundador" (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013, p. 8). Em Saussure, ganha destaque o conceito de signo linguístico, definido por ele como "uma entidade psíquica de duas faces", um conceito e uma imagem acústica, chamados por ele, respectivamente, de "significado" e "significante" (SAUSSURE, 2012, p. 106-107). Considerando a língua enquanto um "sistema de signos que exprimem ideias", o estudioso defendia que é possível "conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social", a **Semiologia** (SAUSSURE, 2012, p. 47). Com esse pensamento, abre-se caminho para um estudo das significações pautado nas relações que lhes são subjacentes.
- **Louis Hjelmslev**: Um dos continuadores do pensamento saussuriano, Hjelmslev evidencia-se como um pensador sobre o caráter imanente da língua, também concebida sob um viés estrutural. Sua obra *Omkring sprogteoriens grundlaeggelse* (no Brasil, *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*), de 1943, constitui sua principal contribuição para a moderna ciência semiótica. A partir de conceitos como forma e substância, expressão e conteúdo, Hjelmslev também contempla o estudo da significação.

As considerações basilares desses estudiosos da linguagem, pautadas na ideia de que os valores semânticos surgem a partir da "relação" entre signos e, especialmente, entre os elementos que os constituem, são essenciais dentro do pensamento greimasiano, marcado pela investigação do sentido por meio do exame de relações entre partes constituintes do texto, concebido sob a forma de um percurso significativo. Isso faz com que Greimas seja considerado o

"verdadeiro continuador de Hjelmslev e de Saussure no estudo das significações" (HÉNAULT, 2006, p. 125).

Em síntese, a obra greimasiana "reinterpretou e concretizou todo esse edifício teórico" (HÉNAULT, 2006, p. 151), ou seja, trouxe as contribuições de Greimas para um conjunto de ideias previamente elaboradas, disseminando os preceitos desse pensador e ampliando os domínios da teoria concebida por ele, como você poderá ver na sequência.

2.3 Abrangência da Semiótica Greimasiana

Para iniciarmos essa breve reflexão sobre a abrangência da Semiótica de linha francesa, é essencial partirmos desta ideia: ela "tem por finalidade o exame dos processos de significação dos textos, para mostrar o que o texto diz, que sentidos produz e com que procedimentos linguístico-discursivos constrói os sentidos" (BARROS, 2016, p. 73). Essa é a essência teórico-metodológica dessa vertente semiótica.

Em termos práticos, o que isso significa? Basicamente, ao considerar o texto de um modo bastante específico, como você verificará na próxima seção, a Semiótica Greimasiana é aplicada na análise de inúmeras manifestações significativas. A coletânea de Lopes e Hernandes (2016), por exemplo, traz uma série de análises, de diferentes estudiosos, os quais se debruçam sobre produções "textuais" e "significativas" ligadas às seguintes áreas:

- música;
- cinema;
- dança;
- política;
- esporte;
- literatura;
- mitologia;
- publicidade;
- humor.

Essas são, obviamente, apenas algumas das possibilidades. Os próprios organizadores da coletânea, porém, estabelecem uma ressalva:

Para saber mais

A Semiótica Greimasiana, comumente denominada Semiótica Narrativa, Semiótica Discursiva ou, ainda, Semiótica de linha francesa, tem uma trajetória que deve ser redescoberta por aqueles que, como você, se propõem a conhecê-la.

Assim, sugerimos a leitura do livro "História concisa da semiótica", de Anne Hénault, publicado em 2006 pela Editora Parábola, que traz um resgate dos desdobramentos teóricos, desde Saussure e Hjelmslev, que colaboraram para a conformação da Semiótica como ciência.

Questão para reflexão

Considere a seguinte ideia: "O século XX viu a descoberta e a elaboração de ideias semióticas para as quais não houve precursores" (HÉNAULT, 2006, p. 150).

Como você imagina o futuro de uma teoria tão multifacetada, assim como a Semiótica, no século XXI? Reflita sobre esse questionamento, para, em seguida, conhecer o modo como a Semiótica concebe o "texto".

Atividades de aprendizagem

1. Qual o marco inaugural dos estudos semióticos de linha francesa? Quem é precursor dessa abordagem?

2. Quais os dois grandes teóricos que influenciaram as bases conceituais da Semiótica discursiva? Quais suas principais contribuições?

Seção 3

O texto sob uma perspectiva semiótica

Introdução à seção

Tendo conhecido um pouco sobre o percurso histórico da Semiótica Greimasiana e considerando-a uma "teoria do texto" (BARROS, 2007), é essencial que você seja apresentado ao conceito de "texto" com base nas concepções delineadas por essa teoria. Será possível perceber que a simplista noção escolar de "unidade de sentido", aqui, dará lugar a uma reflexão mais complexa e completa, que atende às necessidades de análises que ocorrem sob a égide dos estudos semióticos.

Aproveite a leitura para ampliar o modo como você vê o texto. Já parou para pensar sobre o quão complexo é esse objeto de estudo?

3.1 A dualidade definidora do texto

Conforme você pôde observar em uma das passagens da seção anterior, "a semiótica tem por objeto o texto" e "procura explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz" (BARROS, 2007, p. 7). Assim, é inegável a relevância desse conceito para a teoria, uma vez que, ao ser concebida como uma "teoria do texto", a Semiótica só passa a ser efetivamente compreendida quando o texto também o é. Em síntese, a compreensão daquela exige, primeiro, a elucidação deste.

Inicialmente, devemos refletir sobre uma possível distinção entre "texto" e "discurso", afinal, embora tenhamos afirmado que a Semiótica Greimasiana define-se como uma teoria que se ocupa do texto, também ressaltamos que ela é conhecida como Semiótica Discursiva, inserida nos estudos discursivos. Então, o que analisamos é o texto ou o discurso? Sobre isso, Greimas e Courtés (2016, p. 503) refletem desta forma:

> Com frequência, o termo texto é tomado como sinônimo do discurso, o que acontece, sobretudo, em decorrência da interpretação terminológica com aquelas línguas naturais que não dispõem de equivalente para o termo francês. Nesse

> caso, semiótica textual não se diferencia, em princípio, de semiótica discursiva. Os dois termos – texto e discurso – podem ser empregados indiferentemente [...]

Para Barros (2016, p. 72), no entanto, "os conceitos de texto e discurso são diferentes, conforme variam as diferentes teorias linguísticas e, em especial, as do texto e do discurso", entre as quais se situa a Semiótica. Sob essa perspectiva, de um modo geral, o discurso seria a última etapa no processo de construção dos sentidos do texto, diferenciando-se do texto por ter apenas conteúdo, enquanto o texto tem, além do conteúdo, a expressão.

Voltando-se ao texto, especificamente, como definem alguns autores (FIORIN, 1995; BARROS, 2007), ele pode ser concebido como:

- **objeto de significação**: uma estrutura significativa organizada, estruturada a partir de procedimentos específicos que a tornam um "todo de sentido";
- **objeto de comunicação ou histórico**: uma produção situada espaço-temporalmente, influenciada por formações ideológicas relativas a dada sociedade.

Qual concepção, no entanto, deve ser seguida para que se permaneça em consonância com os preceitos da Semiótica? Um questionamento como esse é facilmente elucidado a partir do que propõe Barros (2007, p. 7): "o texto só existe quando concebido na dualidade que o define". Assim, ambas as noções – texto como objeto de significação e texto como objeto histórico – são necessárias para que se compreenda a amplitude de um conceito tão relevante, caro a muitas teorias além da própria Semiótica. Em outras palavras, é necessário que se observe o texto por todos os lados, interna e externamente.

3.2 Análise interna e análise externa do texto

A dupla noção de texto, conforme você pôde verificar, pressupõe

[8] A partir deste momento, sempre que for empregado o termo "semiótica", exceto nos casos em que este for seguido de alguma caracterização, estaremos nos referindo, apenas, à vertente de linha francesa, greimasiana.

dois movimentos distintos, embora complementares do ponto de vista analítico:

- analisar o texto como "objeto de significação": examinar os mecanismos de organização estrutural mobilizados para o engendramento dos sentidos, o que caracteriza, portanto, uma **análise interna**;
- analisar o texto como "objeto histórico": examinar o contexto sócio-histórico em que se situa e que influencia os sentidos, o que evidencia, assim, uma **análise externa**.

Para que você compreenda como isso ocorre, tomemos, como um breve exemplo, o poema a seguir:

> **Pronominais**
>
> Dê-me um cigarro
>
> Diz a gramática
>
> Do professor e do aluno
>
> E do mulato sabido
>
> Mas o bom negro e o bom branco
>
> Da Nação BrasileiraDizem todos os dias
>
> Deixa disso camarada
>
> Me dá um cigarro.
>
> (ANDRADE, Oswald de. **Poesias reunidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 79.)

A análise interna de um texto como esse poderia, por exemplo, avaliar os elementos linguísticos que concorrem para a sua significação: os pronomes selecionados para contemplar o tema; o uso de conjunções aditivas (reunindo personagens) e adversativas (contrastando ideias); as oposições que se constroem com estruturas sintáticas diferentes ("dê-me" x "me dá") etc. Já em termos de análise externa, poderiam ser feitas associações do texto com ideias ligadas à variação linguística; à luta de classes; aos níveis de escolarização dos diferentes setores sociais, entre

[9] Conteúdo e expressão constituem conceitos a serem detalhados no item 3.3, "Os planos do texto".

outras possibilidades.

Fiorin (1995) e Barros (2007) relatam que, entre os que se dedicam ao primeiro tipo de análise e aqueles que se debruçam sobre a segunda perspectiva de estudo, por muito tempo, foi estabelecida uma relativa tensão, com críticas e acusações de ambos os lados: os primeiros acusados de reducionismo e empobrecimento do texto; os segundos, de excesso de subjetivismo e confusão teórica.

Sobre esses tipos de análise, Fiorin (1995, p. 166) salienta que cada uma delas

> ressalta um aspecto da constituição do sentido e, portanto, são ambas teorias linguísticas. As primeiras acentuam os mecanismos intradiscursivos e as segundas, os interdiscursivos. Vale ressaltar que estamos falando em predominância de interesse por um dado aspecto e não em exclusividade.

Em outras palavras, não devemos considerar um procedimento mais relevante que outro. E isso está na essência das análises semióticas como são concebidas atualmente, uma vez que, conforme Barros (2007, p. 8), a Semiótica tem "procurado conciliar, com o mesmo aparato teórico-metodológico, as análises ditas 'interna' e 'externa'", ou seja, ela procura "examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto".

Para isso, no entanto, como você verá a seguir, é necessário que se considere o texto em todas as suas manifestações, em todos os seus planos.

3.3 Os planos do texto

Antes de iniciarmos nossas reflexões sobre os "planos do texto", observe a imagem e o poema a seguir[10]:

[10] Barros (2007, p. 8) questiona: "o objeto de estudo da semiótica é apenas o texto verbal ou linguístico?" Como exemplificado com a imagem e o poema propostos para essa breve análise, e como será demonstrado na Unidade 3, a Semiótica considera tanto os textos verbais quanto os textos não verbais (visuais) ou sincréticos (que combinam diferentes linguagens).

Figura 1.6 | Amor em chamas



Fonte: <https://pixabay.com/pt/cora%C3%A7%C3%A3o-amor-chama-amantes-homem-1137259/>. Acesso em: 1 ago. 2017.

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(CAMÕES, Luiz Vaz de. **Sonetos**. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 25.)

Tanto a imagem como o poema têm, como tema, o "amor", a força do sentimento, além de uma associação direta com o "fogo". Esse tema é transmitido, por cada um dos textos, de modo diferente: no primeiro caso, são explorados recursos imagéticos, com cores e

efeitos de luz e sombra, ou seja, apenas elementos não verbais; no segundo caso, porém, são movimentadas apenas palavras, elementos verbais. Percebemos, assim, que a materialidade textual, aquilo que estamos vendo, é diferente entre uma produção e outra; já os efeitos de sentido que ambas evocam é bastante similar.

Tem-se aí o que Hjelmslev (2013, p. 53) chama de "função semiótica", que se situa entre duas grandezas: expressão e conteúdo ou, de um modo mais completo, **plano de expressão** e **plano de conteúdo**. Sobre a relação entre ambos, observe a seguinte reflexão:

> A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo (HJELMSLEV, 2013, p. 54).

Essa relação entre ambos define, para a Semiótica, o texto (BARROS, 2016). Isso significa dizer, portanto, que uma análise semiótica explora tanto o plano de expressão quanto o plano de conteúdo. Porém, como evidencia Barros (2007), a Semiótica procede à exploração do texto a partir do exame, em primeiro lugar, do plano de conteúdo, debruçando-se sobre o plano de expressão apenas na última etapa de sua metodologia de análise, apresentada brevemente a seguir.

3.4 Metodologia de análise semiótica do texto

Como você observou até aqui, a Semiótica tem como objetivo a compreensão dos sentidos do texto, seja ele apresentado sob qualquer plano de expressão. Para isso, ela explora os recursos que, na sua organização interna, ou seja, no seu plano de conteúdo, levam ao engendramento desses sentidos. E isso se dá por meio de um método próprio, o Percurso Gerativo de Sentido, uma espécie de caminho analítico que segue esta direção: do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, em uma sucessão de patamares (fundamental, narrativo e discursivo).

Quer saber mais sobre esse percurso? Explore a Unidade 2, exclusivamente dedicada à sua compreensão, e aprenda muito mais!

Para saber mais

O texto é concebido, dentro do quadro teórico da Semiótica Greimasiana, como um objeto de significação e, ao mesmo tempo, um objeto histórico, sendo essa a dualidade que o define (BARROS, 2007). Porém, o conceito de "texto" é muito mais amplo do que se pode imaginar, sendo contemplado, sob diferentes perspectivas, em diferentes teorias.

Para que você tenha a oportunidade de conhecer essas diferentes e ricas concepções, sugerimos a leitura do livro *O texto e seus conceitos*, organizado por Ronaldo de Oliveira Batista e publicado, em 2016, pela Editora Parábola, trazendo artigos de renomadas pesquisadoras brasileiras, as quais apresentam o modo como esse objeto de estudo (o texto) é perspectivado em áreas como a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Semiótica, além das teorias sociointeracionista e funcionalista da linguagem, incluindo também uma visão gramatical.

Questão para reflexão

Considere a seguinte ideia: "Onde não há texto não há objeto de pesquisa ou pensamento" (BAKHTIN, 2003, p. 307).

O texto é, mesmo, condição essencial para se fazer pesquisa ou para se pensar? Reflita sobre esse questionamento, para, em seguida, explorar a próxima unidade, na qual conheceremos a metodologia empregada pela Semiótica para a análise de textos.

Atividades de aprendizagem

1. A partir das reflexões empreendidas na seção, como você definiria o "texto"?

2. Como a Semiótica pode contribuir para a análise de textos?

Fique ligado

Ao longo da unidade, você pôde ter contato com uma série de informações:

- O conceito de "semiótica".
- As principais vertentes semióticas.
- Aspectos gerais da Semiótica Peirceana e da Semiótica da Cultura.
- As origens e o desenvolvimento da Semiótica Greimasiana.
- Os principais conceitos relativos à Semiótica Greimasiana.
- A abordagem do texto (conceitos e tipos de análise) sob uma perspectiva semiótica.

Esses são os fundamentos semióticos essenciais para que você possa avançar nos seus estudos. Lembre-se de que, na Unidade 2, *O Percurso Gerativo de Sentido*, para que você compreenda a metodologia de análise de textos proposta pela Semiótica, será necessário ter claros os conceitos contemplados até aqui. Portanto, fique ligado!

Para concluir o estudo da unidade

Parabéns por ter completado esta primeira etapa de estudos dentro do universo da Semiótica. Releia os pontos de interesse, revise as seções que, por ventura, você tenha julgado mais complexas e, também, não deixe de consultar os materiais sugeridos para o aprofundamento de seus estudos.

Aliás, este é um bom momento para você realizar pesquisas sobre como a Semiótica vem se desenvolvendo no Brasil. Para isso, sugerimos a você algumas ações:

- Consulte o artigo *A semiótica no Brasil e na América do Sul:*

[11] Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2577/2529>. Acesso em: 28 jul. 2017.

[12] Disponível em: <http://revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 28 jul. 2017.

rumos, papéis e desvios[11], de Barros (2012);

- Explore o portal da Revista *Esse - Estudos Semióticos*, da Universidade de São Paulo (USP), e verifique os trabalhos que vêm sendo publicados na área; e
- Igualmente, consulte e explore o portal da Revista *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*[13], da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara).

Por fim, convidamos você a realizar os exercícios propostos a seguir, a fim de que você possa retomar os conteúdos e, ao mesmo tempo, testar seus conhecimentos.

Atividades de aprendizagem da unidade

1. Considere a seguinte informação:
"A Semiótica, a mais jovem ciência a despontar no horizonte das chamadas ciências humanas, teve um peculiar nascimento, assim como apresenta, na atual fase do seu desenvolvimento histórico, uma aparência não menos singular. A primeira peculiaridade reside no fato de ter tido, na realidade, três origens ou sementes lançadas quase simultaneamente no tempo, mas distintas no espaço e na paternidade: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental."
(SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**? São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 16.)
Assinale a alternativa que apresenta, na sequência correta, as três vertentes semióticas a que o texto se refere, com origens, respectivamente, nos EUA, na União Soviética e na Europa Ocidental:
a) Semiótica Peirceana / Semiótica Greimasiana / Semiótica da Cultura
b) Semiótica Greimasiana / Semiótica Peirceana / Semiótica da Cultura
c) Semiótica da Cultura / Semiótica Greimasiana / Semiótica Peirceana
d) Semiótica Peirceana / Semiótica da Cultura / Semiótica Greimasiana
e) Semiótica Greimasiana / Semiótica da Cultura / Semiótica Peirceana

2. Considere a informação:
"A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz."
(BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 7.)

[13] Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>. Acesso em: 28 jul. 2017.

A partir dessa ideia, analise as afirmativas:
I) A Semiótica dá ênfase apenas aos elementos extratextuais, ideológicos, concebendo o texto como um objeto essencialmente histórico.
II) A Semiótica dá ênfase à organização dos mecanismos que engendram o texto, concebendo-o como um objeto de significação.
III) A Semiótica distancia-se das teorias que se ocupam do texto, na medida em que possui uma metodologia de análise reducionista.
Assinale a alternativa que apresenta a(s) afirmativa(s) verdadeira(s):
a) Apenas a afirmativa I.
b) Apenas a afirmativa II.
c) Apenas a afirmativa III.
d) Apenas as afirmativas I e III.
e) Apenas as afirmativas II e III.

3. Leia a seguinte passagem:
"Um texto define-se de duas formas que se complementam [...] A primeira concepção de texto, entendido como objeto de significação, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um 'todo de sentido'. [...] A segunda caracterização de texto não mais o toma como objeto de significação, mas como objeto de comunicação entre dois sujeitos. [...] Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido."
(BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 7.)
Com base na passagem e nos conhecimentos sobre a análise semiótica de textos, assinale a alternativa correta:
a) O exame das estruturas textuais configura a chamada análise externa do texto.
b) O exame das influências sócio-históricas configura a chamada análise interna do texto.
c) A análise interna e a análise externa do texto não são, semioticamente, relacionáveis.
d) A análise interna e a análise externa do texto são, semioticamente, complementares.
e) Análises internas e análises externas do texto não comportam conceitos semióticos.

4. Considere a seguinte informação:
"A semiótica deve ser assim entendida como a teoria que procura explicar o ou os _____ do _____ pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de _____."
(BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 8.)
Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas, evidenciando a essência da teoria semiótica.
a) significados / objeto / comunicação
b) elementos / sentido / conteúdo
c) elementos / sentido / expressão
d) sentidos / texto / conteúdo
e) sentidos / texto / expressão

5. Com base nos conhecimentos acerca da Semiótica, analise as asserções a seguir e a relação estabelecida entre elas:
I) A Semiótica constitui uma teoria que, ao se ocupar do texto, integra os estudos da linguagem.
PORTANTO
II) A Semiótica deve ter sua abordagem acadêmica restringida, a fim de garantir sua visibilidade teórica.
A respeito dessas asserções, assinale a alternativa correta:
a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma conclusão da I.
b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma conclusão da I.
c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
e) As asserções I e II são proposições falsas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 307-336.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 149-186, jan./jun. 2012.

_____. O texto na semiótica. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 71-91.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 5. ed. Trad. Antônio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-176, 1995.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). **Saussure**: a invenção da linguística. São Paulo: Contexto, 2013, p. 7-20.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémantique structurale**: recherche de méthode. Paris: Librairie Larousse, 1966.

_____. **Semântica estrutural**: pesquisa de método. Trad. Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris: Hachette Université, 1979.

_____. COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HÉNAULT, Anne. **História concisa da semiótica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

HJELMSLEV, Louis. **Omkring sprogteoriens grundlaeggelse**. København: Akademisk Forlag, 1943.

_____. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 3. ed. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton. **Semiótica**: objetos e práticas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOTMAN, Iuri M. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris (Org.). **Semiótica russa**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 31-41.

PEIRCE, Charles S. Semiótica. 4. ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**? São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. Epistemologia semiótica. **Cognitio**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 93-110, jan./jun. 2008.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1916.

_____. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHNAIDERMAN, Boris. Semiótica na URSS: uma busca dos "elos perdidos". In: SCHNAIDERMAN, Boris (Org.). **Semiótica russa**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 9-27.

VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Rev. Estud. Comun**., Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

Análise semiótica de textos

Antonio Lemes Guerra Junior

Objetivos de aprendizagem

Nesta unidade, *Análise semiótica de textos*, você acompanhará reflexões pautadas nos seguintes objetivos:

- Compreender a base metodológica da análise semiótica de textos (o percurso gerativo de sentido).
- Conhecer as especificidades dos diferentes níveis de análise do texto (o fundamental, o narrativo e o discursivo).
- Analisar textos verbais, semioticamente, por meio dos conceitos teóricos contemplados.

A fim de que você alcance esses objetivos, a unidade desdobra-se nas seguintes seções:

Seção 1 | O percurso gerativo de sentido: nível fundamental

Nesta seção, você conhecerá a essência da metodologia básica de análise semiótica de textos, o percurso gerativo de sentido, com ênfase em sua primeira etapa de análise: o nível fundamental, caracterizado por ser o mais simples e abstrato. A partir de um texto-base, poderá ser feita a verificação de como tem início o engendramento de sentidos, a partir das oposições semânticas fundamentais.

Seção 2 | O percurso gerativo de sentido: nível narrativo

Nesta seção, avançando um pouco mais nas reflexões sobre o percurso semiótico, você compreenderá a organização e o funcionamento do chamado nível narrativo, uma etapa intermediária de análise, em que ganham relevo as relações entre sujeitos e objetos, inseridos no contexto da narratividade. Tudo isso, mais uma vez, a partir da aplicação dos conceitos sobre o texto-base.

Seção 3 | O percurso gerativo de sentido: nível discursivo

Nesta seção, finalizando a trajetória analítica do texto-base selecionado, você chegará ao nível discursivo, considerado o mais complexo e concreto, no qual as estruturas fundamentais identificadas no plano de conteúdo ganham, no plano da expressão, revestimentos discursivos. Isso será feito com a observação do contraste entre temas e figuras e dos mecanismos enunciativos.

Introdução à unidade

Como analisar textos sob uma perspectiva semiótica?

Tal questionamento é o ponto de partida para as reflexões propostas nesta unidade – *Análise semiótica de textos* –, em que serão mobilizados os preceitos teóricos e práticos a serem considerados por aqueles que, como semioticistas, pretendem analisar a construção de sentidos nos textos.

Trata-se de um momento importante, uma vez que você terá a oportunidade de avançar um pouco mais no campo de abrangência da Semiótica Greimasiana, afinal, tendo conhecido suas origens, é essencial que, agora, você passe a explorar o modo como ela, de fato, concebe a análise textual. Você verá, aqui, a trajetória percorrida entre três patamares, sendo o primeiro o mais simples e abstrato, e o último, o mais complexo e concreto. Tais distinções ficarão evidentes quando você tiver acesso às especificidades de cada um desses níveis, compreendendo como ocorre a gênese dos sentidos, no plano de conteúdo do texto, e sua posterior materialização, já no plano de expressão.

Para que você tenha uma visão completa e, mais que isso, organizada desse percurso, distribuímos nossas reflexões entre as seguintes seções: (i) "O percurso gerativo de sentido: nível fundamental", que apresenta os conceitos basilares relacionados a essa metodologia de análise, como as chamadas oposições semânticas, das quais se originam o(s) sentido(s) do texto; (ii) "O percurso gerativo de sentido: nível narrativo", em que são evidenciadas as relações entre sujeitos e objetos de valor; e (iii) "O percurso gerativo de sentido: nível discursivo", no qual o texto é concebido como um produto da enunciação, sendo analisado sob a perspectiva das categorias de espaço, tempo e pessoa, além das relações entre temas e figuras.

Esperamos que você desvende os meandros dessa interessante proposta de análise semiótica.

Vamos nessa?

Seção 1

O percurso gerativo de sentido: nível fundamental

Introdução à seção

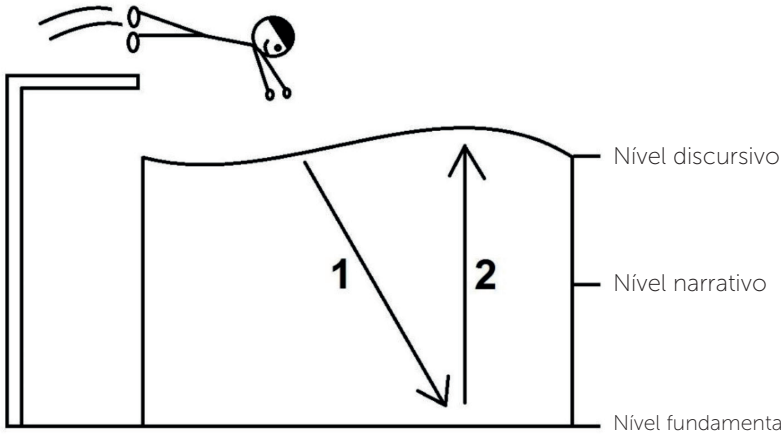
Durante a unidade anterior, você foi apresentado ao universo semiótico, certo? Percorremos uma série de reflexões ligadas à essência da Semiótica e finalizamos nosso estudo com a ideia de que a teoria conta com uma metodologia própria para a análise de textos. Assim, nesta primeira seção, você conhecerá o percurso gerativo de sentido e compreenderá qual a sua relevância no processo de leitura de um texto sob o viés semiótico. Por enquanto, porém, será tratado com maior profundidade o primeiro nível de análise, chamado de "fundamental", de onde se parte para a compreensão de como são engendrados os sentidos do texto.

Você, além de conhecer os conceitos teóricos referentes a essa etapa inicial, terá a oportunidade de observar a aplicação dos mecanismos de análise na leitura de um texto-base, a fim de verificar, de modo prático, como funciona esse método. Trilhe um bom "percurso" de estudo!

1.1 Essência do percurso gerativo de sentido

Você deve se lembrar de que, no final da unidade anterior, afirmamos que a Semiótica, ao analisar um texto, explora primeiramente o seu plano de conteúdo, não é? Esse plano é concebido como um percurso, o **percurso gerativo de sentido**. Para compreendermos a dinâmica desse caminho semiótico, imagine que o texto seja uma piscina, na qual o semioticista deve mergulhar, percorrendo diferentes níveis de "profundidade":

Figura 2.1 | Trajetória do semioticista na análise via percurso gerativo de sentido



Fonte: elaborada pelo autor.

- a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de **nível fundamental** ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- no segundo patamar, denominado **nível narrativo** ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e o terceiro nível é o **do discurso** ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Cada um desses níveis – o fundamental, o narrativo e o discursivo –, embora atuem de forma complementar na construção dos sentidos do texto, possuem uma organização particular, com uma *sintaxe* e uma *semântica* autônomas, conforme evidencia a representação esquemática do percurso gerativo de sentido, a seguir:

Quadro 2.1 | Estrutura do percurso gerativo de sentido

<table>
<tr><th colspan="4">Percurso Gerativo</th></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Componente sintático</td><td>Componente semântico</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Estruturas semionarrativas</td><td>Nível profundo</td><td>Sintaxe fundamental</td><td>Semântica fundamental</td></tr>
<tr><td>Nível de superfície</td><td>Sintaxe narrativa de superfície</td><td>Semântica narrativa</td></tr>
<tr><td>Estruturas discursivas</td><td colspan="2">Sintaxe Discursiva
Discursivização
actorialização
temporalização
espacialização</td><td>Semântica discursiva
Tematização
Figurativização</td></tr>
</table>

Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 235).

Sintaxe? Semântica? Será que vamos estudar gramática? Você deve estar se perguntando sobre o que isso significa, não é? Para compreender essa relação sintático-semântica, podemos fazer uma breve reflexão. Basicamente, quando pensamos gramaticalmente em sintaxe e em semântica, estamos nos referindo, respectivamente, à organização das estruturas linguísticas e ao seu sentido, ou seja, elementos que são, em certa medida, complementares. Semioticamente, a sintaxe diz respeito a "um conjunto de regras que rege o encadeamento das formas de conteúdo na sucessão do discurso", e a semântica está relacionada aos diferentes conteúdos que recobrem essas estruturas sintáticas conceituais (FIORIN, 2008, p. 21).

Para que você compreenda melhor como tudo isso está delineado pela Semiótica, a seguir, exploraremos as especificidades do nível fundamental, para que você possa, nas seções seguintes, conhecer os demais níveis de análise (o narrativo e o discursivo).

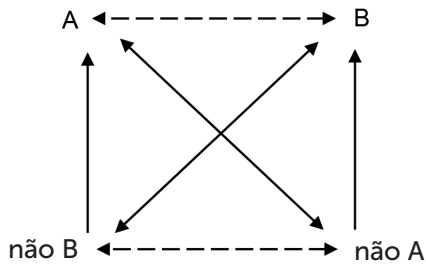
1.2 Aspectos teóricos ligados ao nível fundamental

O nível fundamental é o ponto de partida para a análise semiótica do texto com base no percurso gerativo de sentido, caracterizando-se essencialmente por ser o mais simples, mais profundo e mais abstrato.

A organização semântica desse nível prevê a identificação de categorias, pertencentes a um mesmo eixo, as quais mantêm entre

si uma oposição. De um modo sintético, a **oposição semântica fundamental** marca a gênese dos sentidos do texto, sendo a partir dela estabelecidas todas as reflexões ligadas à organização do texto, com a distribuição dos elementos que a representam. Dentro de um funcionamento estrutural, a fim de que possam ser estabelecidas relações entre as diferentes categorias semânticas identificadas, a oposição pode ser representada por meio de um clássico esquema, proposto por Greimas durante o desenvolvimento de sua teoria, o **quadrado semiótico**:

Figura 2.2 | Oposição de termos no quadrado semiótico



Fonte: elaborada pelo autor.

Nessa representação, A e B constituiriam as categorias formadoras da oposição semântica identificada no nível fundamental, sendo tomados como termos contrários. Cada um desses termos recebe, no texto, um valor qualitativo, pautado na relação euforia x disforia: se o valor é eufórico, tem um caráter positivo; se é disfórico, trata-se de um valor negativo. E, assim, se dá a síntese do funcionamento sintático desse nível, marcado justamente pelas possibilidades de negação e afirmação das categorias, com base nos valores a elas atribuídos:

- afirmação de A > negação de A > afirmação de B;
- afirmação de B > negação de B > afirmação de A.

Tais fórmulas regem a organização basilar do texto para o engendramento de seus sentidos. E é isso que você verá, a partir de agora, com a aplicação desses conceitos na análise de um texto-base. Preparado? Vamos lá!

1.3 Aplicação prática dos conceitos

A fim de que você compreenda os conceitos tratados até aqui, de modo prático, leia o texto a seguir:

Para que ninguém a quisesse

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras.

Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela.

Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos.

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

(COLASANTI, Marina. "Para que ninguém a quisesse". In: **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 111-112.)

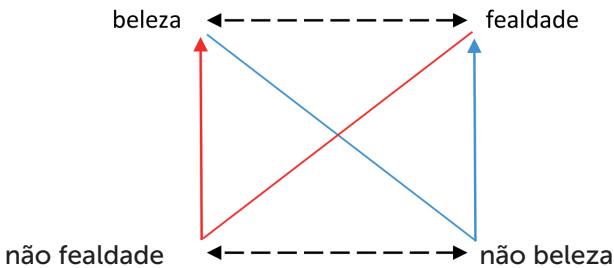
A história mostra a relação de um casal abalada pelos ciúmes, sendo o marido levado a deteriorar a imagem de sua esposa, fazendo com que seus belos traços dessem lugar a caracteres comuns e nada atraentes, para que, de fato, "ninguém a quisesse". A partir disso, no nível fundamental desse texto, os sentidos emergem a partir de uma oposição facilmente identificável: beleza X fealdade. Trata-se de termos opostos, pertencentes a um mesmo eixo – o das características físicas –, e dos quais emerge toda uma rede de significação.

Inicialmente, sobre o primeiro termo – a beleza –, recai um valor negativo, disfórico, porque "os homens olhavam demais para sua mulher", e isso incomodava o marido, inflamando os seus ciúmes. Sobre

o segundo – a fealdade –, recai um valor positivo, eufórico, porque, assim, "homem nenhum se interessava por ela". Porém, na segunda parte da história, quando "uma fina saudade" começa a tomar conta do personagem, tais valores se invertem, e os termos opostos passam a ter outros significados na narrativa (a beleza volta a ser necessária; e a fealdade, não mais).

Inserindo a oposição semântica identificada no quadrado semiótico, torna-se mais claro o percurso significativo dos valores atribuídos aos termos que a constituem:

Figura 2.3 | Oposição semântica inserida no quadrado semiótico



Fonte: elaborada pelo autor.

Considerando a primeira parte da história, o percurso é este: afirmação da beleza ("sua beleza chamava a atenção") > negação da beleza ("tosquiou-lhe os longos cabelos") > afirmação da fealdade ("ninguém a olhava duas vezes"). Na segunda parte, entretanto, o percurso assume um sentido inverso, desta forma: afirmação da fealdade ("ninguém a olhava duas vezes") > negação da fealdade ("uma fina saudade") > afirmação da beleza ("então lhe trouxe um batom"). Essa última afirmação da beleza, no entanto, permanece como uma tentativa frustrada, uma vez que fora alterada, ao longo da narrativa, a relação dos indivíduos com suas características.

Vale ressaltar que essa é uma análise sob a perspectiva dos valores assumidos pelo personagem "marido". Se o foco partir do olhar feminino na trama, a oposição beleza X fealdade segue um percurso contrário: a beleza, para a mulher, possivelmente, não é recoberta por um caráter negativo, haja vista serem detectadas informações pressupostas que evidenciam traços de seus cuidados com a aparência, como o uso de vestidos não tão longos e de maquiagem ("descesse a bainha dos

vestidos e parasse de se pintar"). À medida que sua relação com esses elementos é forçadamente alterada, a beleza já não mais a interessa, sendo o valor positivo, agora, inscrito na fealdade ("tinha desaprendido a gostar dessas coisas").

Esse foi só o primeiro passo para compreendermos o engendramento dos sentidos do texto. Vamos avançar um pouco mais? Acompanhe as próximas seções.

Para saber mais

Ao mergulhar na compreensão da Semiótica greimasiana, em especial do seu percurso gerativo de sentido, você deve ter percebido uma grande quantidade de conceitos, os quais configuram o quadro terminológico dessa vertente de análise. Considerando que muitos outros termos ainda serão apresentados e discutidos, registramos a sugestão de consulta ao "Dicionário de Semiótica", de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés, publicado pela Editora Contexto em 2016.

Aproveite, durante a consulta, para aprofundar seus estudos sobre conceitos como "percurso gerativo" (p. 232-235), "oposição" (p. 352) e "quadrado semiótico" (p. 400-404), além de outros de seu interesse.

Questão para reflexão

Você conheceu, aqui, os elementos introdutórios do percurso gerativo de sentido. Sobre isso, considere a seguinte ideia: "Conceber a teoria semiótica sob a forma de percurso consiste em imaginá-lo como caminho marcado por balizas" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 12).

Quais seriam essas balizas? Pense a respeito e avance no estudo do percurso.

Atividades de aprendizagem

1. Quando ouvimos o termo "percurso gerativo de sentido", prontamente o associamos à ideia de "caminho". Explique essa associação, considerando as especificidades dessa metodologia de análise semiótica.

2. Suponha que, durante a análise de um texto qualquer, no nível fundamental, seja depreendida uma oposição semântica, sendo o "conhecimento" um de seus constituintes. Qual seria o elemento oposto? Como essa oposição poderia ser representada segundo a estrutura do quadrado semiótico proposto por Greimas?

Seção 2

O percurso gerativo de sentido: nível narrativo

Introdução à seção

Você já sabe, a partir do que viu até aqui, o que é o percurso gerativo de sentido e como ele está organizado. Na seção anterior, a partir de um texto-base, você pôde refletir sobre o modo como têm origem os sentidos do texto, a partir de uma oposição semântica, detectada no nível fundamental. Agora, nesta seção, será apresentado em maior profundidade o nível narrativo, um patamar intermediário, em que se discutem as relações entre sujeitos e objetos, bem como sua função na construção narrativa do texto.

Mantendo a mesma estratégia de estudo, partiremos dos conceitos teóricos que estruturam o nível narrativo, para, na sequência, observarmos como se dá seu funcionamento prático no exame do texto que tomamos como objeto de análise. Assim, logo, você estará apto para atuar como um verdadeiro semioticista!

2.1 Aspectos teóricos ligados ao nível narrativo

O nível narrativo constitui dentro do percurso gerativo de sentido, uma fase intermediária, na qual elementos detectados no nível fundamental são assumidos por sujeitos como objetos de valor, delineando a narratividade do texto.

Sujeito? Narratividade? Estamos falando de Semiótica ou de sintaxe gramatical e de tipos de texto? Acalme-se, pois os conceitos aqui apresentados são facilmente compreensíveis.

Considerando a sua organização estrutural, com as regras que regem o seu funcionamento, a sintaxe do nível narrativo prevê a identificação de dois actantes[1] básicos: o **sujeito** e **o objeto de valor**. O sujeito, em linhas gerais, constitui um papel actancial relacionado àquele que busca um objeto, sobre o qual deposita valores. O objeto de valor, por sua vez, corresponde às aspirações do sujeito, àquilo que ele busca, que ele deseja. Se esse sujeito alcança ou tem o seu

[1] Participantes da narrativa. Um termo também usado é "atuantes" (GREIMAS, 1977).

objeto de valor, diz-se que ele está em uma relação de conjunção com o seu objeto (S ∩ Ov), marcada por um valor positivo, eufórico. Se, ao contrário, não alcança ou não tem o objeto, mantém-se em uma relação de **disjunção** (S ∪ Ov), recoberta por um valor negativo, disfórico.

Tais relações entre sujeitos e objetos dão forma aos enunciados semióticos elementares, os quais podem ser:

a) **Enunciados de estado**: caracterizados pela relação de conjunção ou de disjunção entre sujeito e objeto de valor;

b) **Enunciados de fazer**: caracterizados pela transformação dos estados dos sujeitos a partir de ações.

A transformação do estado do sujeito – de conjunção a disjunção ou vice-versa – caracteriza a chamada **narratividade**, segundo Fiorin (2008, p. 27), um "componente de todos os textos", e não apenas de gêneros narrativos, marcado pela fórmula: estado inicial > transformação > estado final. Conforme Portela (2009, [s. p.])

> Longe de ser um conceito entre outros no aparato teórico-metodológico da Semiótica desenvolvida por A. J. Greimas e seus colaboradores, a narratividade pode ser compreendida como um elemento organizador e fundador do sentido [...] Assim concebida, a narratividade é o modelo por excelência de geração do sentido em Semiótica greimasiana, constituindo talvez a mais original contribuição teórica de A. J. Greimas e sua escola.

Nesse contexto, uma vez que a natureza do sujeito "depende da função em que se inscreve", estando ele "sujeito ao objeto com que se relaciona" (FIORIN, 2007a, p. 26), são identificáveis diferentes tipos de sujeitos:

a) **Sujeito de estado**: aquele que está em conjunção ou disjunção com um objeto de valor;

b) **Sujeito do fazer/operador**: aquele que realiza uma performance, uma ação que colocará outro sujeito ou ele mesmo em conjunção com o objeto de valor;

c) **Sujeito destinador/manipulador**: aquele responsável pelo processo de manipulação, o qual levará um sujeito à realização de uma performance;

d) **Sujeito destinatário/manipulado**: aquele que é o alvo da manipulação e que será levado à execução de uma ação;

e) **Sujeito julgador**: aquele que realiza a sanção, a emissão de um juízo de valor direcionado à performance dos sujeitos.

Você percebeu, na descrição dos tipos de sujeitos, alguns termos específicos, como "performance", "manipulação" e "sanção"? Trata-se de conceitos importantes, que merecem um destaque especial:

a) **Performance**: Para a realização de sua performance, o sujeito depende de algumas modalidades, representadas pelo **poder**, **saber**, **dever** e **querer**. O sujeito conseguirá realizar sua performance, se souber e puder executá-la, ou seja, se tiver a competência para tal. É necessário, também, muitas vezes, que ele deva ou queira realizá-la. A relação entre ele e os demais sujeitos da narrativa semiótica vai delineando esses arranjos modais. Para Greimas e Courtés (2016, p. 363), ela é entendida como "uma transformação que produz um novo 'estado de coisas'".

b) **Manipulação**: Entendida como a "ação do homem sobre outros homens" (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 300), a manipulação, no âmbito da semiótica, ocorre quando um sujeito, para entrar em conjunção com seu objeto de valor, tenta convencer outro sujeito à realização de uma performance. E isso pode ser dar de quatro modos distintos: tentação (quando se oferece uma recompensa ao sujeito manipulado); sedução (quando se valorizam caracteres positivos do sujeito manipulado); intimidação (quando se faz uma ameaça ao sujeito manipulado); ou provocação (quando se enfatizam caracteres negativos do sujeito manipulado).

c) **Sanção**: Dentro do percurso narrativo dos sujeitos, a sanção aparece como uma última etapa, em que ocorre "a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação" (FIORIN, 2008, p. 31). Trata-se do momento em que o sujeito destinador/manipulador interpreta e avalia, positiva ou negativamente, a ação do sujeito destinatário/manipulado, atribuindo-lhe um prêmio ou um castigo. Isso evidencia o funcionamento semântico desse nível de análise, uma vez que a sanção baliza-se pelas relações entre o ser X o parecer dos sujeitos.

Diante de tudo isso, você deve estar se perguntando: mas a Semiótica enfatiza apenas o que os sujeitos "fazem"? E o que eles

"sentem" ou o que eles, de fato, "são"? Uma reflexão como essa é extremamente relevante, pois, com o passar do tempo, a Semiótica percebeu que, durante o percurso dos sujeitos, são percebidas, entre eles, relações complexas, que geram sentimentos, sensações, as quais têm relevância no processo de análise, pois determinam sua trajetória.

É aí que surge a Semiótica das Paixões, sendo estas tomadas como "estados de alma" decorrentes de "estados de coisas" (MELLO, 2005), os quais "estão sempre presentes nos textos" (FIORIN, 2007b, p. 10). É possível, então, sob essa perspectiva, analisar situações em que o sujeito é envolto por elementos como medo, vergonha, ódio, amor, alegria, tristeza, curiosidade, desejo, cobiça, ressentimento, remorso, e tantas outras emoções humanas que podem gerar, nos textos, efeitos de sentido.

É válido ressaltar que, conforme afirmamos, a ideia de narratividade e a possibilidade de análise semiótica não se restringem aos gêneros narrativos. É possível, assim, explorar "o que dizem", também, textos pertencentes a gêneros argumentativos, expositivos, descritivos, entre outros. A diferença é que, nesses casos, talvez, os papéis actanciais de sujeitos e objetos de valor, por exemplo, não estejam tão evidentes, como costumam estar ao identificarmos as "personagens" de uma narrativa comum. Isso exige, portanto, um olhar do analista, com maior ênfase, para aquilo que poderia ser mais facilmente identificado, como as oposições semânticas (do nível fundamental) ou as relações entre temas e figuras (que veremos mais adiante, do nível discursivo), ou seja, sem que se percorram todos os níveis do Percurso Gerativo de Sentido. As relações entre sujeitos, porém, não seriam excluídas. Conforme Barros (2002), com essa ênfase maior nas estruturas discursivas em detrimento das narrativas, o sujeito-manipulador, por exemplo, corresponderia ao produtor do texto, enquanto o sujeito-julgador seria retomado na figura do próprio receptor-interpretante do texto.

De um modo geral, considerando que o texto cuja análise iniciamos pertence ao gênero narrativo, são bastante evidentes as relações que se estabelecem entre os diferentes actantes (sujeitos e objetos), os quais percorrem uma trajetória que leva à sua transformação. Assim, com a próxima etapa de nossa análise, você dará um passo a mais na compreensão de como o texto diz o que diz.

2.2 Aplicação prática dos conceitos

Você viu, na seção que tratou da análise do nível fundamental,

que o texto "Para que ninguém a quisesse" (COLASANTI, 1986) é organizado em torno da oposição semântica beleza X fealdade. Foi possível perceber, também, que esses elementos são recobertos por valores, eufóricos ou disfóricos, a depender do momento da narrativa e do foco pelo qual as ações são perspectivadas (o olhar do marido ou o da esposa). Agora, é momento de entender como se dá a relação desses sujeitos com os seus objetos de valor.

Na primeira parte da narrativa, o sujeito "marido", enquanto um homem ciumento, quer afastar todos aqueles que lançam os olhares sobre sua esposa, evidenciando o desejo de que ela permaneça na condição de "apenas sua". Embora não fique evidente, no texto, que a esposa lhe seja infiel, percebe-se, aí, o objeto de valor por ele buscado: a "fidelidade/exclusividade". Tal objeto, por sua vez, só pode ser alcançado se uma grande performance for empreendida: a deterioração da aparência física da esposa ("mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar"; "exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos"; "tirou as roupas de seda [...] tirou todas as joias"; "pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos").

Instaura-se, aí, a narratividade, com a transformação de estados do sujeito, que parte de um estado disfórico, de disjunção com a fidelidade/exclusividade da esposa, para um estado eufórico, de conjunção com esse objeto de valor, conforme evidenciam os enunciados elementares a seguir:

$$S_{(marido)} \cup Ov_{(fidelidade/exclusividade)}$$

$$\downarrow$$

$$S_{(marido)} \cap Ov_{(fidelidade/exclusividade)}$$

O sujeito "marido" assume, no texto, diferentes papéis actanciais. Ele atua, no percurso narrativo, como sujeito destinador/manipulador e, ao mesmo tempo, como sujeito destinatário/manipulado, pois a manipulação parte dele em direção a ele mesmo: o próprio ciúmes

o move, indicando-lhe, por meio da intimidação (quase como uma voz do subconsciente: "se sua esposa continuar bela, você a perderá"), que ele deve agir para garantir sua exclusividade. E ele, na qualidade de sujeito do fazer/operador, portador da competência para isso, por saber/querer/poder, mesmo talvez sem dever, cede a essa manipulação e age, garantindo o alcance dos valores positivos, inscritos por ele na fealdade da esposa.

Com o passar o tempo, porém, "uma fina saudade", que começa a "alinhavar-se em seus dias", chega na qualidade de sujeito julgador, punindo o sujeito "marido", fazendo-o perceber que a esposa "esquiva" e "mimetizada com os móveis e as sombras" não mais lhe provocava o "desejo inflamado" que outrora sentira. E, assim, em um novo processo de manipulação, mas agora pela "fina saudade", o sujeito "marido" é levado a empreender uma nova performance, em busca de um novo objeto de valor: a "beleza da esposa", o "desejo pela esposa".

Assim, ações como trazer um "batom", um "corte de seda" ou uma "rosa de cetim" evidenciam a luta do sujeito pela reconquista da conjunção com aquilo que nunca deveria ter perdido. Porém, considerando que a esposa "tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar", o sujeito "marido" mais uma vez é sancionado negativamente, recebendo, como recompensa, apenas um "vestido de chita" circulando pela casa ou uma "rosa desbotando sobre a cômoda".

É válido ressaltar que outras leituras, empreendidas por outros semioticistas, podem resultar em percursos diferenciados, haja vista a riqueza semântica do texto. Assim, mesmo que não esgotada, finalizamos essa etapa de análise, abrindo espaço para que você verifique, na próxima seção, como todo esse arranjo interno do texto aparece de modo mais concreto no seu plano de expressão.

Para saber mais

Ao longo das reflexões sobre o nível narrativo, foram feitas breves menções ao conceito de "paixão", relacionado ao estudo dos "estados de alma dos sujeitos", em decorrência de um novo olhar semiótico sobre os enunciados do ser, e não mais apenas sobre os enunciados

do fazer. Assim, para se aprofundar um pouco mais nesse tema, recomendamos a leitura do artigo *Sobre a semiótica das paixões*[3], de Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de Mello, publicado pela Revista Signum, em 2005.

Nesse texto, você pode compreender com um pouco mais de clareza como as paixões semióticas surgem nos textos e quais os efeitos de sua existência em termos de sentido. Porém, se você se interessar bastante sobre o assunto, você também pode consultar a obra *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*, de Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille, publicado no Brasil, em 1993, pela Editora Ática.

Questão para reflexão

Vimos, ao longo da seção, que "a narratividade pode ser compreendida como um elemento organizador e fundador do sentido [...] Assim concebida, a narratividade é o modelo por excelência de geração do sentido em Semiótica greimasiana" (PORTELA, 2009, [s. p.]).

O que você pensa sobre a relevância atribuída a esse conceito semiótico?

Atividades de aprendizagem

1. No nível narrativo do percurso gerativo de sentido, as relações entre diferentes sujeitos na busca por seus objetos de valor desencadeia a etapa da chamada "manipulação". Defina esse conceito, evidenciando suas diferentes ocorrências.

2. "Os alunos gostariam de aprender sobre a Semiótica, ampliando o seu conhecimento acerca da teoria. Assim, leram o livro da disciplina e realizaram os exercícios." Com base nessa passagem, evidencie o sujeito e os seus objetos de valor, ressaltando a relação entre eles.

---

[2] No âmbito da chamada Semiótica das Paixões, brevemente citada no item anterior, o ciúme poderia ser analisado como um "estado de alma" do sujeito, uma "paixão", decorrente de todo um arranjo modal complexo da narrativa: o sujeito quer ser exclusivo, mas sabe que pode não ser exclusivo, e assim surge o ciúmes (querer ser + saber poder não ser).

[3] Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3705/2979>. Acesso em: 9 ago. 2017.

Seção 3

O percurso gerativo de sentido: nível discursivo

Introdução à seção

Chegamos à última seção desta unidade, na qual será finalizada a análise do texto-base selecionado, permitindo que você compreenda, agora, como se organiza o nível discursivo, tomado como o mais complexo, superficial e concreto. Nele, os elementos fundamentais identificados no plano de conteúdo, quando avaliamos, por exemplo, as oposições semânticas e as relações entre sujeitos e objetos, são revestidos por uma maior concretude, elevando o texto a um produto da enunciação.

Novamente, iniciaremos nossas reflexões, partindo do levantamento teórico de alguns conceitos, como, os de temas e figuras, muito importantes nessa etapa de análise. Pronto para se tornar, de modo completo, um semioticista? Então, vamos nessa!

3.1 Aspectos teóricos ligados ao nível discursivo

De um modo bastante objetivo, pode-se compreender o nível discursivo como aquele em que todos os elementos dos níveis fundamental e narrativo são assumidos pelo sujeito da "enunciação"[4], ou seja, pelo "enunciador", sendo revestidos discursivamente, dando forma ao nível mais próximo da manifestação textual, ou seja, daquilo que, de fato, vemos como texto. Nesse contexto, é válido ressaltar:

> Entendemos por *enunciação* o ato de um sujeito-destinador interagir, em situação de comunicação, com um sujeito-destinatário, implicando essa interação uma manipulação em que ao destinador cabe, em sentido amplo, um fazer persuasivo e ao destinatário um fazer interpretativo. O produto do ato da enunciação, falado ou escrito, é o *enunciado*. (HILGERT, 2007, p. 70)

[4] Em síntese, um "ato de linguagem" (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 166). Para Benveniste (1989, p. 82), "a enunciação é este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização". Ao se colocar a linguagem em funcionamento, está-se enunciando, produzindo-se enunciados.

Assim, nessa etapa de análise, toma-se como base o enunciado e tem-se o intuito de constatar como ele se apresenta como uma "verdade". Para isso, no nível sintático, é verificada a projeção da enunciação no discurso, com o exame das categorias de **pessoa**, **espaço** e **tempo**, com base nos efeitos de realidade e de aproximação ou distanciamento que instauram. Além disso, no nível semântico, são observadas as relações entre **temas** e **figuras**, de modo a se verificar como, no plano de expressão, elementos do plano de conteúdo são concretizados.

Quanto às categorias de pessoa, espaço e tempo, os procedimentos de **actorialização**, **espacialização** e **temporalização** definem: (i) os atores participantes do discurso; (ii) o ambiente em que se desenvolvem as ações; e (iii) o instante em que se dão os fatos. Tem-se, assim, a construção da "cena enunciativa", marcada pela instalação de um eu-aqui-agora, nos textos de primeira pessoa, que geram um efeito de subjetividade e aproximação (debreagem enunciativa), ou de um ele-alhures-então, nos textos de terceira pessoa, que indicam, por sua vez, certa objetividade e distanciamento (debreagem enunciva).

Esses efeitos mostram-se relevantes porque determinam o jogo enunciativo entre o enunciador (que produz o discurso) e o enunciatário (que o recebe). Estabelece-se, assim, uma espécie de contrato de veridicção entre ambos, a partir do qual o discurso é assumido como verdadeiro, como um resultado das estratégias mobilizadas pelo enunciador para o convencimento do enunciatário.

No que tange aos temas e às figuras, Barros (2004, p. 12) define aqueles como "conteúdos semânticos tratados de forma abstrata" e estas como "o investimento semântico-sensorial dos temas", e ambos, juntos, "asseguram a coerência semântica, temática e figurativa do discurso". O que isso significa? Segundo Fiorin (2008, p. 90), "tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido". Assim, isso significa que é por meio dos temas e das figuras que o texto atinge seu grau máximo de concretude, sendo assumido como um produto enunciativo gerador de sentidos.

Se você tem, por exemplo, no plano de conteúdo, o tema do "amor", no plano de expressão, podem ser mobilizadas figuras como "beijos", "abraços", "pessoas de mãos dadas", "uma mãe com o filho", "uma família", enfim, um mesmo conteúdo abstrato pode ser concretizado de modos diferentes, a depender daquilo que pretende o enunciador.

Quer ver como tudo isso se dá no texto que estamos analisando? Acompanhe o próximo item.

3.2 Aplicação prática dos conceitos

Em linhas gerais, vimos que, no nível discursivo, o texto é analisado sob uma perspectiva enunciativa, como um produto da enunciação, da linguagem em funcionamento. E, para que verifiquemos como isso se dá na prática, vamos retomar o texto "Para que ninguém a quisesse" (COLASANTI, 1986). Você se lembra da história, não é? Um homem, movido pelos ciúmes, que aniquila a beleza da esposa, mas que, ao final, percebe o equívoco que cometera. Como isso se dá em termos discursivos? Observe.

O texto é todo construído com base em uma embreagem enunciva, ou seja, promovendo um efeito de relativa objetividade e distanciamento, uma vez que o enunciador não se coloca presente no discurso. Isso é alcançado por meio de processos de actorialização, espacialização e temporalização que evidenciam: uma terceira pessoa (evocada pelos verbos e pronomes, ora referindo-se ao homem, ora remetendo à mulher); um espaço indefinido, diferente do "aqui" da enunciação, que adquire, em certas passagens, uma tonalidade doméstica ("armários", "gaveta", "cômodos", "móveis", "cômoda"); e um tempo igualmente indefinido, recoberto por um caráter pretérito, genérico, compondo uma narrativa que não se prende a nenhuma data.

Esse tom de distanciamento, pela opção de um ele/ela-alhures-então, em detrimento de um eu/tu-aqui-agora, permite que o enunciador construa um discurso forte, sem que, em certa medida, seja responsabilizado por ser porta-voz de uma espécie de denúncia. E é assim que se delineiam as relações entre temas e figuras no texto:

Quadro 2.2 | Relação entre temas e figuras no texto-base

Temas	Figuras
Beleza feminina	vestidos pintura (maquiagem) decotes sapatos de saltos altos roupas de seda joias longos cabelos batom corte de seda rosa de cetim
Fealdade feminina	vestido de chita bainhas descidas ausência de joias, decotes e sapatos de saltos altos cabelos tosquiados
Machismo (opressão da mulher)	"mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar" "tirou as roupas de seda" "tirou todas as joias" "pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos"
Submissão (da mulher aos mandos do marido)	"esquiva como um gato, não mais atravessava praças" "evitava sair" "em silêncio pelos cômodos" "mimetizada com os móveis e as sombras" "largou o tecido em uma gaveta" "esqueceu o batom" "a rosa desbotava sobre a cômoda"

Fonte: elaborado pelo autor.

Do plano de conteúdo, podem ser depreendidos temas como a beleza ou a fealdade femininas que evocam a oposição semântica basilar do texto, ponto de partida, também, para a abordagem de temas mais complexos, como o do machismo ou o da submissão da mulher presa a um relacionamento degradante. O enunciador, para estabelecer um contrato de veridicção com o(s) seu(s) enunciatário(s), leitor(es) do conto, recorre a figuras do mundo físico, natural, real, de modo que se crie a ilusão de verdade, capaz de garantir a assunção do discurso como verdadeiro.

A construção do texto perpassa todos esses procedimentos, todos esses níveis, desde a ideia conceptual até a conformação da materialidade textual.

Para saber mais

O percurso gerativo de sentido, a metodologia básica de análise semiótica de textos, foi, nesta unidade, aplicado no exame de um microconto, um texto verbal. No entanto, como você verá na próxima unidade, ele pode ser adotado como método de análise de textos de natureza variada.

Por isso, para que você conheça um pouco mais sobre essa ampla aplicabilidade, sugerimos a leitura do livro *Semiótica: objetos e práticas*, organizado por Ivã Carlos Lopes e Nilton Hernandes, numa publicação, de 2016, da Editora Contexto. Será interessante para que você perceba como um olhar semiótico, sob o viés greimasiano, pode ser lançado sobre diferentes linguagens.

Questão para reflexão

Iniciando nossas breves reflexões sobre a aplicabilidade da Semiótica na análise de textos, também, não verbais, considere esta informação: "Para onde quer que nos voltemos, há imagem" (JOLY, 1996, p. 17).

A imagem é, mesmo, onipresente? Reflita sobre isso e, em seguida, explore a próxima unidade, cujas reflexões em torno das chamadas semióticas sincréticas vão o auxiliar no aprimoramento de suas ideias a respeito disso.

Atividades de aprendizagem

1. No âmbito da análise semiótica no nível discursivo, falou-se sobre "temas" e "figuras". O que são textos temáticos e figurativos?

2. Ainda durante o nível discursivo de análise, um conceito que se destaca é o de "enunciação". Como você o definiria?

Fique ligado

No decorrer da unidade, você teve acesso a muitas informações, assim sintetizadas:

- O delineamento de uma metodologia específica para a análise semiótica de textos;
- A compreensão do texto como um percurso de patamares sucessivos;
- Os diferentes níveis de análise do texto (fundamental, narrativo e discursivo);
- A aplicação dos procedimentos de análise semiótica em um texto-base, pautado no uso da linguagem verbal.

Todos esses itens, os quais embasaram as reflexões aqui propostas, devem ser considerados na sua futura atuação como um verdadeiro semioticista. E, para que você possa expandir ainda mais os seus horizontes nessa área, a Unidade 3, *Semióticas sincréticas*, revelará a aplicabilidade da Semiótica no exame dos sentidos construídos por meio de múltiplas linguagens. Portanto, fique ligado!

Para concluir o estudo da unidade

O que achou desta unidade? Interessante o modo como a Semiótica olha para o texto, não é? Agora é momento de você revisar os conceitos estudados até então, retomar elementos que lhe interessaram e, além disso, empreender pesquisas e leituras que lhe permitam o aprofundamento no conteúdo.

Uma sugestão é a de que você explore um pouco mais o conceito de "enunciação", o qual apareceu durante as discussões relativas ao

nível discursivo do percurso gerativo de sentido. Isso pode ser feito por você da seguinte forma:

- leia o artigo *Enunciação e Semiótica*[5], de Fiorin (2006);
- assista aos vídeos[6] "Conceito de enunciação" (FIORIN, 2011a), "A categoria de pessoa" (FIORIN, 2011b), "A categoria de espaço" (FIORIN, 2011c) e "A categoria de tempo" (FIORIN, 2011d), com explanações de José Luiz Fiorin, importante estudioso da Semiótica no Brasil.

Agora, que tal testar os seus conhecimentos, retomando os conteúdos estudados? Responda às questões propostas e, na sequência, avance em seus estudos.

Atividades de aprendizagem da unidade

1. A Semiótica discursiva adota, como metodologia para a análise dos textos, o Percurso Gerativo de Sentidos, assim definido:
"O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo."
(FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 20.)
Sobre os "patamares" constituintes desse percurso, analise as afirmativas:
I) O nível fundamental é o mais abstrato e profundo, no qual se situam as oposições semânticas que orientam o sentido do texto.
II) O nível narrativo é o mais concreto e visível, em que as formas abstratas do nível fundamental recebem investimentos figurativos.
III) O nível discursivo constitui a etapa em que se observam as transformações do sujeito em relação com objetos de valor.
É correto o que se afirma em:
a) apenas I.
b) apenas II.
c) apenas III.
d) apenas I e II.
e) apenas II e III.

---

[5] Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11924/7345>. Acesso em: 10 ago. 2017.

[6] Disponíveis em: <https://www.youtube.com/user/cultura/search?query=enuncia%C3%A7%C3%A3o%2Bfiorin>. Acesso em: 10 ago. 2017.

2. Considere o seguinte poema:

Do amoroso esquecimento

Eu agora — que desfecho!
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?

(QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2005.)

Assinale a alternativa que apresenta a oposição semântica, detectada no nível fundamental, que sustenta a construção dos sentidos do texto:

a) Agora x Depois
b) Sempre x Nunca
c) Princípio x Desfecho
d) Esquecimento x Lembrança
e) Amor x Ódio

3. Observe a charge:



Fonte: <http://www.ivancabral.com/2008/10/charge-do-dia-carrinho.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Na charge, o personagem deixa implícito o seu desejo. Com base nessa ideia, assinale a alternativa correta:

a) O sujeito está em conjunção com seu objeto de valor, "este tipo de carrinho".
b) O sujeito está em disjunção com seu objeto de valor, "este tipo de carrinho".
c) O sujeito está em conjunção com seu objeto de valor, "outro tipo de carrinho".
d) O sujeito está em disjunção com seu objeto de valor, "outro tipo de carrinho".
e) O sujeito mantém-se numa situação eufórica em relação ao seu objeto de valor.

4. Cotidianamente, é natural que professores, de um modo geral, utilizem-se de estratégias para levar os estudantes a realizarem alguma atividade. Considere, a seguir, as falas de um professor direcionadas aos seus alunos, em diferentes situações:

I) "Se vocês finalizarem a atividade, ganharão um ponto extra na média."

II) "Se vocês não finalizarem a atividade, levarei o caso à coordenação."

III) "Propus essa atividade, pois sei que são inteligentes e capazes de finalizá-la."

IV) "Propus essa atividade, mas não estou certo de que conseguirão finalizá-la."

Semioticamente, enquanto sujeito destinador, o professor utilizou, nas variações do seu discurso, estratégias de manipulação, a fim de que seus alunos, enquanto sujeitos destinatários, realizassem a performance: finalizar a atividade. Assinale a alternativa que apresenta, na sequência correta, as estratégias empregadas pelo personagem:

a) Intimidação / Sedução / Provocação / Tentação
b) Tentação / Intimidação / Sedução / Provocação
c) Sedução / Provocação / Tentação / Intimidação
d) Provocação / Tentação / Intimidação / Sedução
e) Tentação / Sedução / Provocação / Intimidação

5. Considere o famoso ditado popular reproduzido a seguir:

"Água mole em pedra dura tanto bate até que fura."

Com base em seu conteúdo, analise as afirmativas:

I) No texto, são detectados elementos figurativos, dos quais um exemplo é a "água".

II) No texto, são detectados elementos temáticos, dos quais um exemplo é a "pedra".

III) A oposição semântica básica que dá origem aos sentidos do texto pode ser representada pela relação "persistência x impersistência".

É correto o que se afirma em:

a) apenas I.
b) apenas II.
c) apenas III.
d) apenas I e III.
e) apenas II e III.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Publicidade e figurativização. **Alfa**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 11-31, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Guimarães et al. Campinas: Pontes; Edunicamp, 1989.

COLASANTI, Marina. "Para que ninguém a quisesse". In: **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 111-112.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e semiótica. **Letras**, Santa Maria, n. 33, p. 69-97, dez. 2006.

FIORIN, José Luiz. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 24-31, 2007a.

FIORIN, José Luiz. Semiótica das paixões: o ressentimento. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007b.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Conceito de enunciação**. 14 dez. 2011a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQzJaFYiqhc>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FIORIN, José Luiz. **A categoria de pessoa**. 14 dez. 2011b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Htrw8tTmigY>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FIORIN, José Luiz. **A categoria de espaço**. 14 dez. 2011c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jjuU3SJromc>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FIORIN, José Luiz. **A categoria de tempo**. 14 dez. 2011d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z6HUcpg8NoQ>. Acesso em: 10 ago. 2017.

GREIMAS, Algirdas Julien. Os atuantes, os atores e as figuras. In: CHABROL, Claude. **Semiótica narrativa e textual**. Trad. Leyla Perrone Moisés, Jesus Antônio Durigan e Edward Lopes. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1977, p. 178-195.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. **Calidoscópio**, Unisinos, v. 5, n. 2, p. 69-76, maio/ago. 2007.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton. **Semiótica**: objetos e práticas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MELLO, Luiz Carlos Migliozzi Ferreira de. Sobre a Semiótica das Paixões. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 47-64, dez. 2005.

PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica narrativa e geração de sentido. In: **Seminário do GEL**, 57, 2009, Programação... Ribeirão Preto (SP): GEL, 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=5757>. Acesso em: 9 ago. 2017.

Semióticas sincréticas

Ana Paula Pinheiro da Silveira

Objetivos de aprendizagem

Nesta unidade, *Semióticas sincréticas*, as reflexões acompanhadas por você estão delineadas a partir destes objetivos:

- Conhecer o conceito de "sincretismo";
- compreender o conceito de "semissimbolismo";
- identificar o plano de conteúdo e o plano de expressão de um texto sincrético;
- conhecer categorias da semiótica plástica para a análise de textos verbovisuais;
- compreender a metodologia para a análise de textos sincréticos.

Você poderá alcançar esses objetivos a partir do estudo dos conteúdos da unidade, distribuídos nas seguintes seções:

Seção 1 | O semissimbolismo

Nesta seção, queremos resgatar alguns conceitos que foram apresentados brevemente na Unidade 1, sobre o signo linguístico e as relações entre plano de conteúdo e plano de expressão, a fim de que você compreenda o conceito de "semissimbolismo" e sua aplicabilidade para as análises de diferentes textos, que envolvem multiplicidade de linguagens e semioses.

Seção 2 | A Semiótica e as múltiplas linguagens

Nesta seção, vamos abordar a aplicabilidade da Semiótica na análise de diferentes linguagens; discutir o conceito de "texto sincrético" e compreender por que a Semiótica discursiva optou pela caracterização de sincretismo, e não de multimodalidade, uma vez que parte da concepção de que há uma fusão e, portanto, uma enunciação global.

Seção 3 | Princípios de semiótica plástica

Nesta seção, ao abordar o conceito de "semiótica plástica", queremos voltar o olhar para o texto verbo-visual e traçar uma metodologia que lhe possibilite compreender como é possível, por meio de categorias de análise (cromáticas, eidéticas e topológicas), desvelar os sentidos inscritos no texto, e como as escolhas feitas pelo autor (enunciador) criam efeitos de sentidos.

Introdução à unidade

Se a invenção da tecnologia da impressão pode ser considerada um grande feito do alemão Gutenberg (1398-1468), analogamente, a invenção da web 2.0 trouxe uma revolução em termos de produção e recepção de textos. Há um consenso entre pesquisadores de que nunca se produziu tanto como nessas últimas décadas e, mesmo que haja entre alguns a ideia de que as Novas Tecnologias de Interação e Comunicação (NTIC) têm dificultado o uso da escrita padronizada pela escola e pela cultura erudita, não se pode negar, como defendido por Ribeiro (2009), que houve um aumento de leituras e leitores com o advento das novas tecnologias.

Em toda parte - no shopping, no cinema, no ponto do ônibus, no bar, na fila do banco - há alguém, neste exato momento, que realiza o ato de ler. E você, se caminhar pelas ruas como um observador, vai preencher o seu olhar com cenas de leitura.

Afinal, sobre que textos e leituras estamos falando? Aquele do livro didático, do jornal impresso e da obra literária? Ou os outros? Também produzido em contexto situado, os das conversas de *WhatsApp*, dos memes, dos vídeos, dos videogames, das publicidades, das histórias em quadrinhos, dos clipes que chegam às nossas telas, sem pedir licença, daquele que extrapolam o espaço "sagrado" da cultura livresca e impressa e invadem o espaço urbano, no outdoor, nas ruas e muros da cidade. Textos, nos quais som, imagem e movimento encontram-se sincretizados para criar novas formas de escrita e leitura e, consequentemente, novos modos de dizer, novos gêneros, que trazem para o espaço acadêmico a necessária discussão sobre a multiplicidade de semioses e de culturas.

Em face dessas grandes mudanças sociais e culturais, é preciso nos interrogarmos sobre algumas questões: a) Como a escola tem contribuído para a formação de um sujeito capaz de ler e produzir diferentes textos de forma crítica? Com as NTIC, a leitura e produção de textos exige a compreensão de diversas materialidades, de múltiplas semioses, assim, como estudante de letras e professor em formação, como estou me preparando para as novas exigências acerca da tarefa de letrar os meus alunos?

Essas provocações, caro aluno, que o ajudam a voltar o olhar para

a escola e para a sua formação, podem ser respondidas ao longo do percurso que faremos nesta unidade, e esperamos que despertem em você o desejo de se aprofundar nas especificidades teórico-práticas organizadas nas seguintes seções: (i) "O semissimbolismo", com discussões voltadas, especificamente, ao plano de conteúdo e ao plano de expressão das semióticas sincréticas; (ii) "A Semiótica e as múltiplas linguagens", com a introdução ao estudo do conceito de "semiótica sincrética"; e (iii) "Princípios de semiótica plástica", com o delineamento de uma metodologia de análise do texto visual.

Esperamos que você aproveite ao máximo todas as informações, e exemplos e possa começar a aplicar a metodologia de análise dos textos apresentada nesta unidade.

Vamos adiante?

Seção 1

O semissimbolismo

Introdução à seção

O nosso objetivo, nesta unidade, é oferecer subsídios para que você compreenda como a teoria semiótica de linha francesa volta-se para a leitura do texto visual e das semióticas sincréticas. Para isso, é necessário que você conheça alguns pressupostos teóricos da disciplina, para que possa, ao longo desta seção, estabelecer relações com conteúdos que foram apresentados brevemente na Unidade 1 (conceito de signo linguístico e as relações entre plano de conteúdo e plano de expressão).

Atente-se para as informações novas que vão lhe possibilitar compreender o conceito de semissimbolismo e sua aplicabilidade para as análises de diferentes textos, que envolvem multiplicidade de linguagens e semioses.

1.1 Planos de Conteúdo e Expressão e suas relações com o conceito de signo, símbolo e semissimbolismo

Na Unidade 1, contextualizando o surgimento da Semiótica enquanto ciência geral dos signos e da significação, elucidamos o importante papel de Ferdinand Saussure e de Louis Hjelmslev para essa ciência, isto porque o conceito de signo linguístico, cunhado por Saussure, é fundamental para o estudo da Semiótica. Se você se recorda do que vimos na primeira unidade, o signo, na visão do linguista genebrino, une um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante) e possui um caráter arbitrário, o que significa a ausência de relação natural entre o significante e o significado.

É também o conceito de signo linguístico que vai aproximar a Semiótica discursiva à figura de Hjelmslev. Para esse linguista, o signo une um plano de conteúdo a um plano de expressão, cada um composto por dois níveis: forma e substância.

Fiorin (2011, p. 59), para explicitar as relações entre esses elementos, explica, baseado na análise da linguagem verbal:

> [...] o signo, para Hjelmslev, une uma forma de expressão a uma forma de conteúdo. Estas duas formas geram duas substâncias, uma da expressão e uma do conteúdo. A forma de expressão são as diferenças fônicas e suas regras combinatórias; a substância da expressão são os sons; a substância do conteúdo, os conceitos.

Traduzindo esses conceitos bastante complexos em exemplos, poderíamos dizer que a diferença entre os signos /pata/ e /bata/ relaciona-se às regras de combinação e aos traços que os distinguem. Enquanto, no primeiro, há uma consoante surda (p), no segundo, há uma sonora (b); ambas possuem o mesmo ponto de articulação, são bilabiais, e mesmo modo de articulação, são oclusivas. A mudança desse único traço distintivo, no plano de expressão, resulta em uma mudança no plano de conteúdo, portanto, no seu conceito (o primeiro refere-se a um animal; o segundo a uma peça de vestuário[1]).

Pietroforte (2004), na tentativa de sintetizar a aproximação entre a visão de Saussure e de Hjelmslev, relaciona o conceito de significante e significado, respectivamente, ao plano de expressão e ao plano de conteúdo, elementos que serão examinados em relação, em uma análise semiótica de textos.

Os exemplos apresentados até aqui servem para termos, ao menos, uma ideia de como essa relação entre planos de conteúdo e de expressão se dá quando da análise da linguagem verbal. Mais tardiamente, Jean-Marie Floch dedicou-se à análise do texto visual e, a partir do conceito de signo proposto por Hjelmslev, definiu o semissimbolismo.

Antes de começarmos a falar de semissimbolismo, vale compreender outros conceitos que nortearão a construção dos sentidos desse fenômeno: o signo linguístico, compreendido, como já dissemos, pela sua arbitrariedade; e o símbolo, pelo seu caráter motivado. Se, nos

[1] "Bata" poderia significar também outras coisas, como, por exemplo, o verbo bater no presente do subjuntivo (1ª e 3ª pessoas do singular) ou 3ª pessoa do imperativo afirmativo. Optamos por assumir o substantivo (peça de vestuário) para dar maior paralelismo ao exemplo (pata/substantivo; bata/substantivo).

exemplos analisados anteriormente, a oposição entre /pata/ e /bata/ não remete a uma relação motivada entre significante e significado, no sistema simbólico, como explica Barros (2016), a relação entre plano de expressão e plano de conteúdo já foi determinada pela cultura, e existe, nesse caso, uma correspondência termo a termo, e é por isso, por exemplo, que a cruz vai remeter à ideia do cristianismo; a estrela de Davi, ao judaísmo; o arco íris, à causa LGBT; a balança, à justiça.

A cultura estabelece um modo de conceber e ver o mundo também no que diz respeito ao uso de cores, de formas, de figuras. E é nesse sentido que conseguimos compreender que, se uma pessoa recebe um ramalhete de rosas vermelhas de alguém do sexo oposto, vai compreender o interesse dele em estabelecer um relacionamento para além de uma amizade. O vermelho é, na nossa cultura, associado à paixão, assim como o preto é associado ao luto. Diversamente do Brasil, na África do Sul, é comum o uso do vermelho para demonstrar a perda de alguém, sendo essa ideia representada, no Japão, pelo branco.

Você compreendeu a relação entre a arbitrariedade do signo linguístico e a motivação do símbolo? Então, observe como essas informações são recuperadas pelos autores quando explicam o conceito de semissimbolismo.

O semissimbolismo, segundo Pietroforte (2004), coloca-se na relação entre a arbitrariedade do signo linguístico e a motivação do símbolo. E, para melhor entender essa afirmação, vamos voltar ao nosso exemplo /pata/ vs. /bata/, em que se observa que a comutação do fonema /p/ pelo /b/, pela relação de sonoridade, provocou uma mudança de significado, em uma relação não motivada, arbitrária.

Vamos compará-lo agora a outro enunciado, extraído do poema de Almir Correia:

Samba

No batuque
No batuque
No batuque
No batuque
No batuque
No batuque

No batuque
No batuque
No batuque
No batuque
No batuque
No batuque

Que uma onça te cutuque!

(CORREIA, Almir. **Poemas sapecas, rimas traquinas**. São Paulo: Formato, 1997, p. 27).

As palavras "samba", "batuque" e "cutuque" são signos, portanto, arbitrários, mas a escolha, a organização delas no enunciado se dá de forma motivada. Se você observar o modo como o poeta constrói o seu texto, vai concluir que a relação entre plano de conteúdo e expressão não correlacionam somente traços fonológicos e conceitos, mas criam efeitos de sentidos a partir da organização desses elementos, da reiteração de algumas regularidades dentro do poema, como, exemplo, a repetição de "No batuque".

O título do poema, "Samba", evoca um gênero musical que convida ao movimento. Se voltarmos o olhar para os elementos contidos na expressão sonoro-verbal, vamos observar que o sentido do texto encontra-se na relação entre plano de conteúdo e plano de expressão obtida a partir da repetição do verso "No batuque", que tem como efeito de sentido o próprio "samba", reiterado pelo verso final "Que uma onça te cutuque!", estabelecendo uma quebra e um novo ritmo.

No caso desse poema, no plano de expressão, ocorre a assonância com as vogais 'a', 'e', 'o' e 'u', além da aliteração com as consoantes 'n', 'b', 't' e 'q'. A junção dessas vogais e consoantes permite o conjunto harmônico do texto, de modo que, ao lê-lo, o leitor se vê diante de um samba, conforme indicado no título.

Analogamente, poderíamos dizer que se cria uma nova verdade, que se questiona o senso comum (BARROS, 2016) também quando utilizamos a linguagem visual ou sincrética de forma semissimbólica.

Vamos analisar como isso ocorre a partir da ideia de polarização política que se acirrou nos últimos anos, simbolicamente associada a

uma relação entre azul vs. vermelho. Essa correspondência, que se dá termo a termo e que liga o vermelho à esquerda e o azul à direita, foi construída cultural e simbolicamente. Do mesmo modo, as cores das bandeiras nacionais remetem à identidade do seu povo, uma noção que se estende a outros artefatos e faz, por exemplo, com que muitas embalagens de espaguete, cujas marcas querem reiterar a identidade italiana, tragam, de um modo geral, um pouco de vermelho e verde, assim como as de pizzas repetem o mesmo padrão.

No caso do Brasil, usar o verde e o amarelo para relacionar a identidade nacional caracteriza-se como uma relação simbólica. Baseando-se nessa informação, como você analisa a logomarca do Governo Federal, lançada recentemente para a gestão do Presidente da República Michel Temer? A escolha do azul e do branco foi uma decisão que pode ser compreendida no campo do simbólico ou do semissimbólico? Observe a logomarca e pense a respeito:

Figura 3.1 | Logomarca do Governo Federal



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=50085790>. Acesso em: 3 set. 2017.

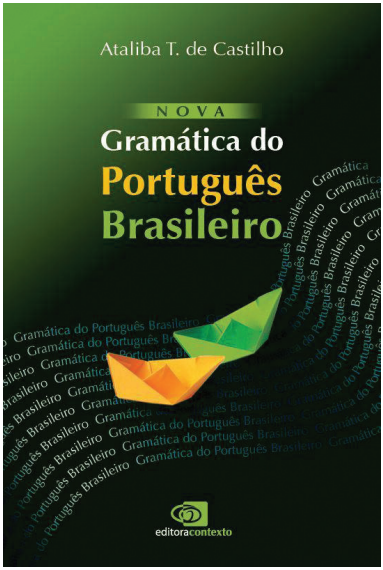
Costurando algumas respostas para as reflexões, poderíamos dizer que, com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, o novo governo precisava estabelecer uma relação de confiança e de segurança para os investidores e para aqueles que culpavam o governo anterior por um alto nível de desemprego e de desestabilidade econômica do país. Os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), com Lula e Dilma, traziam para a sua logomarca a referência nacional, por meio do verde e do amarelo, que reiterava a ideia do que é público, nacional, estatal, "nosso". Um governo que desejasse demarcar o distanciamento com

as políticas assumidas pela gestão anterior necessitaria recriar o modo de ver a realidade. Ademais, o avançar das investigações da Operação Lava Jato colocava no centro da corrupção pessoas e empresas públicas, então, a escolha para a identificação simbólica com o Brasil foi a semelhança com alguns traços da bandeira nacional, como a recorrência das 27 estrelas e o uso das cores. Embora a presença do verde e do amarelo tenha sido minimizada, o que deu realce e contorno à ideia central "Ordem e Progresso", com a promessa de menos nacionalismo e maior desenvolvimento, a logomarca trouxe para o primeiro plano os gradientes azul e branco (que também são cores da bandeira).

É importante notar que a relação que se instaura é semissimbólica, uma vez que não há mais somente uma escolha naturalizada pela cultura, mas uma relação de oposição entre azul e modos de ver o mundo, configurada pela presença do azul quente vs. azul frio do plano de expressão que, no plano de conteúdo, resulta numa relação de confiabilidade, de segurança, e, portanto, com resultados seguros para quem quer investir. Vale ressaltar ainda que as políticas defendidas pelo governo de privatização não poderiam assumir uma identidade nacional, verde-amarela, por isso a necessidade de reinventar os modos de ver. No dizer de Barros (2016), o sistema semissimbólico permite que se recrie a realidade, reavalie os sentidos que já estão naturalizados, que se dialogue com eles, que os refute, reafirme-os, reinvente-os, o que é feito a todo momento no uso das linguagens na publicidade, na literatura, na arte, no cinema, em suma, nos novos gêneros que circulam em suportes digitais e que exigem o entrelaçamento de diferentes semioses.

O uso do verde e do amarelo nem sempre vai criar uma relação estritamente simbólica, como já demostraram pelos autores Silveira, Guerra Junior e Limoli (2012) na análise da capa da gramática de Ataliba de Castilho, *Nova gramática do Português Brasileiro, na qual* se pode observar, no plano de expressão, a escolha das cores nacionais para figurativizar a brasilidade, nesse caso, importante de ser demarcada, uma vez que até o momento da publicação daquela obra não havia uma gramática que refletisse essencialmente o português brasileiro. Então, fazia-se necessário estabelecer uma relação de aproximação do Brasil (por meio das cores da bandeira) e um distanciamento do português europeu.

Figura 3.2 | Capa da Nova Gramática do Português Brasileiro



Fonte: Castilho (2010).

Para saber mais

Apresentamos a Gramática de Ataliba de Castilho apenas como um exemplo em que o verde e o amarelo podem assumir uma relação semissimbólica, mas você pode aprofundar a análise da capa dessa e de outras gramáticas, consultando o artigo *A representação da linguagem em capas de gramática: uma abordagem semiótica*[2], de Ana Paula Pinheiro da Silveira, Antonio Lemes Guerra Junior e Loredana Limoli, publicado na Revista Signum, em 2012.

No texto, os autores evidenciam, com base na análise dos elementos imagéticos presentes nas capas de algumas importantes gramáticas publicadas no Brasil, como as concepções de linguagem que vigoravam à época da divulgação de cada uma apareciam retratadas, bem como os elementos capazes de remeter, como foi observado, à identidade nacional.

[2] Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11707/12522>. Acesso em: 3 set. 2017.

Questão para reflexão

Você pôde conhecer, nesta seção, um importante conceito semiótico: o semissimbolismo. Como um conceito como esse poderia ser mobilizado na análise semiótica de um texto baseada no percurso gerativo de sentido (que você estudou na unidade anterior)?

Atividades de aprendizagem

1. "A função primeira do plano da expressão, na tradição saussuriana, é a de 'expressar' conteúdos com os quais a expressão mantém relações arbitrárias. No entanto, é também verdade que relações novas e motivadas se podem estabelecer entre expressão e conteúdo. [...] No âmbito das teorias do texto e do discurso, a semiótica tem obtido bons resultados no exame do plano da expressão, nas manifestações textuais não apenas verbais, mas também na pintura, na música, nos textos sincréticos em geral."

(BARROS, Diana Luz Pessoa de. O texto na Semiótica. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira Batista (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 73).

De acordo com o conteúdo apresentado nesta seção, a que conceitos poderíamos relacionar o excerto de Barros (2016)?

2. "Os sistemas simbólicos são as linguagens cujos dois planos estão em conformidade: a cada elemento da expressão corresponde um – e somente um – elemento do conteúdo, a tal ponto que não é mais produtivo para a análise distinguir o plano de expressão e o plano de conteúdo".

(FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeilet de l'esprit**. Paris; Amsterdam: Hadès-Benjamins, 1985, p. 189-207. Trad. Analice Dutra Pilar. Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2001).

Explique a afirmação apresentada pelo autor.

Seção 2

A Semiótica e as múltiplas linguagens

Introdução à seção

Como antecipamos na introdução à unidade, os modos de produção e recepção de textos mudaram influenciados pelo uso das NTIC. Som, imagem, texto e movimento podem se fundir para construir efeitos de sentidos. A Semiótica discursiva, que, em seus primórdios, dedicou-se à análise do texto verbal, ampliou, ao longo das últimas décadas, o seu espectro de estudos e tem se ocupado de textos verbais e/ou sincréticos, como canções, clipes, histórias em quadrinhos, videogames, produções cinematográficas e peças publicitárias, entre outros.

O nosso objetivo, nesta seção, é possibilitar a você a compreensão do conceito de semiótica sincrética e sua aplicabilidade para a análise de textos.

2.1 Percepção do mundo: uma experiência sensorial e sinestésica

Grande parte dos sentidos/significados que construímos e do modo como vemos o mundo passa por uma experiência sensorial e sinestésica: cheiro, sabor, cor, sensação térmica, ruído. São sensações que evocam os sentidos do corpo humano, que podem ser criadas, representadas também pela linguagem verbal. A leitura atenta de um texto remete-nos a essa experiência, como pode ser observado, por exemplo, no excerto do conto "A causa secreta", de Machado de Assis, no qual é narrada a cena da execução de um rato:

> Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou

horrorizado.
— Mate-o logo! disse-lhe.
— Já vai.
E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

(ASSIS, Machado de. **A causa secreta**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000262.pdf>. Acesso em: 3 set. 2017).

O sentimento de repulsa, de nojo é criado a partir da microcena da morte do ratinho, que contrasta com a impiedade de Fortunato. A análise da obra de Machado poderia nos dar muitas pistas para compreender esse episódio descrito com riqueza de detalhes, própria da estética realista, que aproximou a construção da personagem de uma ótica mais psicológica. Fazer-nos experienciar as paixões, na visão semiótica do termo, sentimentos dos homens, representados pelas personagens, é o que o romancista faz com destreza nesse conto que coloca em relevo o sadismo, visto como uma das perversões humanas contidas no conjunto da obra em que se encontra também esse conto.

Ainda que você não tenha visto o ratinho perdendo as patas, a imagem criada por meio da linguagem verbal, com certeza, possibilitou-lhe ver e sentir, do ponto de vista cognitivo, a experiência do grotesco. O texto sincrético, porque constituído de muitas materialidades, é capaz de nos fazer sentir de fato com a nossa sensorialidade, conforme ressalta Teixeira (2009, p. 51-52): "não se trata aqui de sinestesia metafórica, de um 'como se'. Trata-se da sinestesia experienciada como vivência própria do corpo. Essa imersão do sujeito na sensorialidade abre caminho para o conhecimento".

Imagine a seguinte situação. Você está voltando de uma viagem a São Paulo, dirigindo-se ao desembarque no aeroporto de Curitiba, e se depara com uma propaganda de O Boticário e pode ver e sentir o perfume que o *outdoor* luminoso e interativo reproduz no exato momento em que desce as escadas. Não é apenas uma experiência cognitiva, o que se experimenta é muito mais! Porque pode levar cada passageiro que transita na escada rolante à efêmera experiência de prazer, de estesia, depois de uma viagem, criando, por conseguinte, uma relação de identificação com a marca, com a fragrância, com a ideia de bem-estar e prazer que foi evocada pela publicidade. Modos de ver e sentir no mundo são criados por meio da linguagem, por isso temos a ideia do áspero, do liso, do denso, com a mistura de cores, de texturas, organizados na linguagem plástica.

Muito se tem falado a partir da experiência da sinestesia sobre a multimodalidade, ideia defendida pelos pesquisadores Cope e Kalantzis (2009, p. 101), ao explicarem que "grande parte da nossa experiência cotidiana de representação é intrinsicamente multimodal". Observando as diferentes materialidades de um texto e como elas estão organizadas para a construção de sentidos, esses e outros autores têm assumido a perspectiva da multimodalidade como um novo modo de produção e recepção de textos (KRESS, 2003; KRESS; VAN LEEUWEN, 1996; ROJO, 2013). Os teóricos que seguem a linha da Semiótica discursiva, diferentemente desses autores, têm enveredado por outro posicionamento teórico, analisando as diferentes materialidades presentes no texto, em uma perspectiva sincrética.

Para melhor explicitar a você os conceitos envolvidos nessa nomenclatura, vamos analisar esse aspecto no próximo item.

2.2 Multimodalidade vs. sincretismo

Uma breve pesquisa sobre gêneros na internet pode direcionar você para uma infinidade de títulos, de artigos sobre a multimodalidade e a Semiótica sincrética. Um olhar distraído pode nos levar a concluir que se trata do mesmo objeto de análise, afinal qual a diferença em olhar para uma publicidade e apontar para o seu caráter multimodal ou para seu aspecto sincrético?

A publicidade é um gênero que pode ser materializado em texto impresso, digital ou audiovisual. Em todos os exemplos, estarão envolvidos, na sua produção, mais de uma materialidade, característica fundamental para que um texto seja considerado multimodal ou

sincrético.

Em 2008, a empresa O Boticário lançou, para o Dia das Mães, uma publicidade[3], feita pela empresa AlmapBBDO, que trazemos para análise devido ao aspecto polêmico do seu conteúdo, o que pode ser percebido na leitura dos comentários no *YouTube*, uma vez que a reação dos usuários revela uma experiência de empatia ou de repulsão.

A publicidade, ambientada em uma família de classe média, narra a história de dois meninos que saem para comprar um presente para o Dia das Mães. O mais velho demonstra, em toda a cena, que tem um saber que falta ao irmão menor. Ele vai à cidade de bicicleta, entra em uma loja da marca e olha de cima sobre a vitrine para escolher o seu presente. Todo o movimento da câmera cria um simulacro que nos quer fazer crer que o menino é maior, mais velho e, portanto, com menos necessidade de proteção. Em contrapartida, o irmão menor percorre a pé o caminho até a loja, e o movimento da câmera de cima para baixo cria um efeito de que ele é tão pequeno que mal consegue alcançar a vitrine onde está exposto o presente.

Ambos os personagens, sujeitos semióticos, depois de terem voltado para casa, presenteiam a mãe com o que haviam escolhido: o pequeno, com um lenço; o mais velho, com um perfume de O Boticário. A cena da entrega revela a disputa entre os dois meninos, pois ambos desejam ser vistos pela mãe, e traz para a publicidade um sentimento que é senso comum na sociedade: o filho mais novo é o que precisa de atenção; o mais velho acaba sendo deixado de lado. A mãe recebe o presente do filho pequeno, agradecida, mas é o filho mais velho que é capaz de comovê-la.

A música que tocava até o momento da entrega do presente pelo filho mais velho muda, criando um efeito de suspense, e o enquadramento, até aquele momento feito em planos abertos ou médios, cede lugar ao *close-up*, necessário para fazer-ver a emoção da mãe, o nó na garganta, provocado pelo perfume, também em primeiro plano, elegante em um vermelho intenso e rugoso que contrasta com o branco, como a camisa do filho mais velho, vermelha e branca, numa perfeita identificação com o vestido vermelho da mãe.

---

[3] Vídeo comercial disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ibdG-Kd-o8U>. Acesso em: 3 set. 2017.

Comovida, a mãe ouve o filho mais novo oferecer o lenço que lhe havia dado como presente para enxugar as lágrimas. O abraço final é primeiro para o filho mais velho, sob o efeito de diminuição da luz e da apresentação do slogan: "O Boticário, você pode ser o que quiser".

O objetivo da publicidade é levar o seu interlocutor a comprar um produto e os valores que nele estão investidos. No caso desse comercial que trouxemos a você como exemplo, tais valores convergem para a ideia de que, com o presente de O Boticário, o consumidor pode ser também o filho predileto, mesmo sendo o mais velho, o que descontrói o senso comum.

Se você seguiu atentamente a análise, pode perceber que os efeitos de sentidos dessa propaganda não foram criados de forma isolada, pela soma das materialidades. Podemos dizer que o uso das cores, o enquadramento, a música, a tomada da câmera, o diálogo entre os personagens, tudo se fundiu para criar o mesmo efeito de sentido. O ponto de partida para compreender o sincretismo é o conjunto de linguagens de materialidades diferentes, ou seja, cores, formas, enquadramento, ritmo, música, elementos que se unem, sincretizam-se em uma enunciação global, como explicita Teixeira (2008, p. 172):

> [...] a denominação dada aos textos em que se integram várias linguagens é diferente: *multimodais* para a semiótica social, *sincréticos* para a semiótica discursiva. Podemos começar a estabelecer diferenças a partir dessa nomeação, [...] corresponde a uma diferença de concepção e tratamento dos textos. Comecemos pelos elementos de composição *multi-* e *sin-*: se o primeiro contém a idéia de quantidade e dispersão, o segundo acolhe os sentidos de unidade e integração.

Ao assumir o conceito de sincrético, a Semiótica discursiva considera que os sentidos, ainda que mobilizem materialidades, linguagens diversas, estão em função da mesma estratégia enunciativa, apontam para o mesmo sentido, enquanto a multimodalidade vai olhar para os múltiplos sentidos que se originam nas diferentes linguagens, que, durante a leitura, na interpretação, podem ser integradas. Resumindo a ideia da autora: a multimodalidade aponta para multimodos, multiplicidade; sincrético, para fusão.

Se o sincretismo pode ser compreendido pela fusão enunciativa do texto, imagem, imagem em movimento, som, no exemplo da publicidade, em outros gêneros, como a canção, não acontece diversamente. Silveira e Remenche (2017) demonstraram, na análise da canção "O trono de estudar", composta por Dani Black para a Virada Ocupação (São Paulo, 2015), show promovido pelo movimento estudantil contra a reorganização das escolas públicas em São Paulo, que alguns sentidos imanentes no texto, como o da relação entre resistência vs. submissão, poderiam ser compreendidos a partir do entrelaçamento entre plano de conteúdo e plano de expressão, incluindo a presença marcante de representantes da Música Popular Brasileira, que gravaram a canção, o resgate da resistência histórica presentificado na voz de Caetano Veloso e de outros cantores que fizeram parte da MPB.

Para saber mais

Nesta seção, foram feitas breves referências a estudos da teoria semiótica voltados para a análise de canções e letras. Visto que muitos trabalhos com clipes têm sido realizados nas escolas, é importante, para a sua formação, que o professor de língua portuguesa aproprie-se de teorias e metodologias para análises do gênero canção.

Diante disso, a obra *Estimar canções: estimativas íntimas na formação do sentido*, de Luiz Tatit, músico e pesquisador, publicada em 2016 pela Editora Ateliê Editorial, oferece a possibilidade de você ampliar o seu repertório de saberes e aprender mais sobre como, na produção desse gênero, confluem música, fala, melodia e letra para a construção dos sentidos.

Questão para reflexão

A partir das análises realizadas nesta seção, você consegue individualizar a diferença entre multimodalidade e sincretismo?

Atividades de aprendizagem

1. "[...] a vida se vive na linguagem e se conta nas memórias entretecidas de palavras, imagens, traços, movimentos. Como acúmulo ou como dispersão,

os sistemas simbólicos tanto podem manifestar o apelo a outros sistemas por meio de textos que dialogam, se fragmentam, se completam (a completude podendo ser também falta), quanto por meio de textos sincréticos, em que uma unidade formal de sentido integra diferentes linguagens.

(TEIXEIRA, Lúcia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. **Gragoatá**: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFF, Niterói, EdUFF, n. 16, 2004).

A partir das reflexões suscitadas no excerto, que ideia resumiria o conceito de sincretismo?

2. Observe os títulos das seguintes obras:
BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2002.
LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton (Orgs.). **Semiótica**: objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005.
PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.
A partir dos títulos das obras, o que se pode concluir a respeito do espectro de estudos da Semiótica?

Seção 3

Princípios de semiótica plástica

Introdução à seção

A atuação do professor de língua portuguesa no século XXI vai exigir que ele tenha competências e habilidades para ler e trabalhar em sala de aula com textos que são produzidos utilizando-se de múltiplas semioses. Por isso, nas duas primeiras seções desta unidade, percorremos um caminho para lhe oferecer subsídios para compreender o percurso metodológico de análise de textos sincréticos.

Nesta seção, ao abordar o conceito de Semiótica plástica, queremos voltar o olhar para o texto verbo-visual e apresentar uma metodologia de análise que favoreça o estabelecimento de relações entre o plano de expressão e o plano de conteúdo para compreender, por meio de categorias de análise (cromáticas, eidéticas e topológicas), os sentidos imanentes no texto, bem como as suas relações com as escolhas feitas pelo autor (enunciador) na produção estética.

3.1 Metodologia para a leitura de um texto visual

Há um consenso entre pesquisadores de que o trabalho com o texto sincrético ainda não foi condignamente realizado na escola. Isso porque a experiência que tivemos com o texto durante a formação restringiu-se quase sempre ao texto verbal. Nas nossas práticas cotidianas, encontramos infinitas imagens, mas, se nos pedirem para descrever, detalhadamente, objetos, construções, com os quais nos deparamos todos os dias no nosso percurso diário, quando nos deslocamos de um lugar a outro, quase sempre conseguiremos ter uma visão mais global das cenas que vemos em detrimento das particularidades. Isso acontece porque a experiência de ver em detalhes necessita de um olhar perscrutador, que permite à visão um percurso de ida e vinda para perceber o todo a partir das partes materializadas em cores, formas, planos, figuras.

Para Oliveira (2005), na sociedade em que vivemos, com grande apelo para o visual, o trabalho na escola não deve acontecer de forma espontânea; precisa ser sustentado por uma teoria que dê subsídios ao professor e ao aluno para lerem de forma crítica os novos textos, já

que "as formas-cores agem como codificadoras de mundos; são em si mesmas uma linguagem autônoma e é a sensibilidade para apreendê-las e um desenvolvimento do modo de olhar que possibilitam o reconhecimento de seus efeitos de sentido" (OLIVEIRA, 2004, p. 119). Isso significa que é preciso aprender a olhar para poder desvelar os significados presentes no texto imagético e/ou sincrético, e uma possibilidade é aplicar a metodologia que Greimas denominou de Percurso Gerativo de Sentido, como já defendemos ao longo deste livro, e o fizemos com especial atenção na Unidade 2.

É necessário, neste momento, que você se recorde de algumas ideias explicitadas anteriormente: a análise semiótica do texto possibilita ao leitor do texto descrever como os sentidos são gerados para compreender a sua significação. Isso se realiza, nessa teoria, reconstruindo-se as condições de produção por meio dos três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo.

Você pode estar se perguntando: mas, afinal, esse Percurso Gerativo de Sentido não é algo que pode ser aplicado somente ao texto verbal? Não! Embora Greimas tenha, no início da elaboração da sua teoria, analisado textos verbais, mais tarde, um de seus colaboradores, o francês Jean-Marie Floch, dedicou-se ao exame de textos visuais e elaborou princípios de análise baseados em categorias plásticas. Revisitando esses seus estudos, Teixeira (2009) sintetizou os princípios aplicados por ele para a Semiótica sincrética e propôs uma metodologia de análise que direciona o analista do texto para percorrer um caminho que inclui os seguintes passos: (i) investigar como o texto se organiza em seu aspecto semionarrativo, identificando os temas e as figuras; (ii) analisar as categorias do plano de expressão – cromáticas, eidéticas e topológicas; (iii) examinar como o plano de conteúdo e o plano de expressão articulam-se no texto; (iv) observar as estratégias enunciativas do texto.

Vamos por partes. O primeiro passo é entender o que são as categorias plásticas: são dimensões cromáticas, relacionadas às cores; dimensões eidéticas, relacionadas às formas; e dimensões topológicas, relacionadas aos espaços, suportes, à distribuição das formas nos espaços do texto. São chamadas de "plásticas" por se associarem, assim como ocorre nas "artes plásticas", a ideias de forma, expressividade, flexibilidade, modelagem, entre outras. Essas dimensões orientam a observação de marcas, nos textos visuais, que indicam a existência de

oposições. Observe o quadro a seguir, com algumas das possibilidades de manifestações dessas categorias:

Quadro 3.1 | Aspectos gerais das categorias plásticas

Categorias	Oposições
Cromáticas (sentidos construídos a partir de oposições referentes às cores)	Cores primárias *vs*. cores secundárias Cores puras *vs*. cores não puras (mescladas) Tonalidade: quente *vs*. frio Grau de saturação: claro *vs*. escuro Grau de luminosidade: brilhante *vs*. opaco Superfície: liso *vs*. rugoso
Eidéticas (sentidos construídos a partir de oposições referentes às formas)	Retilíneo *vs*. curvilíneo Angular *vs*. arredondado Vertical *vs*. horizontal Côncavo *vs*. convexo Perpendicular *vs*. diagonal Ascendente *vs*. descendente
Topológicas (sentidos construídos a partir de oposições referentes à posição das formas no espaço)	englobante *vs*. englobado central *vs*. periférico esquerdo *vs*. direito alto *vs*. baixo superior *vs*. inferior anterioridade *vs*. posterioridade

Fonte: adaptado de Oliveira (2004).

A partir do que você viu no quadro, dialogando também com as considerações indicadas por Teixeira (2009), são muitos os itens a serem observados em um texto visual para desvelar os sentidos presentes nele, uma vez que as significações podem emergir de todos os recursos utilizados na sua composição: sejam as cores, as formas, ou a disposição espacial de todos esses elementos. A ideia-base é detectar possíveis oposições que, no conjunto textual, colaboram na construção dos sentidos.

Vamos verificar isso na prática? Observe, a seguir, a aplicação dessa proposta na leitura analítica de uma tela do pintor holandês Rembrandt,

para que você possa compreender melhor a metodologia. Atente-se ao modo como a abordagem das categorias (cromáticas, eidéticas e topológicas) é realizada, de modo confluente, uma vez que todas atuam, juntas, na composição global do texto.

Figura 3.3 | "O retorno do filho pródigo", de Rembrandt (1665)



Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rembrandt_Harmensz_van_Rijn_-_Return_of_the_Prodigal_Son_-_Google_Art_Project.jpg>. Acesso em: 4 set. 2017.

O direcionamento do olhar para essa imagem leva-nos a procurar um caminho de leitura, sendo o enquadramento nos dado pelo seu autor, que antecipa por meio do título, "O retorno do filho pródigo", o que nos quer fazer ver.

No primeiro olhar, depreende-se uma organização semionarrativa. Observa-se que há um jovem ajoelhado, um dos pés descalçado, a roupa encardida, a cabeça raspada, acolhido por um senhor ligeiramente curvado e com as mãos sobrepostas sobre as costas do jovem, figurativizando o tema da ternura, da acolhida. As roupas desse senhor estão limpas e, em seus braços, há uma espécie de bracelete ou pulseira, além de um manto sobre as costas, em um conjunto que revela a origem do homem, alguém que possui muitos bens, o que é

muito mais visível se comparado às vestimentas do jovem de joelhos, maltrapilho.

O vermelho, cor do manto do senhor que acolhe e também do outro homem à sua direita, contrasta com tonalidades escuras, criando uma relação entre os três personagens que são colocados em primeiro plano. À direita, como já dissemos, há um homem também vestido elegantemente com um manto vermelho. Este observa a cena de cima, em posição superior, com sua cabeça pendendo linearmente para baixo, as mãos apoiadas sobre uma espécie de cajado e o corpo ereto. Sua altivez figurativiza a sua rigidez, as mãos apoiadas, o seu fechamento, o afastamento, a não cumplicidade, demarcada na cena pelos lados opostos.

Se foi possível olhar para algumas particularidades da tela e perceber a relação entre esses três personagens, chama a nossa atenção a disposição do cenário, que se liga estreitamente aos temas presentes, relacionados ao modo como foram organizadas as categorias cromáticas, eidéticas e topológicas.

Em relação à dimensão cromática, verifica-se que há um jogo do claro vs. o escuro: a luminosidade coloca em primeiro plano o acontecimento central, reiterado pela escolha do vermelho (cor quente) que contrasta com o branco (cor fria). A análise da dimensão eidética demonstra que, na relação retilíneo vs. curvilíneo, abertura vs. fechamento, encontram-se projetadas a ternura e a acolhida que se opõem à rigidez, à altivez do personagem que olha a cena, como alguém que está de fora, que não se compadece, não participa. Pelo contrário, sua atitude, demarcada pelas linhas retas, contrapõe-se à imagem do encontro entre o filho, ajoelhado, e o pai, cena em que se observa uma predominância de elementos curvos e arredondados. Estão em lados opostos, do ponto de vista da dimensão topológica, e veem o mundo sob perspectivas contrárias: um perdoa; o outro condena.

Há ainda, na tela, dois homens, à direita em segundo plano, que contemplam a cena: um está ao lado do jovem de vermelho, sentado; o outro, um pouco mais afastado, vê a cena por detrás de uma pilastra, e uma mulher à esquerda, mais distanciada e na penumbra.

Esse distanciamento espacial entre o filho que retorna e é acolhido pelo pai e outro que observa a cena demonstra ainda como este está separado, disjunto, à margem do acolhimento e da ternura. A roupa

que veste, a cor vermelha, como a do pai, figurativiza uma relação de identidade, de proximidade. Embora seja o filho que permaneceu, que não dissipou a riqueza, o que manteve a retidão moral expressa no contraste retilíneo vs. curvilíneo e, no instante em que o outro é acolhido, sente-se distanciado. A organização topológica coloca em relevo a tensão expressa por meio de categorias que exprimem a proximidade vs. o distanciamento: está dois degraus acima do pai e do irmão que se encontra ajoelhado, e, por isso, ele olha de cima, como alguém que sentencia, julga a performance, promove a sanção, avaliando negativamente a relação de conjunção entre o sujeito "pai" e o seu objeto de valor, o "retorno do filho". Afinal, o filho que dissipou os bens do pai, enunciado que é marcado pela presença do adjetivo (pródigo) precedido de um artigo definido, determinando uma característica específica, é um esbanjador, que gasta excessivamente, o que adquire uma valoração moral pejorativa.

Vale lembrar que, conforme apontam Greimas e Fontanille (1993, p. 117), "embora contrários, a avareza e a prodigalidade transgridem a mesma regra: o avaro é quem invade a parte dos outros; o pródigo, quem destrói sua parte". No entanto, esse filho retorna, gerando uma ruptura nessa ideia, o que é figuritivizado pela organização topológica: de joelhos, abaixo, prostrado diante do pai, ele se coloca em posição de submissão, de alguém que reconhece que errou e espera a acolhida do pai.

Conseguiu perceber como os sentidos foram construídos? A observação das relações estabelecidas entre as categorias cromáticas, eidéticas e topológicas – as cores, as formas e sua disposição espacial – permitiu-nos compreender como as dimensões plásticas são colocadas em conjunto, de modo a criar determinados efeitos de sentidos, demonstrando, portanto, como o enunciador (aquele responsável pela elaboração do discurso, do texto) direcionou o olhar do enunciatário (aquele que recebe o texto, que o "lê") para poder ser visto.

Para saber mais

Você pôde verificar como a metodologia de análise aplicada ao texto de Rembrandt permitiu-nos desvelar sentidos inscritos no texto. Alguns semioticistas têm direcionado, nos últimos anos, os seus estudos ao

trabalho com o texto visual. Para conhecer mais sobre essa vertente da Semiótica, a obra organizada por Ana Cláudia de Oliveira e Lúcia Teixeira, em 2009, *Linguagens na Comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*, publicada pela editora Estação das Letras e Cores, traz artigos diversificados que abrangem desde a discussão do conceito de sincretismo até os recentes trabalhos de análise de textos audiovisuais.

Questão para reflexão

Observe a seguinte passagem: "O olhar estará sempre à espera de algo que possa seduzi-lo, do mesmo modo que haverá sempre imagens errantes à procura de um par de olhos" (KLEIN, 2007, p. 151).

Como você associaria essa ideia à proposta de análise semiótica sob o viés plástico? Ou seja: quais seriam os elementos que, no texto visual, poderiam "seduzir" o olhar do analista?

Atividades de aprendizagem

1. A partir das discussões apresentadas ao longo da seção, como você conceituaria a Semiótica plástica?

2. Imagine que, diante de uma pintura qualquer, três semioticistas façam as seguintes análises:
Semioticista 1: "A luminosidade dos tons mais claros, na minha perspectiva, relaciona-se à alegria; e as sombras, que recobrem os tons escuros, representam a tristeza."
Semioticista 2: "Ao ser posicionada no espaço central da imagem, essa forma maior representa o vigor da alegria; já essas outras formas, menores, alocadas perifericamente, reforçam a tristeza."
Semioticista 3: "A meu ver, as marcas arredondadas evidenciam essa força da alegria; já esses elementos pontiagudos relacionam-se à dor provocada pela tristeza."
Indique as categorias plásticas a que se relacionam as análises dos três semioticistas.

Fique ligado

Traçamos um percurso, no decorrer desta unidade, no qual você pôde ampliar o seu conhecimento com novas informações, relacionadas aos conteúdos que já haviam sido apresentados nas unidades anteriores:

- As relações arbitrárias, do signo linguístico, e as motivadas, do símbolo;
- O conceito de "semissimbolismo";
- Os modos de perceber o mundo como experiência sensorial e sinestésica e sua representação por meio das linguagens;
- A diferença entre multimodalidade e sincretismo, compreendido como convergência de várias linguagens para a construção de uma enunciação global;
- As dimensões cromáticas, eidéticas e topológicas das categorias plásticas;
- E uma metodologia aplicada para leitura analítica do texto visual.

Esses foram alguns elementos para oferecer a você subsídios para realizar análise de textos visuais. Na Unidade 4, *Semiótica e ensino*, depois de ter internalizado os conceitos que foram apresentados até aqui, você poderá refletir sobre como a Semiótica pode ter sua aplicabilidade no âmbito das atividades pedagógicas do professor de Língua Portuguesa. Portanto, continue ligado!

Para concluir o estudo da unidade

Que bom que você nos acompanhou até aqui e completou mais uma etapa de seu estudo com as semióticas sincréticas! É importante que você releia o material, faça os seus apontamentos, retomando os conceitos que lhe pareceram mais complexos. Os materiais complementares indicados a seguir vão ajudá-lo a sistematizar essas novas ideias por meio de outros exemplos, uma ótima oportunidade de verificar se você, de fato, conseguiu internalizar o conteúdo.

Então, não deixe de consultá-los. Seguem algumas sugestões de artigos para leitura:

- *Análise da imagem publicitária: revisão de alguns modelos*[4], de Souza e Santarelli (2006);
- *Semiótica plástica e linguagem publicitária*[5], de Floch (1987);
- *O sincretismo entre as semióticas verbal e visual*[6], de Pietroforte (2006);
- *Visualidade, entre significação sensível e inteligível*[7], de Oliveira (2005).

Agora, você pode realizar as atividades elaboradas especialmente para poder aplicar os conceitos e conhecimentos aprendidos.

Atividades de aprendizagem da unidade

1. Considere a seguinte informação:
"Quando um crítico fala da pintura ou da música, pelo próprio fato de que fala, pressupõe ele a existência de um conjunto significante 'pintura', 'música'. Sua fala constitui-se, pois, em relação ao que vê ou ouve, uma metalíngua. Assim, qualquer que seja a natureza do significante ou o estatuto hierárquico do conjunto significante considerado, o estatuto de sua significação se encontra situado num nível metalinguístico em relação ao conjunto estudado."
(GREIMAS apud PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004, p. 7).
A partir das ideias do autor, pode-se afirmar que textos diversos podem ser analisados semioticamente:
a) Desde que não sejam vinculados à pintura.
b) Desde que não sejam vinculados à música.
c) Dependendo de sua natureza significante.
d) Dependendo de sua natureza hierárquica.
e) Independentemente de sua composição significativa.

[6]Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3636/2378>. Acesso em: 5 set. 2017.

[7]Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12418/7348>. Acesso em: 5 set. 2017.

2. Leia a seguinte passagem:

"No plano de expressão das semióticas plásticas, as categorias eidéticas, cromáticas e topológicas são definidas de modo análogo à categoria semântica do nível fundamental. Se no plano do conteúdo a categoria semântica do nível fundamental dá forma ao sentido gerado por meio dela – orientando o valor investido no objeto descritivo na semântica do nível narrativo e a distribuição figurativa na semântica do nível discursivo – no plano de expressão as categorias plásticas dão forma às imagens nele realizadas."

(PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do texto visual**: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2007, p. 100).

Na passagem, são mencionadas as chamadas categorias plásticas, detectadas no plano de expressão de um texto visual. Basicamente, elas apresentam as seguintes características:

I) Combinação/contraste de cores.

II) Combinação/contraste de formas.

III) Combinação/contraste de posição das formas no espaço.

Assinale a alternativa que apresenta, na sequência correta, as categorias a que se refere cada uma das características citadas:

a) Categorias eidéticas / categorias cromáticas / categorias topológicas

b) Categorias cromáticas / categorias topológicas / categorias eidéticas

c) Categorias topológicas / categorias eidéticas / categorias cromáticas

d) Categorias cromáticas / categorias eidéticas / categorias topológicas

e) Categorias eidéticas / categorias topológicas / categorias cromáticas

3. Observe a seguinte imagem:



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3AVincent_Willem_van_Gogh_128.jpg>. Acesso em: 3 set. 2017

Considerando-se, dentre as categorias plásticas para análise semiótica de textos visuais, apenas as categorias eidéticas, é correto afirmar que:
a) As cores claras representam a vida (girassóis vivos), e as cores escuras representam a morte (girassóis mortos/murchos).
b) Os efeitos de iluminação representam a vida (girassóis vivos), e os efeitos de sombra representam a morte (girassóis mortos/murchos).
c) As formas pontiagudas das flores representam a vida (girassóis vivos), e as formas arredondadas representam a morte (girassóis mortos/murchos).
d) O posicionamento ascendente das flores representa a vida (girassóis vivos), e o posicionamento descendente representa a morte (girassóis mortos/murchos).
e) Não são percebidas relações semissimbólicas na composição significativa da pintura tomada como base para a análise.

4. Considere o seguinte excerto:
"As semióticas sincréticas, a par das grandes teorias sinestésicas, multiplicam os estratos transformando-se em semióticas pluriplanas de natureza conotativa e apelando a várias substâncias de expressão [...] a própria textualização resulte de uma conjunção de diversas substâncias diferentes, manifestadas por uma mesma expressão."
(BABO, Maria Augusta Babo. Do texto como textura heterogénea ao texto como textura híbrida. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Orgs.). **Actas do III SPCOM**, v. 2, Teorias e Estratégias Discursivas. Covilhã: LABCOM, 2005, p. 195-202.)
A passagem faz menção ao fato de a Semiótica expandir seu campo de análise, abrindo espaço para a abordagem de:
a) Textos conotativos.
b) Textos sincréticos.
c) Textos verbais.
d) Textos planos.
e) Textos substanciais.

5. Considere a passagem:
"O texto não verbal espalha se em escala macro pela cidade e incorpora as decorrências de todas as suas microlinguagens [...] A cidade, enquanto texto não verbal, é uma fonte informacional rica em estímulos criados por uma forma industrial de vida e de percepção. [...] Os textos não verbais acompanham nossas andanças pela cidade, produzem-se, completam-se, alteram-se ao ritmo dos nossos passos e, sobretudo, da nossa capacidade de perceber, de registrar essa informação."
(FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 19-20).

A passagem relatada faz menção à onipresença da linguagem não verbal no cotidiano das cidades. A ideia de "completar-se" também surge quando essa linguagem alia-se aos segmentos verbais, dando origem:

a) Aos textos sincréticos, marcados pela confluência de linguagens em um mesmo ato enunciativo.

b) Aos textos sincréticos, marcados pela confluência de linguagens em atos enunciativos distintos.

c) Aos textos semióticos, marcados pela convergência de linguagens em um mesmo ato enunciativo.

d) Aos textos semióticos, marcados pela convergência de linguagens em atos enunciativos distintos.

e) Aos textos enunciativos, marcados pela confluência de linguagens em atos sincréticos distintos.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O texto na semiótica. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 71-91.

CASTILHO, Ataliba. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed São Paulo: Contexto, 2010.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. New media, new learning. In: COLE, D.; PULLEN, D. **Multiliteracies in motion**: current theory and pratic. New York: Taylor & Francis, 2009.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: _____ (Org.). **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 55-74.

FLOCH, Jean-Marie. Semiótica plástica e linguagem publicitária. **Significação**, São Paulo, n. 6, 1987, p. 29-50.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. As semioses pictorias. In. OLIVEIRA, Ana Cláudia (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves de. Visualidade, entre significação sensível e inteligível. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, jul./dez. 2005, p. 107-122.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves de.; TEIXEIRA, Lúcia. (Orgs). **Linguagens na Comunicação**: desenvolvimento de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica visual**. São Paulo: Contexto, 2004.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. O sincretismo entre as semióticas verbal e visual. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 15, 2006.

Ribeiro, Ana Elisa. Seis Clichês e uma sugestão sobre a leitura ba web. **Linguagem em (Dis) curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, set./dez. 2009, p. 585-602.

ROJO, Roxane. Genêros discursivos do Circulo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane.(Org.). **Escola Conect@ad@: os multiletramentos e as TICs**. ed. São Paulo: Parabóla, 2013, p. 13-26.

SILVEIRA, Ana Paula Pinheiro da; REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. O trono do estudar: o percurso gerativo de sentidos entre protestos e pifanos. In. TORCHI, Gicelma da Fonseca Chacarosqui; LIMBERTI, Rita de Cássio Pacheco; MELO, Sívia Mara de.(Orgs.). **Nas Tramas do discurso**: aspectos culturais e ideológicos. Florianópolis: Insular, 2017.

SILVEIRA, Ana Paula Pinheiro da; GUERRA-JUNIOR, Antônio Lemes; LIMOLI, Loredana. A Representação da Linguagem em Capas de Gramática: uma Abordagem Semiótica **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 15/3 (esp), dez. 2012, p. 361-385.

SOUZA, Sandra Maria Ribeiro de; SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. Análise da imagem publicitária: revisão de alguns modelos. In: **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: Intercom, 2006.

TATIT, Luiz. **Estimar canções**: estimativas íntimas na formação do sentido. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

TEIXEIRA, Lúcia. Achados e perdidos: análise semiótica de cartazes de cinema. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.169-198.

_____. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, A. C.; TEIXEIRA, L. (Orgs). **Linguagens na Comunicação**: desenvolvimento de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Semiótica e ensino

Antonio Lemes Guerra Junior

Objetivos de aprendizagem

Nesta unidade, *Semiótica e ensino*, você estará imerso em discussões balizadas pelos objetivos a seguir:

- Refletir sobre a presença da Semiótica nos Cursos de Letras e nos currículos escolares.
- Estabelecer as bases para a assunção da Semiótica como uma teoria aliada ao ensino de Língua Portuguesa.
- Conhecer estratégias didáticas voltadas para a aplicação da Semiótica em atividades de leitura e produção textual.

Para o alcance desses objetivos, a unidade está delineada com base nas seguintes seções:

Seção 1 | A presença da Semiótica na formação do professor

Nesta seção, a ideia é a de que você possa avaliar a relevância da inclusão, no currículo dos Cursos de Letras, de uma disciplina como a Semiótica, de modo que sejam verificadas as contribuições dessa teoria na formação dos professores de Língua Portuguesa.

Seção 2 | A Semiótica nas aulas de Língua Portuguesa

Nesta seção, você terá a oportunidade de refletir sobre a Semiótica a partir de um viés específico: o didático. De um modo geral, serão estabelecidas relações entre a teoria e o ensino de Língua Portuguesa, evidenciando, a partir de exemplos, em que medida os preceitos semióticos podem ser levados pelo professor para a sala de aula, nas atividades por ele propostas, especialmente aquelas situadas no âmbito da leitura.

Seção 3 | Proposta de abordagem semiótica em atividades de leitura e escrita

Nesta seção, encerrando as discussões do material, você, na qualidade de um professor em formação, poderá ter contato com uma breve proposta para a abordagem da Semiótica em sala de aula, como um recurso teórico eficaz para o aprimoramento das práticas de leitura e, consequentemente, de produção textual.

Introdução à unidade

A Semiótica pode entrar na sala de aula?

Talvez seja complexo responder a um questionamento como esse, assim, de cara, não é? Porém, adiantamos que, sim, esse ingresso da Semiótica na sala de aula é possível.

O ensino de Língua Portuguesa é pautado, como você sabe, na abordagem de alguns eixos específicos: oralidade; escrita; leitura e análise linguística. E, nesse contexto, muitas são as perspectivas teóricas que fundamentam a prática do professor. Especialmente, no que tange à abordagem da leitura, as atividades, de modo recorrente, resvalam na simplista ideia da "interpretação de texto" pautada na clássica pergunta: "o que o autor quis dizer?" Porém, é possível ir além disso, levando o aluno a responder: "o que o texto disse e como o fez?"

De modo que você possa percorrer essa trilha reflexiva, procedemos à organização das seguintes seções: (i) "A presença da Semiótica na formação do professor", que dá início à abordagem do tema da unidade, com reflexões pautadas na relevância da inclusão dessa teoria nos Cursos de Letras; (ii) "A Semiótica nas aulas de Língua Portuguesa", que estabelece conexões entre o quadro teórico da Semiótica e o contexto do ensino-aprendizagem de língua materna; e (iii) "Proposta de abordagem semiótica em atividades de leitura e escrita", em que é apresentada, brevemente, uma possível estratégia ao alcance do professor que deseja transformar as simples atividades de leitura em atividades de leitura semiótica.

Esperamos que você possa, ao final de todas as reflexões, aliar o ensinar ao ler semioticamente.

Vamos em frente?

Seção 1

A presença da Semiótica na formação do professor

Introdução à seção

Nas três unidades anteriores, você foi apresentado aos fundamentos – teóricos e analíticos – da Semiótica Greimasiana. Conheceu, por exemplo, suas origens, sua metodologia de análise de textos e, inclusive, sua amplitude, ou seja, o modo como seu olhar se expande, recobrindo textos de quaisquer naturezas, verbais ou não. Porém, considerando sua trajetória no curso de Letras, em que você vem sendo preparado para se tornar "professor", é essencial que abramos espaço para que você reflita sobre como uma teoria como essa pode ser inserida na sua futura prática pedagógica.

Assim, esta seção constrói, junto com você, uma reflexão que busca analisar a relevância da inclusão da disciplina de Semiótica nas matrizes curriculares dos cursos de Letras, assim como o seu. A ideia é a de que possamos verificar os principais benefícios de uma proposta como essa na formação de um professor de Língua Portuguesa. Acompanhe!

1.1 As teorias do texto na formação do professor

Você já tem uma longa caminhada dentro do Curso de Letras, certo?

Já parou para pensar em quantas teorias você teve a oportunidade de conhecer ao longo desse tempo? São muitas as perspectivas pelas quais nós, professores, trouxemos a você a análise da linguagem, não é?

Pois bem, dentro desse grande conjunto de informações, você, certamente, ouviu/leu o seguinte nome: Linguística. Tomada como ponto de partida para muitas das reflexões empreendidas no âmbito do curso, essa grande área do conhecimento caracteriza-se, como bem sintetiza Fiorin (2007), como "um conglomerado de objetos teóricos: a língua, a competência, a mudança, a variação, o uso, o discurso, o texto etc.". Em outras palavras, trata-se de um amplo campo no qual se abrigam variadas teorias, cada qual com seus preceitos, seus valores, suas convicções, seus modos de analisar os fenômenos da linguagem.

Embora muito diferentes em alguns pontos, essas diferentes teorias podem ser agrupadas em duas grandes frentes, como aponta o Quadro 4.1, a seguir, a partir de uma proposta de Fiorin (2007): de um lado, estariam aquelas essencialmente ligadas a uma visão mais estruturalista, tomando a língua como um sistema, um conjunto de regras que permitem combinações infindáveis, tudo, porém, dentro dos seus limites sistemáticos; do outro lado, por sua vez, estariam aquelas que, ampliando sua abordagem, extrapolam os limites definidos por esse sistema, numa incursão pelo contexto, pela história, pela ideologia, por tudo aquilo que pode colaborar na construção do sentido.

Quadro 4.1 | Subdivisão geral dos estudos linguísticos

Linguística	
Estudos da Língua	"examinam dos fonemas à frase"
Estudos do Discurso e do Texto	"analisam as unidades transfrásticas, aquelas que se formam com períodos e, portanto, estão acima deles"

Fonte: adaptado de Fiorin (2007).

Poderíamos dizer que os "estudos da língua", uma vez mais sistemáticos, são também mais objetivos, opondo-se à relativa subjetividade que recobre, muitas vezes, o olhar do analista que envereda pelos "estudos do discurso e do texto". De um modo geral, porém, embora em polos que parecem opostos, todos esses estudos complementam-se, uma vez que nos colocam diante de reflexões sobre aquilo que faz parte da nossa essência enquanto indivíduos: o uso da língua, a linguagem e suas manifestações, o texto e suas formas.

O fato é que, dentro dessa grande quantidade de perspectivas, não há a possibilidade, a menos que isso seja feito de modo superficial, de sabermos tudo sobre todas essas teorias, de trabalhar com todas elas ao mesmo tempo. Tudo depende de nossas afinidades, nossos objetivos, nossa caminhada acadêmica. Pense em você, por exemplo: com qual perspectiva teórica mais se identificou ao longo do curso? Talvez isso defina sua trajetória durante sua pós-graduação, fazendo com que você se enquadre em um grupo específico de estudiosos

com os mesmos interesses.

Como, no caso da Semiótica, estamos inseridos no âmbito dos estudos discursivos/textuais, veja, a seguir, no Quadro 4.2, as correntes teóricas do discurso e do texto mais seguidas no Brasil.

Quadro 4.2 | Teorias discursivo-textuais mais influentes no país

Teorias do discurso e do texto mais seguidas no Brasil	
Semiótica Narrativa e Discursiva	Estudo dos procedimentos envolvidos na construção do que o texto diz.
Análise do Discurso de linha francesa	Estudo do discurso sob uma perspectiva materialista-histórica e ideológica.
Análise Crítica do Discurso	Estudo do discurso enquanto prática social e as relações de poder envolvidas.
Análise da Conversação	Estudo das interações verbais e não verbais em situações formais ou informais.
Linguística Textual	Estudo do texto com base nos fatores que determinam sua textualidade.
Análise Dialógica do Discurso	Estudo do discurso sob um viés dialógico, baseado no seu diálogo com outros discursos.

Fonte: adaptado de Fiorin (2007).

Embora com perspectivas e interesses por vezes bastante distintos, todas elas têm um papel fundamental na formação do professor de Língua Portuguesa, pois esse profissional, ao ter como objeto de ensino, em suas aulas, o conjunto língua-linguagem-texto-discurso, precisa ter, no mínimo, uma noção dos elementos que fundamentam diferentes tipos de análise, o que pode enriquecer sua prática pedagógica.

Além disso, essas teorias do discurso e do texto têm seu destaque amparado na ideia de que, já há algum tempo, a visão de língua enquanto sistema não tem tido mais tanto espaço nas salas de aulas, nas concepções que embasam o ensino de Língua Portuguesa, assim como orientam os documentos norteadores do ensino, já que, de certa forma, exclui a figura do sujeito, tão importante quando se analisa o texto, o discurso sócio-historicamente situado.

Obviamente, você deve estar se perguntando: será que eu estudei

tudo isso ao longo do meu curso? Na verdade, talvez nem sempre essas diferentes correntes apareçam com esses nomes, como disciplinas específicas. Muitas reflexões podem ser identificadas de modo diluído nas aulas, nas atividades, e o ideal é que se busque, sempre que possível, uma complementação, com leituras e estudo das referências indicadas.

E a Semiótica, como fica nesse contexto? Vamos falar sobre ela, especificamente, a partir de agora.

1.2 A Semiótica nos cursos de Letras

A presença da Semiótica, como uma disciplina, nos cursos de Letras, não é algo unânime. Uma rápida conversa com professores formados nessa área pode evidenciar que nem todos tiveram a mesma oportunidade que você: estudar os princípios semióticos de análise de textos.

Boa parte das pessoas que "aprendem" a teoria semiótica o fazem em disciplinas optativas, não obrigatórias ou, ainda, apenas nos cursos de pós-graduação, sejam especializações, mestrados ou doutorados, quase sempre, também, não condicionadas à obrigatoriedade, mas à necessidade, devido ao projeto de pesquisa que se pretende levar adiante.

Deixando de lado, porém, essa realidade, a pergunta que evocamos é: "Para que semiótica nos cursos de Letras?" Essa pergunta dá título a um texto muito interessante, de Galvão (2017, s.p)[1], para quem, embora em uma abordagem mais ligada à perspectiva peirceana (que estudamos brevemente na Unidade 1), a Semiótica é um instrumento importante para que o professor possa "apresentar ferramentas capazes de mobilizar **recursos cognitivos** do aluno para que ele passe a enxergar com lupa o mundo em que está inserido", marcado por elementos significativos de todas as formas e em todos os lugares.

Dentro dessa mesma linha de raciocínio, Simões (2000, p. 113) salienta:

[1] Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/blog/entry/por-que-semiotica-nos-cursos-de-letras-1.html>. Acesso em: 17 set. 2017.

> A introdução da Semiótica nos cursos de Letras como matéria indispensável, obrigatória, vai atender às exigências técnico-científicas necessárias para um trabalho adequado com um espaço aberto de linguagens, onde os sentidos humanos que se expressam, concretizam-se em situações verbais e não verbais. Estas se dão por meio de cruzamentos verbo-visuais, audiovisuais, áudio-verbo-visuais, etc. [...] Podemos assim falar em linguagens que se confrontam nas práticas sociais e na história, fazendo com que a circulação de sentidos produza formas sensoriais e cognitivas diferenciadas.

Vê-se, a partir desses apontamentos, que a abordagem de textos contemporâneos, marcados pelo sincretismo de linguagens, exigido no atual trabalho do professor de Língua Portuguesa, poderia ser aprimorada se esse profissional fosse preparado, de fato, para lidar com aspectos da significação que emergem dessas diferentes manifestações semióticas. Isso estaria, inclusive, em conformidade com o que preconizam importantes documentos norteadores do ensino no país.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 20), por exemplo, na caracterização da área de Língua Portuguesa, já diziam:

> As condições atuais permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita considerando não só o conhecimento didático acumulado, mas também as contribuições de outras áreas, como a psicologia da aprendizagem, a psicologia cultural e as ciências da linguagem. O avanço dessas ciências possibilita receber contribuições tanto da psicolinguística quanto da sociolinguística; tanto da pragmática, da gramática textual, da teoria da comunicação, **quanto da semiótica**, da análise do discurso.

Várias correntes teóricas, incluindo a Semiótica, são colocadas nesse discurso normativo como um fator de contribuição, de modo que sejam repensadas as bases das atividades de leitura. Porém, é válido ressaltar que, mesmo após duas décadas, no discurso da atual Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 59), não a teoria em si, mas a ideia de "semiótico" continua a ser reiterada:

> Cada ato de linguagem não é uma criação em si, mas está inscrito em um **sistema semiótico de sentidos múltiplos** e, ao mesmo tempo, em um processo discursivo [...] Ao se abordar a linguagem no **sistema semiótico**, que estuda a significação dos textos que se manifestam em qualquer forma de expressão, pode-se falar de formas de linguagem: verbal (fala e escrita), não verbal (visual, gestual, corporal, musical) e multimodal (integração de formas verbais e não verbais).

Mais uma vez, numa breve análise de passagens como essa, você percebe que há a preocupação com a formação de um leitor proficiente, capaz de enxergar os sentidos presentes nos textos, em especial naqueles em que as linguagens são diferenciadas. Porém, nas salas de aula, ainda são insipientes as abordagens que caminham nessa direção, reflexo de um tradicional processo formativo empreendido pelas instituições responsáveis pela formação dos professores de Língua Portuguesa, as quais, conforme aponta Bruning (2010, p. 1138), mantêm uma proposta ainda "voltada apenas ao código verbal, preferencialmente escrito", de modo a "preservar a identidade do professor, como sendo um especialista de língua e não de linguagens".

Evocando, inclusive, conceitos que você aprendeu durante o estudo do Percurso Gerativo de Sentido, na Unidade 2, a autora, ao constatar a ausência da teoria nas matrizes curriculares de alguns cursos de Letras, faz uma análise semiótica dessa situação, apontando como eixo semântico fundamental a oposição "aceitação x repúdio da teoria semiótica e a um ensino efetivo dos gêneros sincréticos" (BRUNING, 2010, p. 1138). Você, no entanto, está inserido em um contexto diferenciado, em que a aceitação da Semiótica é recoberta por valores eufóricos, positivos, o que lhe garante uma formação que dá espaço para as contribuições de um referencial tão importante como esse.

Isso está em consonância com as reflexões de Simões (2004a, p. 127), pois, considerando-se a hipótese de que "o mundo é um construto semiótico", há a "necessidade de preparação de recursos humanos especializados em estudos semióticos", ou seja, de professores preparados para lidar, em sala de aula, com essa teoria, o que exige, em decorrência, "a inclusão de subsídios semióticos nos currículos

escolares e de disciplinas de Semiótica nos cursos de graduação".

Assim, na próxima seção, você poderá verificar em que medida a Semiótica pode, de fato, contribuir para a sua atuação como professor de Língua Portuguesa.

Para saber mais

Tudo o que discutimos até aqui, ao longo desta seção, pode ser sintetizado na seguinte ideia: é relevante, em um curso de Letras, o ensino da Semiótica. Diante disso, considerando que, hoje, o ensino pode se dar de modo presencial ou a distância, sugerimos a leitura do artigo *Como e por que dar aulas de semiótica on-line*[2], de Matte (2009).

No texto, a autora mostra como os recursos digitais podem ser mobilizados a favor de uma abordagem acadêmica da teoria, indicando possibilidades de avaliação e de disseminação dos resultados, além de evidenciar os papéis actanciais desempenhados pelos atores envolvidos no processo, alunos e professores.

Questão para reflexão

Para que você reflita um pouco a respeito, deixamos uma importante questão: qual a amplitude da presença da Semiótica, enquanto disciplina, nos cursos de Letras do Brasil?

Esse questionamento, além de um item para reflexão, configura-se como um convite à pesquisa: consulte, na internet, as matrizes curriculares de cursos de Letras de diferentes instituições e verifique se os acadêmicos têm tido a oportunidade de conhecer, durante a sua formação, uma teoria como essa.

[2] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe51/2009esse51-acfmatte.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

Atividades de aprendizagem

1. Quais as principais teorias que embasam os estudos linguísticos no Brasil, voltadas ao exame do discurso e do texto? Qual o seu papel na formação do professor de Língua Portuguesa?

2. Quais os principais benefícios decorrentes da inclusão de uma disciplina como a Semiótica no currículo dos Cursos de Letras?

Seção 2

A Semiótica nas aulas de Língua Portuguesa

Introdução à seção

Você percebeu, na seção anterior, que a Semiótica, embora de indiscutível relevância na formação do professor de Língua Portuguesa, ainda é pouco presente nos cursos formadores desses profissionais e, consequentemente, nas salas de aula. Agora, nesta seção, no intuito de ampliar essa reflexão e evidenciar que a Semiótica pode, mesmo, ser tomada como um importante recurso didático, vamos discutir o modo como os preceitos semióticos podem ser inseridos, pelo professor, nas suas propostas de atividades, com maior ênfase para aquelas que atendem ao eixo do ensino da leitura.

Perceba que as discussões aqui empreendidas podem ser convertidas, por você, em ideias para a construção de seu perfil como professor. Em outras palavras, você pode se valer das indicações aqui efetuadas para rever suas concepções sobre a abordagem da leitura. Aprecie-as sem moderação!

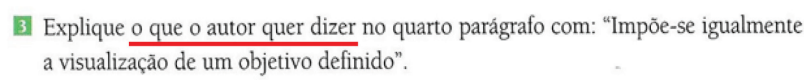
2.1 As relações entre a Semiótica e o ensino de leitura

A leitura constitui, ao lado da escrita, da oralidade e da análise linguística, um dos eixos norteadores do ensino de Língua Portuguesa. Ao longo do seu curso, você deve ter tido contato com muitas reflexões que pretenderam lhe mostrar o espaço de todos esses elementos dentro das aulas ministradas por um "professor de português". Inclusive, até mesmo em seus estágios, você deve ter, em algum momento, proposto algum tipo de atividade ou, até mesmo, presenciado atividades envolvendo, se não todos, pelo menos algum desses eixos.

Pare, então, por alguns instantes e reflita: como seria uma atividade de leitura proposta por você?

Temos o hábito de reproduzir, em nossa prática, muito daquilo que os livros didáticos trazem. Observe, por exemplo, o enunciado a seguir, extraído de um livro didático voltado ao ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio:

Figura 4.1 | Enunciado típico de livros didáticos para as atividades de leitura e interpretação


3 Explique o que o autor quer dizer no quarto parágrafo com: "Impõe-se igualmente a visualização de um objetivo definido".

Fonte: Terra e Nicola (2008, p. 20).

Retomando o que dissemos na introdução a esta unidade, é preciso que se repense a simplicidade contida em enunciados como "o que o autor quis dizer?", os quais revelam, além disso, falta de foco, de objetivo para a leitura. Conforme Fiorin (2004, p. 9), "não basta recomendar que o aluno leia atentamente o texto muitas vezes, é preciso mostrar o que se deve observar nele". Ao se mostrar os caminhos a serem percorridos pelo aluno no processo de leitura, permite-se que ele responda uma pergunta além: "o que o texto disse e como o fez?"

Esse questionamento que, como você deve se lembrar, sintetiza o objetivo basilar da teoria semiótica sob o viés greimasiano, é o ponto de partida para nossas reflexões, pautadas em diferentes abordagens, propostas por diferentes autores, como você pode conferir a seguir.

2.2 Diferentes linguagens, diferentes textos, mas uma mesma teoria

Neste tópico, nossa intenção é a de evidenciar a você a grande quantidade de propostas que são empreendidas por professores/pesquisadores para a abordagem da Semiótica nas atividades pedagógicas, especialmente voltadas à leitura, nas aulas de Língua Portuguesa. Leia as especificidades de cada um desses exemplos, selecionados dentre tantos outros, e tente articulá-los com suas próprias concepções e ideias, a partir de tudo o que já estudou até aqui.

Inicialmente, quando se pensa na abordagem de textos por meio da Semiótica, em especial, considerando-se as especificidades do Percurso Gerativo de Sentido, percebe-se certa preferência para a seleção de gêneros narrativos, em que, conforme já discutimos na Unidade 2, os papéis actanciais – sujeitos e objetos de valor – responsáveis pela configuração da narratividade são mais evidentes. Assim, de fato, um dos primeiros passos para exemplificar o uso pedagógico da teoria semiótica está na sua articulação com a esfera literária:

- Em "A terceira margem do sentido: a semiótica do discurso como ferramenta de análise do texto literário no ensino médio[3]" , Santos (2015) propõe a abordagem da Semiótica

na leitura de um conto, de modo a propiciar aos leitores do Ensino Médio o "reconhecimento das estruturas significativas do texto". Segundo o autor, a teoria possibilita um trabalho de leitura mais aprofundado, sob um viés estético, permitindo que se desperte nos alunos "o interesse em descobrir os jogos que permeiam a linguagem" (p. 14).

- Já em *A semiótica narrativa e discursiva como instrumento na integração entre o ensino de língua e de literatura*[4]", Santoro (2009), de um modo inusitado, procura conciliar a teoria semiótica na abordagem do texto literário com vistas ao ensino de línguas estrangeiras. Na perspectiva da autora, ao mesmo tempo em que se procura mostrar, por meio dos textos literários, as especificidades da língua em aprendizado, com a teoria, permite-se ao aluno o desenvolvimento da "sensibilidade necessária para ler para além da aparência dos textos" (p. 38).
- Ainda nos domínios da leitura semiótica dos textos literários, mas, agora, no âmbito da literatura infantil, em *O ensino da leitura: uma abordagem semiótica*[5], Gomes (2004) faz uma rica reflexão sobre o uso da Semiótica como recurso para o aprimoramento das atividades de leitura. Para a autora, considerando que a formação do leitor inicia-se antes mesmo da alfabetização, deve-se dar espaço para a leitura, além de palavras, de imagens. Assim, por meio de uma proposta que se amplia para a abordagem semiótica de um livro literário infantil, com a análise, inclusive, das ilustrações (elementos não verbais), a autora indica a necessidade de se deixar de lado "o jogo de adivinhação nada divertido que muitas vezes representa a atividade de ler", de modo que a leitura torne-se "uma oportunidade de interlocução, de interação e, consequentemente, de aprendizagem e transformação" (p. 140).

Perceba que o texto literário é a porta de entrada para uma ampla rede de possibilidades envolvendo a leitura sob um viés semiótico. No

---

[3] Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/3547>. Acesso em: 17 set. 2017.

[4] Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/56915>. Acesso em: 17 set. 2017.

[5] Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/1/09.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

último exemplo citado, como você pôde ver, Gomes (2004) analisa não só o texto literário verbal, mas também os elementos visuais que o acompanham. E, assim, essa mobilização dos recursos sincréticos vão, gradativamente, tomando novas roupagens:

- Em *Uma contribuição da semiótica greimasiana para o estudo de um gênero textual*[6], de modo criativo, Nascimento (2003), por meio dos preceitos semióticos greimasianos, delineia uma proposta de abordagem de "embalagens de cigarros", tomando-as como manifestações concretas de um gênero discursivo que circula socialmente. A ideia da autora tem como objetivo "a formação do leitor reflexivo e crítico da imagem como parte integrante do todo de sentido" (p. 161). Trata-se da possibilidade de se trabalhar aspectos como as relações entre temas e figuras na construção de textos altamente argumentativos.

Pare, agora, e pense: quantas embalagens de produtos circulam, cotidianamente, em nossas atividades sociais? Tomando o exemplo como base, imagine quantas atividades como essa poderiam ser empreendidas nas salas de aula, partindo de textos comuns à realidade do aluno e extremamente ricos em termos de significação. Aliás, essa articulação entre o mundo da sala de aula e a realidade do aluno também é observada em exemplos como estes:

- Em *Semiótica, música e ensino do português*[7], Simões (2005) propõe refletir sobre a possibilidade de dinamizar as aulas de Língua Portuguesa, com base em "estratégias didáticas de base semiótico-estilística para a implementação de um ensino do idioma a partir da exploração de letras de música brasileira" (p. 1272).
- Já em *Utilização da telenovela no desenvolvimento de competências de leitura: uma abordagem semiótica*[8], Limoli e Mendonça (2009) partem da ideia de que "a televisão e, particularmente, a telenovela, fornece um material interessante

---

[6] Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4825>. Acesso em: 17 set. 2017.

[7] Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/semiotica-musica-e-ensina1388.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

[8] Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_44.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

para essa dupla utilização da imagem: como instrumento mediador e fonte de criticidade" (p. 553). Assim, textos sincréticos, como as telenovelas brasileiras, exemplos de narrativas consistentes e mobilizadoras de conteúdos sociais, são tomados como objetos de análise semiótica ao alcance dos professores e dos alunos.

Você consegue visualizar, nesses exemplos que abrem espaço para os textos visuais, a possibilidade de aplicação dos conceitos estudados na Unidade 3, em que discutimos as especificidades das semióticas sincréticas? Muito interessante, não é? É possível, assim, que você se conscientize de que, quando exemplificamos a análise semiótica do texto visual com a leitura de uma pintura, não estamos, de modo algum, limitando suas possibilidades. Muito pelo contrário, quaisquer que sejam os textos sincréticos, eles podem ser tomados como objetos didáticos para atividades de leitura semiótica. Isso, inclusive, vai ao encontro dos exemplos a seguir:

- Em *A imagem como objeto de ensino*[9], Lara (2011) propõe estratégias de abordagem de textos visuais ou sincréticos, "por meio da articulação entre conteúdo e expressão, buscando-se [...] a homologação entre categorias desses dois planos, de modo a construir relações semissimbólicas" (p. 1). Assim, com base em representações imagéticas presentes em uma fotografia e em um anúncio publicitário, a autora evidencia de que modo os alunos podem ser levados à identificação dos sentidos do texto. Vale ressaltar que, embora as atividades propostas pela autora tenham sido direcionadas a alunos de graduação como você, nada impede que você as tome como inspiração para sua atuação nessa área.

Viu quantas são as possibilidades de emprego da Semiótica em atividades de leitura? Tome essas propostas como referências de estudo, para que você possa explorar suas especificidades, conhecendo em detalhes como esses autores construíram suas ideias em torno de uma concepção semiótica. Na próxima seção, deixaremos um exemplo, mais bem detalhado, para que você possa ter um ponto de partida para a sua prática pedagógica no universo da Semiótica.

---

[9] Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/4423/3917>. Acesso em: 17 set. 2017.

Para saber mais

Todas as propostas brevemente descritas nesta seção têm em comum a base teórica: a Semiótica Greimasiana. Como você sabe, uma das maiores contribuições dessa teoria para a abordagem da leitura reside na sua metodologia de análise: o Percurso Gerativo de Sentido. Assim, de modo a consolidar essa relevância como um recurso didático ao dispor do professor de Língua Portuguesa, sugerimos a leitura de dois outros artigos: *Fundamentos teóricos para o ensino da leitura*[10], de Fiorin (1991), e *Percurso gerativo de sentido nas aulas de leitura*[11], de Monteiro e Vedovato (2008).

Publicados em momentos distintos e distantes um do outro, o que, por si só, já nos mostra que a aplicabilidade didática da Semiótica já vem sendo discutida há bastante tempo, ambos os textos objetivam evidenciar o papel da teoria semiótica na formação do leitor crítico, proficiente, capaz de depreender os sentidos do texto a partir das estratégias metodológicas discutidas.

Questão para reflexão

Já que voltamos a falar do Percurso Gerativo de Sentido, reflita: como aplicar esse modelo de análise semiótica com alunos, tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio, sem incorrer no risco de preencher as aulas com conceitos teóricos complexos, que poderiam confundir os alunos? Esse é um grande desafio. Pense a respeito.

Atividades de aprendizagem

1. Qual a principal relação a ser estabelecida entre a Semiótica e o ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa?

2. A Semiótica, nas aulas de Língua Portuguesa, pode colaborar na abordagem de que tipos de textos, de que linguagens?

---

[10] Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11408/6883>. Acesso em: 17 set. 2017.

[11] Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/2354/1775>. Acesso em: 17 set. 2017.

Seção 3

Proposta de abordagem semiótica em atividades de leitura

Introdução à seção

Chegamos à última seção da unidade e, também, de nosso livro da disciplina de Semiótica. A ideia, aqui, é a de dar continuidade às reflexões iniciadas na seção anterior, quando tratamos de exemplos de propostas para a abordagem dos conceitos semióticos em atividades de leitura ou, de um modo geral, no ensino de língua. Assim, deixamos mais um exemplo, agora de modo um pouco mais detalhado, a partir do qual você pode construir suas estratégias na qualidade de um "professor semioticista".

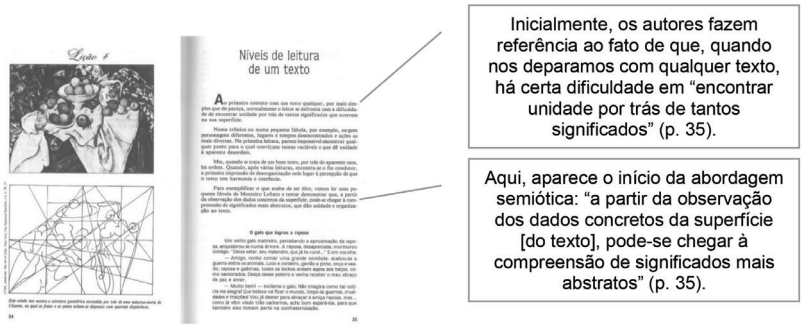
Você verá que, além da leitura, são feitas menções à prática da escrita, considerando a íntima relação entre esses dois eixos norteadores do ensino. Leia os itens a seguir com atenção e não deixe de retomar tudo o que discutimos até aqui, articulando os conceitos assimilados para aprimorar sua compreensão.

3.1 Conhecendo novos modos de leitura

O exemplo de abordagem apresentado a você parte da proposta de Fiorin e Savioli (2007), na obra *Para entender o texto: leitura e redação*, um clássico material[12] no que tange ao universo do ensino da leitura e da redação. Basicamente, o foco está centrado nas estratégias apresentadas pelos autores na Lição 4, "Níveis de leitura de um texto" (p. 35-43). Observe, com base nas imagens a seguir, o caminho percorrido pelos autores.

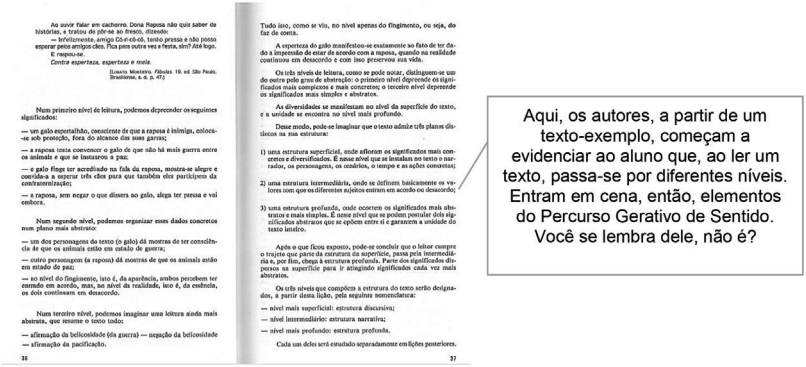
[12] Se você tiver interesse, faça uma busca em livrarias ou, até mesmo, em sebos, a fim de adquirir um exemplar. Vale a pena o investimento!

Figura 4.2 | Introdução aos conceitos semióticos (1)



Fonte: Fiorin e Savioli (2007, p. 34-35).

Figura 4.3 | Introdução aos conceitos semióticos (2)



Fonte: Fiorin e Savioli (2007, p. 36-37).

Vale ressaltar que, nessa primeira parte, os autores, primeiramente, percorrem os três níveis de leitura, evidenciando aspectos observáveis no texto, partindo de elementos mais concretos em direção a elementos mais abstratos: quem são os personagens > o que eles representam > as ideias que sintetizam o texto. A partir desses apontamentos, os autores apresentam ao estudante uma organização estrutural do texto: uma estrutura superficial (discursiva); uma estrutura intermediária (narrativa); e uma estrutura profunda.

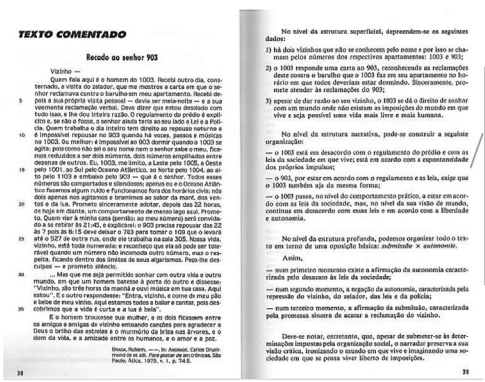
Se você pensar um pouco sobre isso, verá que esses três níveis estruturais correspondem as três etapas de análise do Percurso Gerativo de Sentido estudadas na Unidade 2: o nível fundamental, o narrativo e o

discursivo. Porém, ao mesmo tempo, você deve estar se perguntando: por que o caminho proposto pelos autores é inverso àquele que conhecemos? Ou seja: na Unidade 2, vimos que a Semiótica propõe uma análise que parte do nível mais simples e abstrato (o fundamental) ao mais complexo e concreto (o discursivo) BARROS 2007; FIORIN, 2008), porém, no exemplo agora apresentado, Fiorin e Savioli (2007) partem das estruturas superficiais do texto (o nível discursivo) em direção às mais profundas (o nível fundamental). Por quê?

Trata-se apenas de uma opção metodológica pautada no público-alvo. Podemos considerar que uma abordagem teórica tal como delineada possa parecer complexa demais para alunos, por exemplo, do Ensino Médio, com os quais poderiam ser trabalhadas as atividades de um livro como esse. Isso difere do seu caso, um aluno de graduação, que conheceu a teoria como ela foi idealizada. Além disso, sobre esses níveis estruturais, os autores afirmam: "cada um deles será estudado separadamente em lições posteriores" (FIORIN; SAVIOLI, 2007, p. 37), o que evidencia, conforme já havíamos contemplado neste material, a possibilidade de as análises via Percurso Gerativo de Sentido enfatizarem, se assim desejar o analista, leituras segmentadas ou, ainda, na ordem em que ele desejar.

Retomando o exemplo de abordagem, depois de considerações iniciais que mostram ao aluno a organização textual em níveis, os autores trazem um exemplo a mais para a leitura guiada:

Figura 4.4 | Introdução aos conceitos semióticos (3)



TEXTO COMENTADO

Recado ao senhor 903

Vizinho —

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado o Lei e a Polícia. Quem trabalha e dá trabalho tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei seu nome nem o senhor sabe o meu, fiz-me mais conhecer pelos números, dois números empilhados entre quatro de outra rua. O 1003, me limito, a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo 1103 e ao Norte pelo 1004, ao abrir pelo 1103 e cerrando pelo 903 — o que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos, apenas o vizinho Artêmio ficamos alguns ruído e funcionamos fora dos horários, pois dos apenas nos agitamos e bramimos ao saber do nazi, dos vampiri e da lua. Prometo sinceramente abster, depois das 22 horas de hoje em diante, um comportamento de mesmo lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão: ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. Peço-lhe desculpas — e prometo silêncio.

... Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem bata à porta do outro e diga: "Vizinho, são três horas da manhã e você mataria em tua casa. Aqui estou". E o outro respondesse: "Entra, vizinho, e come do meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela".

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando cantos para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.

BRAGA, Rubem. — In: ANDRADE, Carlos Drummond de et alii. *Para gostar de ler crônicas*. São Paulo, Ática, 1975. v. 1, p. 74-5.

39

No nível da estrutura superficial, depreendem-se os seguintes dados:

1) há dois vizinhos que não se conhecem pelo nome e por isso se chamam pelos números dos respectivos apartamentos: 1003 e 903;

2) o 1003 responde uma carta ao 903, reconhecendo as reclamações deste contra o barulho que o 1003 faz em seu apartamento no horário em que todos deveriam estar dormindo. Sinceramente, promete atender às reclamações do 903;

3) apesar de dar razão ao seu vizinho, o 1003 se dá o direito de sonhar com um mundo onde não existam as imposições do mundo em que vive e seja possível uma vida mais livre e mais humana.

No nível da estrutura narrativa, pode-se construir a seguinte organização:

— o 1003 está em desacordo com o regulamento do prédio e com as leis da sociedade em que vive; está em acordo com a espontaneidade dos próprios impulsos;

— o 903, por estar em acordo com o regulamento e as leis, exige que o 1003 também aja da mesma forma;

— o 1003 passa, no nível do comportamento prático, a estar em acordo com as leis da sociedade, mas, no nível da sua visão de mundo, continua em desacordo com essas leis e em acordo com a liberdade e autonomia.

No nível da estrutura profunda, podemos organizar todo o texto em torno de uma oposição básica: *submissão* × *autonomia*.

Assim,

— num primeiro momento existe a afirmação da autonomia caracterizada pelo desacato às leis da sociedade;

— num segundo momento, a negação da autonomia, caracterizada pela repressão do vizinho, do zelador, das leis e da polícia;

— num terceiro momento, a afirmação da submissão, caracterizada pela promessa sincera de acatar a reclamação do vizinho.

Deve-se notar, entretanto, que, apesar de submeter-se às determinações impostas pela organização social, o narrador preserva a sua visão crítica, ironizando o mundo em que vive e imaginando uma sociedade em que se possa viver liberto de imposições.

39

Aqui, dando continuidade, os autores procedem à análise de mais um "texto comentado", mostrando ao aluno a trajetória a ser percorrida. Chama a atenção o uso de certos termos, como, por exemplo, "oposição básica" ou de "afirmação" e "negação" de ideias, o que evoca aspectos teóricos do nível fundamental.

Fonte: Fiorin e Savioli (2007, p. 38-39).

Mais uma vez, você deve se questionar sobre o uso de termos teóricos pertencentes ao domínio da teoria, certo? Sobre isso, ainda no prefácio da obra, os autores explicam que "se procurou evitar quanto possível a terminologia especializada e, quando seu uso se tornou indispensável, tomou-se o cuidado de definir os termos" (FIORIN; SAVIOLI, 2007, p. 3). Assim, ressaltamos que esse é um procedimento comum, que pode ser seguido por você: ao levar a Semiótica para suas aulas de leitura, obviamente, você não vai surpreender seus alunos com termos técnicos, como "actantes", "arranjos modais", "embreagem", entre tantos outros que conhecemos até aqui. Porém, as ideias basilares, como é o caso da "oposição semântica", por exemplo, podem ser tratadas, desde que seja permitido aos estudantes sua assimilação por meio de uma linguagem didática, que atenda ao seu nível de compreensão.

3.2 Tornando-se um leitor autônomo

Veja que, até agora, as propostas de leitura foram guiadas pelos autores. Afinal, em se tratando de um novo modo de leitura, é essencial esse apoio introdutório. Porém, o material abre espaço para que o aluno mostre sua autonomia.

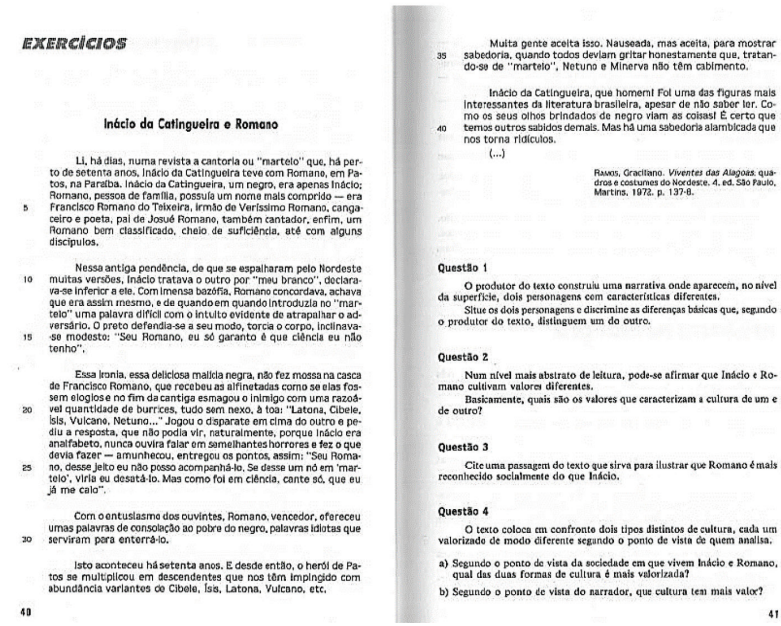
Sob o título de "Exercícios", Fiorin e Savioli (2007, p. 40-42) apresentam um terceiro texto para leitura, mas, dessa vez, acompanhado de perguntas capazes de guiar o percurso analítico do aluno. Vale observarmos aspectos dessas questões, uma vez que elas extrapolam a simplicidade daquele "o que o autor quis dizer?". Observe algumas delas:

Questão 1
O produtor do texto construiu uma narrativa onde aparecem, no nível da superfície, dois personagens com características diferentes. Situe esses dois personagens e discrimine as diferenças básicas que, segundo o produtor do texto, distinguem um do outro.

Questão 2
Num nível mais abstrato de leitura, pode-se afirmar que Inácio e Romano cultivam valores diferentes. Basicamente, quais são os valores que caracterizam a cultura de um e de outro?

Questão 5
Num nível mais profundo de leitura, o texto em questão está construído sobre uma oposição básica: superioridade versus inferioridade. Segundo o narrador, esses conceitos são relativos ou absolutos? Explique sua resposta.

Figura 4.5 | Exercícios de leitura autônoma



EXERCÍCIOS

Inácio da Catingueira e Romano

Li, há dias, numa revista a cantoria ou "martelo" que, há perto de setenta anos, Inácio da Catingueira teve com Romano, em Patos, na Paraíba. Inácio da Catingueira, um negro, era apenas Inácio; Romano, pessoa de família, possuía um nome mais comprido — era Francisco Romano do Teixeira, irmão de Veríssimo Romano, cangaceiro e poeta, pai de Josué Romano, também cantador, enfim, um Romano bem classificado, cheio de suficiência, até com alguns discípulos.

Nessa antiga pendência, de que se espalharam pelo Nordeste muitas versões, Inácio tratava o outro por "meu branco", declarava-se inferior a ele. Com imensa bazófia, Romano concordava, achava que era assim mesmo, e de quando em quando introduzia no "martelo" uma palavra difícil com o intuito evidente de atrapalhar o adversário. O preto defendia-se a seu modo, torcia o corpo, inclinava-se modesto: "Seu Romano, eu só garanto é que ciência eu não tenho".

Essa ironia, essa deliciosa malícia negra, não fez mossa na casca de Francisco Romano, que recebeu as alfinetadas como se elas fossem elogios e no fim da cantiga esmagou o inimigo com uma razoável quantidade de burrices, tudo sem nexo, à toa: "Latona, Cibele, Ísis, Vulcano, Netuno..." Jogou o disparate em cima do outro e pediu a resposta, que não podia vir, naturalmente, porque Inácio era analfabeto, nunca ouvira falar em semelhantes horrores e fez o que devia fazer — amunhecou, entregou os pontos, assim: "Seu Romano, desse jeito eu não posso acompanhá-lo. Se desse um nó em 'martelo', viria eu desatá-lo. Mas como foi em ciência, cante só, que eu já me calo".

Com o entusiasmo dos ouvintes, Romano, vencedor, ofereceu umas palavras de consolação ao pobre do negro, palavras idiotas que serviram para enterrá-lo.

Isto aconteceu há setenta anos. E desde então, o herói de Patos se multiplicou em descendentes que nos têm impingido com abundância variantes de Cibele, Ísis, Latona, Vulcano, etc.

40

Muita gente aceita isso. Nauseada, mas aceita, para mostrar sabedoria, quando todos deviam gritar honestamente que, tratando-se de "martelo", Netuno e Minerva não têm cabimento.

Inácio da Catingueira, que homem! Foi uma das figuras mais interessantes da literatura brasileira, apesar de não saber ler. Como os seus olhos brindados de negro viam as coisas! É certo que temos outros sabidos demais. Mas há uma sabedoria alambicada que nos torna ridículos.

(...)

RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*: quadros e costumes do Nordeste. 4. ed. São Paulo, Martins, 1972. p. 137-8.

Questão 1

O produtor do texto construiu uma narrativa onde aparecem, no nível da superfície, dois personagens com características diferentes.

Situe os dois personagens e discrimine as diferenças básicas que, segundo o produtor do texto, distinguem um do outro.

Questão 2

Num nível mais abstrato de leitura, pode-se afirmar que Inácio e Romano cultivam valores diferentes.

Basicamente, quais são os valores que caracterizam a cultura de um e de outro?

Questão 3

Cite uma passagem do texto que sirva para ilustrar que Romano é mais reconhecido socialmente do que Inácio.

Questão 4

O texto coloca em confronto dois tipos distintos de cultura, cada um valorizado de modo diferente segundo o ponto de vista de quem analisa.

a) Segundo o ponto de vista da sociedade em que vivem Inácio e Romano, qual das duas formas de cultura é mais valorizada?

b) Segundo o ponto de vista do narrador, que cultura tem mais valor?

41

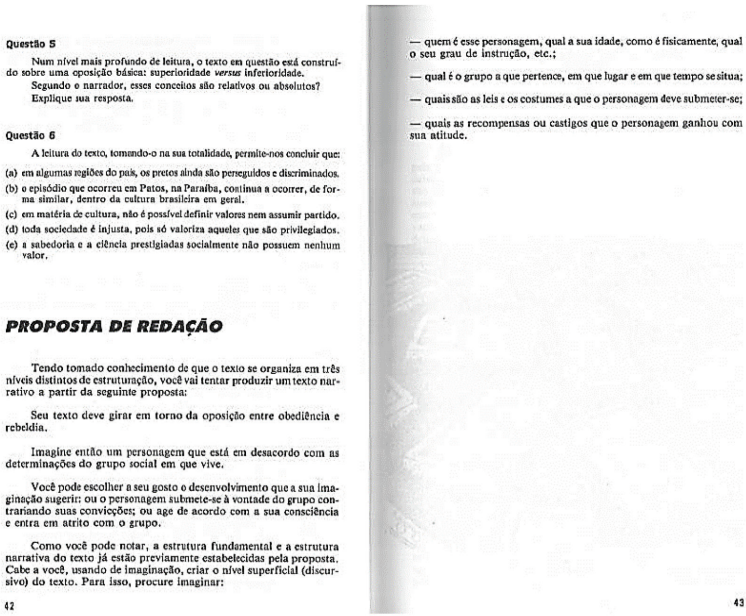
Fonte: Fiorin e Savioli (2007, p. 40-41).

Você percebeu como é possível propor ao aluno a reflexão semiótica sobre o texto, sem apelar para tantas terminologias? De um modo geral, muda-se o olhar a ser incidido sobre o texto: o aluno é levado a perceber detalhes que, numa atividade comum de "interpretação de texto", não identificaria.

3.3 Aplicando os conceitos na produção de textos

Por fim, depois dos exercícios de leitura, os autores trazem uma "proposta de redação", em consonância com o tema do material (leitura e redação). E a Semiótica entra nessa parte? Observe:

Figura 4.6 | Atividades de redação com base semiótica



Questão 5

Num nível mais profundo de leitura, o texto em questão está construído sobre uma oposição básica: superioridade *versus* inferioridade.
Segundo o narrador, esses conceitos são relativos ou absolutos?
Explique sua resposta.

Questão 6

A leitura do texto, tomando-o na sua totalidade, permite-nos concluir que:

(a) em algumas regiões do país, os pretos ainda são perseguidos e discriminados.
(b) o episódio que ocorreu em Patos, na Paraíba, continua a ocorrer, de forma similar, dentro da cultura brasileira em geral.
(c) em matéria de cultura, não é possível definir valores nem assumir partido.
(d) toda sociedade é injusta, pois só valoriza aqueles que são privilegiados.
(e) a sabedoria e a ciência prestigiadas socialmente não possuem nenhum valor.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Tendo tomado conhecimento de que o texto se organiza em três níveis distintos de estruturação, você vai tentar produzir um texto narrativo a partir da seguinte proposta:

Seu texto deve girar em torno da oposição entre obediência e rebeldia.

Imagine então um personagem que está em desacordo com as determinações do grupo social em que vive.

Você pode escolher a seu gosto o desenvolvimento que a sua imaginação sugerir: ou o personagem submete-se à vontade do grupo contrariando suas convicções; ou age de acordo com a sua consciência e entra em atrito com o grupo.

Como você pode notar, a estrutura fundamental e a estrutura narrativa do texto já estão previamente estabelecidas pela proposta. Cabe a você, usando de imaginação, criar o nível superficial (discursivo) do texto. Para isso, procure imaginar:

42

— quem é esse personagem, qual a sua idade, como é fisicamente, qual o seu grau de instrução, etc.;

— qual é o grupo a que pertence, em que lugar e em que tempo se situa;

— quais são as leis e os costumes a que o personagem deve submeter-se;

— quais as recompensas ou castigos que o personagem ganhou com sua atitude.

43

Fonte: Fiorin e Savioli (2007, p. 42-43).

A proposta de redação de Fiorin e Savioli (2007, p. 42) é assim introduzida ao aluno:

> Tendo tomado conhecimento de que o texto se organiza em três níveis distintos de estruturação, você vai tentar produzir um texto narrativo[13] a partir da seguinte proposta:
> Seu texto deve girar em torno da oposição entre obediência e rebeldia.
> Imagine então um personagem que está vivendo em desacordo com as determinações do grupo social em que vive.

[13] Cabe destacar que a ideia de "texto narrativo" permanece ligada ao conceito de "tipologia textual", não mais condizente com a contemporânea abordagem dos "gêneros discursivos", que estaria em consonância com os documentos oficiais norteadores do ensino de Língua Portuguesa. Uma proposta seria, por exemplo, solicitar que o aluno produzisse um "conto", materializando em seu texto um gênero narrativo específico.

Você viu isso? Muito legal, não é? Agora, o aluno deverá se colocar no papel de enunciador e encontrar os caminhos para construir o seu texto. A proposta dá continuidade, indicando ao aluno outros itens que devem ser contemplados na trajetória de seus personagens, seus sujeitos semióticos. Basicamente, como os próprios autores enfatizam, com as orientações, as estruturas fundamental (a oposição semântica) e narrativa (o sujeito e seus valores) já estão estabelecidas, cabendo ao aluno a construção da estrutura discursiva, indicando, por exemplo, as figuras que vão recobrir os temas presentes na narrativa.

Essa é apenas uma proposta de introdução à abordagem da Semiótica em sala de aula. Muitas outras possibilidades existem, inclusive com os textos visuais, embora você possa seguir, mais ou menos, a mesma linha: apresentar exemplos comentados e conceitos; permitir leituras autônomas; e propiciar a prática da escrita.

Para saber mais

A fim de complementar as ideias aqui propostas para a abordagem da Semiótica nas aulas de leitura, sugerimos a consulta à obra *Para entender o texto: leitura e produção*, de Fiorin e Savioli (2007), em sua completude. Como pudemos ver a partir dos fragmentos que exemplificaram o percurso dos autores, trata-se de um manual didático que dispõe o conteúdo "numa progressão, fundamentada na teoria que concebe a leitura como um processo em que se fazem abstrações cada vez mais crescentes", tomando o sentido do texto como uma "sucessão de patamares" (FIORIN; SAVIOLI, 2007, p. 4). Em síntese, a obra toma por base os preceitos da vertente greimasiana da Semiótica.

Adicionalmente, vale a leitura da obra *Lições de texto: leitura e redação*, de Fiorin e Savioli (2006), os quais, nesse outro material, trilham um caminho similar em sua proposta.

Questão para reflexão

Chegando praticamente ao final de nossa trajetória, não poderíamos deixar de propiciar-lhe a seguinte reflexão: como você, na qualidade de futuro professor, pretende levar a Semiótica para as suas aulas de Língua Portuguesa?

Atividades de aprendizagem

1. Como a abordagem da Semiótica colabora na formação de um leitor autônomo?

2. A partir do que você estudou, qual a contribuição da Semiótica nas atividades de escrita?

Fique ligado

Durante o estudo da unidade, você foi levado a refletir, essencialmente, sobre:

- o espaço da Semiótica na trajetória formativa dos professores de Língua Portuguesa;
- a aplicabilidade da teoria em sala de aula, com vistas ao aprimoramento das práticas pedagógicas;
- e as possibilidades didáticas para o desenvolvimento da competência leitora semiótica dos alunos.

A intenção por trás de reflexões como essas se ampara no nosso intuito de levar você, um futuro professor, além de, quem sabe, um futuro semioticista, a repensar o modo como pode ser trabalhada a leitura em sala de aula. É essencial que, ao final desse percurso, a partir de agora, você fique atento às novidades na área da Semiótica, acompanhando novas publicações, realizando leituras, enfim, aprendendo sempre mais. Portanto, fique ligado!

Para concluir o estudo da unidade

Chegamos ao fim da unidade e, também, de nossa trajetória de estudos. O que você achou de todo esse percurso? Esperamos que, além de ter conhecido um pouco sobre uma teoria tão importante como a Semiótica, você tenha compreendido que ela pode atuar a seu favor, em sala de aula, no ensino de Língua Portuguesa.

É essencial, porém, que você não tome o estudo aqui realizado como algo acabado. Nossas reflexões ao longo do material deixaram clara a ideia de que a Semiótica permanece em constante desenvolvimento. Assim, aproveite o momento para conhecer um pouco mais sobre

ela, a partir de novas pesquisas e estudos. Para ajudá-lo, deixamos, a seguir, algumas sugestões de artigos para que você possa ampliar o seu repertório de leituras:

- *Semiótica e ensino: práticas pedagógicas de leitura*[14], de Limoli et al. (2002);
- *Semiótica, leitura e produção de textos: alternativas metodológicas*[15], de Simões (2004a);
- *Semiótica & ensino: estratégias para a leitura e textualização*[16], de Simões (2004b);
- *Teoria semiótica e ensino de redação*[17], de Gomes (2006);
- *Semiótica & ensino: uma proposta*[18], de Simões (2009).

Como de praxe, teste seus conhecimentos respondendo às questões exibidas na sequência. Bons estudos!

Atividades de aprendizagem da unidade

1. Considere a seguinte passagem:
"[...] a inclusão de subsídios semióticos nos currículos escolares e de disciplinas de semiótica nos cursos de graduação documenta a necessidade de preparação de recursos humanos especializados em estudos semióticos." (SIMÕES, Darcília. Semiótica, leitura e produção de textos: alternativas metodológicas. **Caderno Seminal digital**, ano 11, n. 2, v. 1, p. 125-141, jul./dez. 2004.)
Com base naquilo que afirma a autora, é correto afirmar que:
a) os recursos humanos especializados tornam complexa a abordagem da

[14] Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/gt011.htm>. Acesso em: 17 set. 2017.

[15] Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_seminal/seminal02.pdf#page=125>. Acesso em: 17 set. 2017.

[16] Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4483/3285>. Acesso em: 17 set. 2017.

[17] Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/7/18.htm>. Acesso em: 17 set. 2017.

[18] Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_mdt/semiotica_&_ensino_2009.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

Semiótica em sala de aula.
b) a abordagem semiótica de documentos curriculares deve pautar o preparo nos cursos de licenciatura.
c) a Semiótica incluída nos cursos de graduação distancia-se da Semiótica presente nos currículos escolares.
d) as disciplinas de Semiótica dependem de documentação para tornarem a formação especializada.
e) é necessária a formação de professores para a abordagem da Semiótica nas escolas e nas universidades.

2. Considere o excerto a seguir:
"A viagem pelo mundo da leitura, principalmente a do mundo ficcional ou da fantasia, provoca efeitos magníficos no âmbito da aprendizagem, sobretudo no da língua; e os estudos semióticos vêm trazendo contribuições teóricas bastante significativas no que concerne à exploração dos mais variados códigos como auxiliares do processo de ensino/aprendizagem."
(SIMÕES, Darcília. Semiótica & Ensino: uma proposta. Alfabetização pela imagem. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009, p. 28.)
A partir do que propõe a autora, considere as afirmativas a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F):
( ) A abordagem semiótica pode ser feita a partir de diferentes códigos ou linguagens.
( ) A abordagem semiótica restringe-se à leitura de textos fantasiosos ou ficcionais.
( ) A abordagem semiótica situa-se fora dos estudos linguísticos.
Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:
a) V - V - F
b) V - F - F
c) V - F - V
d) F - V - F
e) F - F - V

3. Leia a seguinte passagem:
"É consensual o reconhecimento de que a _____ brasileira não tem cumprido satisfatoriamente o compromisso de ensinar o _____ a compreender e produzir _____ com proficiência. Ao final de oito anos de ensino fundamental e três de ensino médio, o estudante não tem se mostrado capaz de extrair do texto os _____ que ele transporta nem de redigir textos que produzam o resultado planejado."
(FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Lições de texto: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 5.)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
a) sociedade / indivíduo / gêneros / temas
b) educação / estudante / enunciados / significados
c) semiótica / professor / materiais / conteúdos
d) escola / aluno / textos / sentidos
e) teoria / analista / análises / dados

4. Considere a tirinha:



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>. Acesso em: 17 set. 2017.

Com base na interação entre os personagens, analise as afirmativas:
I) A interpretação de um texto deve se basear, apenas, na visão do professor.
II) A interpretação de um texto deve se basear, apenas, na visão do aluno.
III) A interpretação de um texto pode se pautar em múltiplas visões, a depender da perspectiva adotada para a análise.
É correto o que se afirma em:
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III.
e) Apenas II e III.

4. Com base nos conhecimentos acerca das associações entre Semiótica e Ensino, analise as asserções a seguir e a relação estabelecida entre elas:
I) A Semiótica deve ser tomada como uma das teorias possíveis para o embasamento das aulas de Língua Portuguesa.
PORQUE
II) A Semiótica possibilita uma abordagem mais eficaz de atividades relacionadas à leitura e, consequentemente, à escrita.
A respeito dessas asserções, assinale a alternativa correta:
a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa da I.

b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa da I.
c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
e) As asserções I e II são proposições falsas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC; SEB, 2017.

BRUNING, Keity Cassiana Seco. Reflexões sobre a importância da semiótica nos cursos de formação de professores. In: VIII SEPECH - Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas. **Anais**... Londrina: UEL, 2010, p. 1123-1142.

FIORIN, José Luiz. Fundamentos teóricos para o ensino da leitura. **Revista Letras**, Santa Maria, n. 2, jul./dez. 1991, p. 11-21.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. Entrevista a Artarxerxes Modesto. **Letra Magna**, ano 4, n. 7, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.letramagna.com/fiorin.htm>. Acesso em: 17 set. 2017.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto**: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

GALVÃO, Sonia Melchiori. Para que semiótica nos cursos de Letras? **Blog da Parábola Editorial**, 18 jan. 2017. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/blog/entry/por-que-semiotica-nos-cursos-de-letras-1.html>. Acesso em: 17 set. 2017.

GOMES, Regina Souza. O ensino da leitura: uma abordagem semiótica. **Linguagem em (re)vista**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, dez. 2004, p. 112-142.

GOMES, Regina Souza. Teoria semiótica e ensino de redação. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. X, n. 7, dez. 2006.

LARA, Glaucia Muniz Proença. A imagem como objeto de ensino. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 9, n. 1, jul. 2011, p. 1-14.

LIMOLI, Loredana et al. Semiótica e ensino: práticas pedagógicas de leitura. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 32, 2002.

LIMOLI, Loredana; MENDONÇA, Ana Paula Ferreira de. Utilização da telenovela no desenvolvimento de competências de leitura: uma abordagem semiótica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, set./dez. 2009, p. 551-560.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Como e por que dar aulas de semiótica on-line. **EsSe: Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2009, p. 28-34.

MONTEIRO, Andreia Cardoso; VEDOVATO, Luciana. Percurso gerativo de sentido nas aulas de leitura. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 4, n. 7, jan./jun. 2008, p. 21-32.

NASCIMENTO, Cláudia Lopes. Uma contribuição da semiótica greimasiana para o estudo de um gênero textual. **Signum**, Londrina, v. 1, p. 161-180, 2003.

SANTORO, Elizabetta. A Semiótica Narrativa e Discursiva como Instrumento na Integração entre o Ensino de Língua e de Literatura. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 18, 2009, p. 25-39.

SANTOS, Elijames dos. A terceira margem do sentido: a semiótica do discurso como ferramenta de análise do texto literário no ensino médio. **Littera**, São Luis, v. 6, n. 9, 2015, p. 1-15.

SIMÕES, Darcília. A formação docente em letras à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais: códigos e linguagens. In: AZEREDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate**. Conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 112-117.

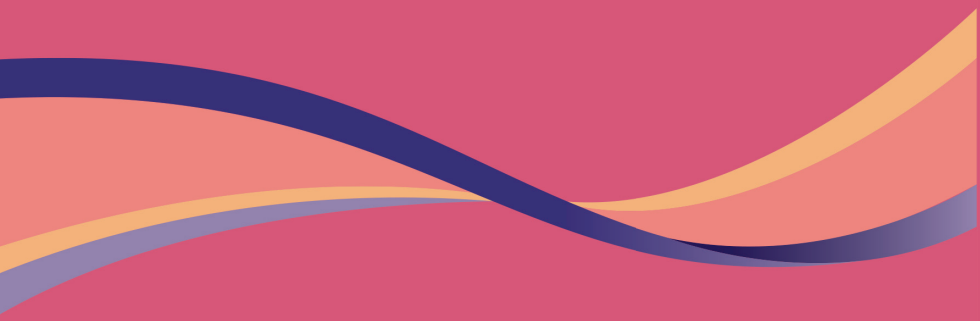
SIMÕES, Darcília. Semiótica, leitura e produção de textos: alternativas metodológicas. **Caderno Seminal digital**, ano 11, n. 2, v. 1, jul./dez. 2004a, p. 125-141.

SIMÕES, Darcília. Semiótica & ensino: estratégias para a leitura e textualização. **Soletras**, São Gonçalo, ano IV, n. 7, jan./jun. 2004b, p. 130-139.

SIMÕES, Darcília. Semiótica, música e ensino do português. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 34, 2005, p. 1272-1277.

SIMÕES, Darcília. **Semiótica & ensino**: uma proposta. Alfabetização pela imagem. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Práticas de linguagem**: leitura & produção de textos. São Paulo: Scipione, 2008.



ISBN 978-85-522-0320-9